

Caminhos e Contos:

a ressocialização pela palavra

Realização



Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais

Escola Judicial Desembargador Edésio Fernandes - EJEJF

Rua Raul Pompeia, nº 101, 7º andar, São Pedro, Belo Horizonte/MG

CEP 30330-080

Endereço eletrônico: www.ejef.tjmg.jus.br

E-mail: gejur@tjmg.jus.br

Os conceitos e afirmações emitidos nesta obra são de responsabilidade exclusiva de seus autores. Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

C191 Caminhos e contos : a ressocialização pela palavra / Tiago Pinto [e] Rosana de Mont'Alverne Neto (orgs.); Adriana Nascimento dos Santos... [et al.] - Belo Horizonte: Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais, Escola Judicial "Des. Edésio Fernandes", 2021.

244 p.

ISBN: 978-65-87273-03-7

Coletânea dos contos apresentados no "Curso de Formação de Contadores de Histórias" na Apac feminina de Belo Horizonte, em 2020.

1. Contos – Coletânea. I. PINTO, Tiago (org.).

II. MONT'ALVERNE NETO, Rosana de (org.).

CDU: 82-34(81)

CDD: 869.3

Ficha catalográfica elaborada pela
COBIB - Coordenação de Biblioteca do TJMG

Organizadores:

Des. Tiago Pinto
Rosana de Mont'Alverne Neto



A ressocialização pela palavra

Belo Horizonte
Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais
2021

Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais

Desembargador Gilson Soares Lemes

Presidente

Desembargador José Flávio de Almeida

1º Vice-Presidente

Desembargador Tiago Pinto

2º Vice-Presidente

Desembargador Newton Teixeira Carvalho

3º Vice-Presidente

Desembargador Agostinho Gomes de Azevedo

Corregedor-Geral de Justiça

Desembargador Edison Feital Leite

Vice-Corregedor-Geral de Justiça

Escola Judicial Desembargador Edésio Fernandes

Comitê Técnico

Desembargador Tiago Pinto

Desembargadora Mariangela Meyer Pires Faleiro

Desembargador Jaubert Carneiro Jaques

Desembargador José Marcos Rodrigues Vieira

Desembargador Moacyr Lobato de Campos Filho

Juiz de Direito Murilo Sílvio de Abreu

Diretora Executiva de Desenvolvimento de Pessoas: Thelma Regina Cardoso

Diretor Executivo de Gestão da Informação Documental: Fernando Rosa de Sousa

Produção Editorial

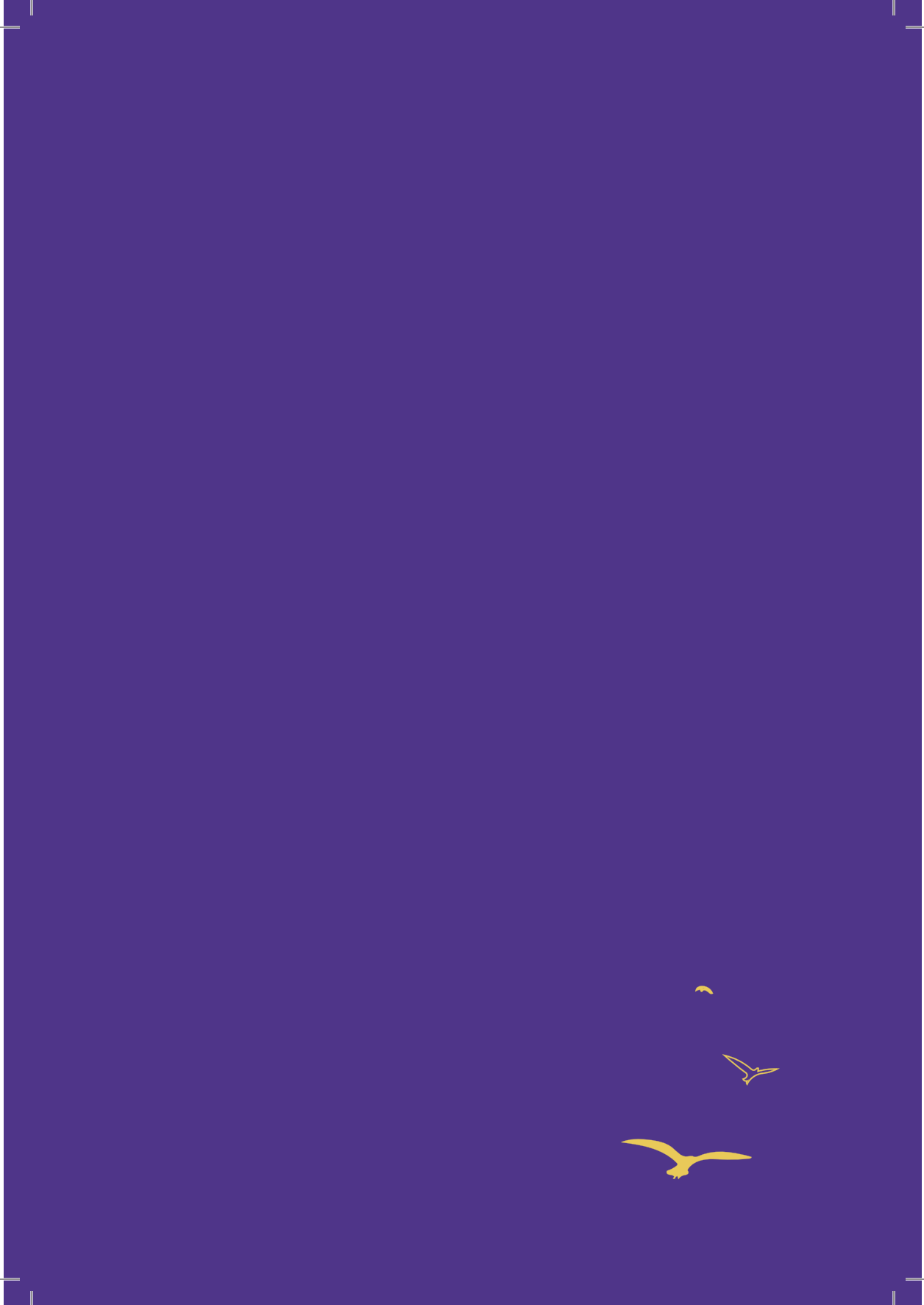
Gerência de Jurisprudência e Publicações Técnicas - GEJUR/DIRGED

Coordenação de Jurisprudência e Publicações Técnicas - COJUR

Diretoria de Comunicação - DIRCOM

Coordenação de Publicidade - COPUB

Projeto gráfico e ilustrações: Shirley Moraes



De amor





ninguém foge

Artigo Final.

[...]

A partir deste instante
a liberdade será algo vivo e transparente
como um fogo ou um rio,
e a sua morada será sempre
o coração do homem.

Amadeu Thiago de Mello



Sumário

Prefácio.....	17
<i>Desembargador Gilson Soares Lemes</i>	
Apresentação	21
<i>Desembargador Tiago Pinto</i>	
<i>Desembargadora Mariangela Meyer Pires Faleiro</i>	
<i>Desembargadora Ângela de Lourdes Rodrigues</i>	
Mensagens acerca da Execução Penal	23
Programa Novos Rumos	25
<i>Desembargador Antônio Armando dos Anjos</i>	
Mensagem sobre a humanização da Execução Penal <i>Caminhos e contos: a ressocialização pela palavra</i>	29
<i>Juiz Luiz Carlos Rezende e Santos</i>	
Apac	33
<i>Marcelo José Gonçalves da Costa</i>	
Mensagem da FBAC.....	37
<i>Valdeci Antonio Ferreira</i>	
Introdução	41
<i>Rosana de Mont'Alverne Neto</i>	
Adivinhações e quadrinhas.....	51

Turma A	53
Adriana Nascimento dos Santos	55
Camila Fernanda Ramos.....	57
Cleide Aparecida Lacerda Silva.....	59
Daniela Santos da Silva.....	61
Daysielle da Silva Pereira.....	63
Fabiana Viana do Vale.....	65
Geissi Luiz Geraldo.....	67
Jussara Rodrigues de Abreu	69
Kellen Pereira Souza e Silva.....	71
Laís Gabrielle de Oliveira Silva.....	73
Maria Antônia Lopes Pinto.....	75
Naiara Monique dos Santos.....	77
Natalie Almeida.....	79
Ricieide Francine.....	81
Shayene Gabrielle.....	83
Viviane Rodrigues Rosa.....	85
Turma B	89
Aimara Letícia de Souza Freire.....	91
Ana Luísa Silva.....	93
Camila Borges	95
Claudinéia da Silva Ferreira.....	97
Cristina Mendes Vieira.....	99
Dayane Novais Costa.....	101
Edirléia Mendes de Sá Resende.....	103
Francilane Pereira Souza.....	105



Jéssica Gomes dos Santos.....	107
Letícia Cristina Costa	109
Lidiane Silva	111
Maria das Graças de Souza.....	113
Maria Tereza Pereira e Mucci.....	115
Neide Aparecida do Nascimento Silva.....	117
Rafaela Gomes da Silva	119
Rosana Teixeira	121
Siomara Aparecida Machado.....	123
Tâmara Barbosa Araújo	125
Histórias.....	129
História de Camila Fernanda.....	131
<i>Adriana Nascimento dos Santos</i>	
Deu a louca no reino.....	133
<i>Adriana Nascimento dos Santos</i>	
<i>Camila Fernanda Ramos</i>	
<i>Cleide Aparecida Lacerda Silva</i>	
<i>Daniela Santos da Silva</i>	
<i>Daysielle da Silva Pereira</i>	
<i>Erika</i>	
<i>Fabiana Viana do Vale</i>	
<i>Geissi Luiz Geraldo</i>	
<i>Jussara Rodrigues de Abreu</i>	
<i>Kellen Pereira Souza e Silva</i>	
<i>Laís Gabrielle de Oliveira Silva</i>	
<i>Lucimar Aparecida Vieira</i>	
<i>Maria Antônia Lopes Pinto</i>	
<i>Naiara Monique dos Santos</i>	
<i>Natalie Almeida</i>	
<i>Ricieide Francine</i>	
<i>Shayene Gabrielle</i>	
<i>Tâmara Barbosa Araújo</i>	
<i>Viviane Rodrigues Rosa</i>	



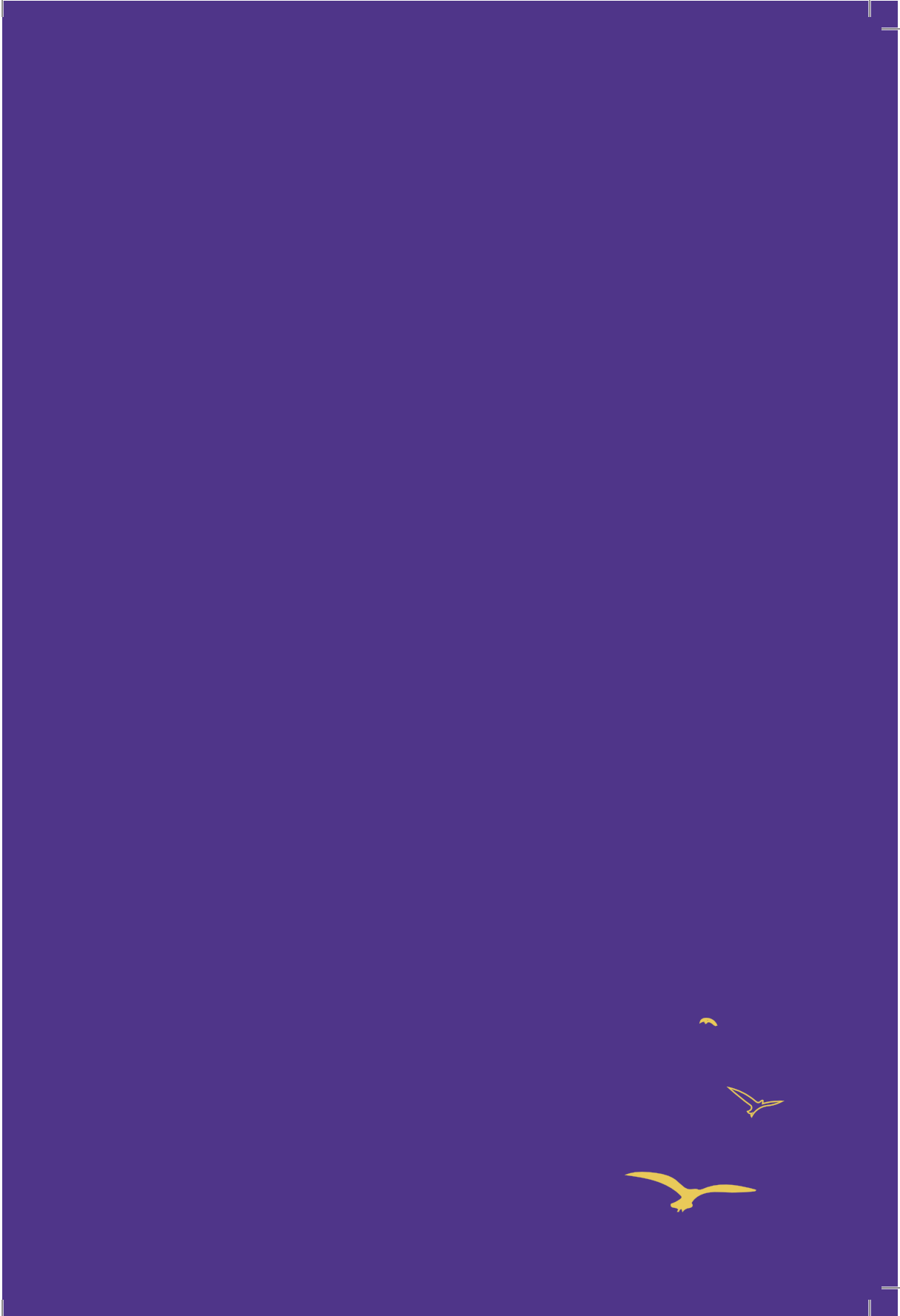
Tango para Tereza - Final.....	144
<i>Adriana Nascimento dos Santos</i>	
<i>Geissi Luiz Geraldo</i>	
<i>Kellen Pereira Souza e Silva</i>	
<i>Natalie Almeida</i>	
<i>Shayene Gabrielle</i>	
Com o tempo tudo se resolve.....	146
<i>Aimara Letícia de Souza Freire</i>	
Sem data para ser eterno... ..	151
<i>Aimara Letícia de Souza Freire</i>	
Simples, mas é minha.....	153
<i>Aimara Letícia de Souza Freire</i>	
Tango para Tereza	155
<i>Aimara Letícia de Souza Freire</i>	
<i>Ana Luísa Silva</i>	
<i>Francilane Pereira Souza</i>	
Era uma vez	158
<i>Ana Luísa Silva</i>	
História de Aimara.....	159
<i>Camila Borges</i>	
Doce lar.....	162
<i>Camila Borges</i>	
<i>Jéssica Gomes dos Santos</i>	
<i>Lidiane Silva</i>	
<i>Simone</i>	
A bela Helena	167
<i>Claudinéa da Silva Ferreira</i>	
A Bonezinho Vermelho	169
<i>Claudinéa da Silva Ferreira</i>	
<i>Letícia Cristina Costa</i>	
<i>Neide Aparecida do Nascimento Silva</i>	
<i>Siomara Aparecida Machado</i>	
<i>Tâmara Barbosa Araújo</i>	



História de uma menina sonhadora	170
<i>Cleide Aparecida Lacerda Silva</i>	
Tango para Tereza	172
<i>Cleide Aparecida Lacerda Silva</i>	
<i>Daniela Santos da Silva</i>	
<i>Erika</i>	
<i>Naiara Monique dos Santos</i>	
<i>Viviane Rodrigues Rosa</i>	
Tango para Tereza	174
<i>Cristina Mendes Vieira</i>	
<i>Edirléia Mendes de Sá Resende</i>	
<i>Maria das Graças de Souza</i>	
<i>Maria Tereza Pereira e Mucci</i>	
Era uma vez, uma menininha (sapeca) malvada.....	176
<i>Daniela Santos da Silva</i>	
Falando sobre Letícia.....	178
<i>Dayane Novaes Costa</i>	
Tango para Tereza	179
<i>Daysielle da Silva Pereira</i>	
<i>Fabiana Viana do Vale</i>	
<i>Jussara Rodrigues de Abreu</i>	
<i>Tâmara Barbosa Araújo</i>	
A história de Andorinha	181
<i>Edirléia Mendes de Sá Resende</i>	
Era uma vez.....	183
<i>Francilane Pereira Souza</i>	
Maria João.....	185
<i>Jéssica Gomes dos Santos</i>	
Um conto logo ali.....	190
<i>Laís Gabrielle de Oliveira Silva</i>	
Tango para Tereza - 2ª parte da história.....	194
<i>Laís Gabrielle de Oliveira Silva</i>	
<i>Lucimar Aparecida Vieira</i>	
<i>Maria Antônia Lopes Pinto</i>	



À procura da felicidade	198
<i>Letícia Cristina Costa</i>	
A menina das tranças	200
<i>Lidiane Silva</i>	
História do passado que se vê no presente	207
<i>Maria Antônia Lopes Pinto</i>	
Uma fada sonhadora.....	209
<i>Maria das Graças de Souza</i>	
Estrela Mariazinha.....	211
<i>Maria Tereza Pereira e Mucci</i>	
O código de uma liberdade	213
<i>Naiara Monique dos Santos</i>	
A fatalidade.....	216
<i>Neide Aparecida do Nascimento Silva</i>	
A menina Aninha	219
<i>Rafaela Gomes da Silva</i>	
Faniquita, a formiga apaixonada, e seus dois formigos.....	222
<i>Ricieide Francine</i>	
O choro de uma sonhadora.....	230
<i>Rosana Teixeira</i>	
Uma tão sonhada Liberdade.....	231
<i>Shayene Gabrielle</i>	
Era uma vez... a menina dos sonhos... que se chama Siomara	235
<i>Simone Francisca</i>	
Moranguinha empoderada.....	237
<i>Siomara Aparecida Machado</i>	
A Bonequinha Preta de trancinhas... ..	239
<i>Tâmara Barbosa Araújo</i>	
Um dia a sorte vem	241
<i>Viviane Rodrigues Rosa</i>	





Prefácio

Desembargador Gilson Soares Lemes

Presidente do Tribunal de Justiça
do Estado de Minas Gerais - TJMG

Honrado com o convite para prefaciар o livro *Caminhos e contos*: a ressocialização pela palavra, considero que contar histórias desperta o imaginário, a curiosidade, as emoções, compartilha momentos, acolhe, promove, ressignifica e cura.

A expectativa é de que cada história narrada desperte o desejo de aprender e ensinar. É um olhar de como cada recuperanda, com sua vivência, percebe o mundo e se vê nele.

Que caminhos as conduziram às prisões? Que sonhos alimentam? O que as recuperandas da Apac Feminina de Belo Horizonte têm a nos dizer e a nos ensinar com suas trajetórias de vida? E, principalmente, o que nós, como Poder Judiciário, podemos fazer para ampliar as suas chances de ressocialização, reduzindo as possibilidades de reincidência criminal?

Caminhos e contos: a ressocialização pela palavra é uma iniciativa que poderá responder a algumas dessas perguntas, ao dar voz às recuperandas que cumprem pena no regime fechado na Associação de Proteção e Assistência aos Condenados de Belo Horizonte.

Por meio do Projeto, as participantes receberam formação como contadoras de histórias, participando de uma série de oficinas que usou o poder da palavra para resgatá-las. Este


livro, com as histórias produzidas durante esse processo, retira essas mulheres da invisibilidade.

Caminhos e contos: a ressocialização pela palavra está alinhado estrategicamente com uma das políticas públicas mais relevantes do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais: o Programa Novos Rumos, que marca a atuação inovadora do TJMG na área da execução penal, com ações em favor da humanização no cumprimento das penas privativas de liberdade, da reinserção e justiça social.

Este livro une arte, sensibilidade e ressocialização, em um ambiente adequado para florescer. As Apacs já se mostraram extremamente bem-sucedidas para a recuperação de quem cometeu um crime, edificando-se sobre uma metodologia que busca humanizar o cumprimento das penas privativas de liberdade e que não se furta a cumprir o que a Lei de Execuções Penais determina: oferecer trabalho, estudo e profissionalização para os condenados, para que possam sair das prisões melhores do que entraram.

Para as recuperandas, as oficinas de contação de histórias e a experiência da escrita, que podem ser curativas, representam um momento privilegiado de reflexão sobre suas trajetórias de vida. É mais um momento para que elas olhem para as pedras que encontraram pelos caminhos que trilharam, repensem suas escolhas e, principalmente, que possam ressignificar suas experiências, projetando novos futuros.

Que as vidas das mulheres que cumprem pena na Apac Feminina de Belo Horizonte possam ser transformadas e ganhem um novo capítulo, a partir dessa experiência.



Nunca desista
das coisas
que fazem
você sorrir...



Apresentação

A obra apresentada ao público é o coroamento do Projeto *Caminhos e Contos*, que intenta, através da palavra, dar novo sentido à vida das Recuperandas do sistema prisional da Apac Feminina de Belo Horizonte.

Reflexão e compreensão dos próprios atos praticados na vida e oportunidade de expressá-los por meio da contação de histórias criadas ou revividas, mas com uma visão ressignificada de valores, até então desconhecidos delas, vividos no contato com as histórias para contar, meio e objeto do projeto.

O ensino e a proximidade com as letras que lhes foram propiciados enriqueceram-lhes o patrimônio intelectual e, por conseguinte, a autoestima, a crença na possibilidade de transformar e de interagir com a sociedade.

E o fascínio, a força transformadora e criadora da palavra, sob a forma de educação e ensino, levados às Recuperandas do sistema penal da Apac, o desafio da EJEF. Humanização no árido e infértil campo da execução das penas, vencido com a edição deste livro, em que as próprias alunas contam suas histórias.

Floresçam as nossas intenções e renasçam as esperanças dessas Contadoras de Histórias.

O resultado obtido com essa experiência evidenciou uma alegria e uma satisfação muito profunda em cada uma das participantes, numa demonstração nítida de que foram lembradas,

de que se sentiram abraçadas, abrigadas e, sobretudo, consideradas seres humanos capazes de mudar o destino de suas vidas.

O Projeto *Caminhos e Contos*, implantado, com muito êxito, na Apac Feminina de Belo Horizonte, demonstra que podemos interagir com as letras contando nossas histórias, compartilhando experiências, aprendendo a dar um novo sentido à vida, que é única e tão preciosa.

Os idealizadores do Projeto *Caminhos e Contos*:

Desembargador Tiago Pinto

2º Vice-Presidente do TJMG e Superintendente da EJEJF

Desembargadora Mariangela Meyer Pires Faleiro

Superintendente-Adjunta da EJEJF

Desembargadora Ângela de Lourdes Rodrigues

8ª Câmara Cível

Mensagens
acerca da
Execução Penal





Programa Novos Rumos

Desembargador Antônio Armando dos Anjos
Coordenador do Programa Novos Rumos

O Programa Novos Rumos, que, no ano de 2021, completa 20 (vinte) anos, propagou-se como proposta alternativa ao sistema penitenciário convencional, através da disseminação da metodologia desenvolvida nas Associações de Proteção e Assistência ao Condenado (Apac) - como política de recuperação dos condenados a pena privativa de liberdade.

Nesses 20 anos, a mensagem das Apacs foi difundida e alcançou todas as regiões do Estado de Minas Gerais. Atualmente, 41 comarcas desenvolvem a metodologia em Centros de Reintegração Social próprios, mantidos principalmente por meio dos termos de fomento firmados com o Governo Mineiro.

A metodologia das Apacs hoje é reconhecida nacionalmente em todos os âmbitos, em especial junto ao Conselho Nacional de Justiça, ao Conselho Nacional do Ministério Público, ao Conselho Nacional de Políticas Criminais e Penitenciárias, além do próprio Ministério da Justiça através do Departamento Nacional.

Por isso mesmo é que hoje já existem Centros de Reintegração Social de Apacs em funcionamento em outros Estados da Fe-

deração: Rio Grande do Norte, Espírito Santo, Rondônia, Paraná e Rio Grande do Sul.

Além disso, existem movimentos para instalação e funcionamento das Apacs em todos os continentes, guardando especial apoio da União Europeia e da *Prison Fellowship* (órgão consultivo das Nações Unidas para assuntos penitenciários).

Sem deixar de conservar o mesmo propósito quanto à metodologia das Apacs, o Programa Novos Rumos agrupa também ações em defesa do paciente judiciário portador de sofrimento mental em conflito com a Lei (PAI-PJ), além de realizar o acompanhamento da justiça de execução penal e infracional por meio do Grupo de Monitoramento e Fiscalização (GMF).

O Estado de Minas Gerais, através das experiências desenvolvidas pelo Programa Novos Rumos na Execução Penal, esteve à frente de todas as gestões para humanização das prisões valendo-se da metodologia Apac, permitindo ao Tribunal de Justiça mineiro a busca pela finalidade primordial das penas, que é a ressocialização.

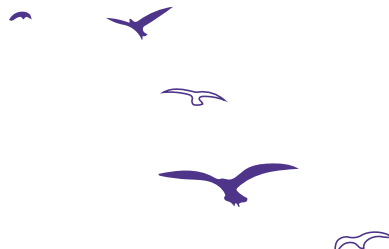
O Projeto *Caminhos e contos*: a ressocialização pela palavra, celebrado nesta obra, materializa os ideais do Programa Novos Rumos em todas as suas nuances, pois, através da arte e da educação, oportunizou, de forma pioneira, às recuperandas da Apac de Belo Horizonte a participação em oficinas de formação de contadores de história, por meio do contato com as valiosas e tradicionais obras da literatura oral e escrita.

Esta obra se prestará a registrar a trajetória de vida das referidas protagonistas e servirá de estímulo às pessoas que pretendem ressignificar suas próprias histórias.

Registro aqui, em nome do Programa Novos Rumos, nosso agradecimento ao Desembargador Tiago Pinto, 2º Vice-Presidente do Tribunal de Justiça e Superintendente da Escola

Judicial Desembargador Edésio Fernandes, grande entusiasta deste projeto.

Tenaz apoiador do método apaqueano e parceiro nesta iniciativa e em outras tantas relacionadas às Apacs à frente da Escola Judicial, o Desembargador Tiago, com sua intelectualidade abraçada ao espírito humanista, tem nos motivado, cada dia mais, a acreditar muito no caminho do bem, como profetizou Mário Ottononi.





Mensagem sobre a humanização da Execução Penal

Caminhos e contos: a ressocialização pela palavra

Juiz Luiz Carlos Rezende e Santos

Em 1862, Victor Hugo, em sua obra *Os Miseráveis*, escreveu:

[...] Todos os homens são a mesma argila. Não há diferença, aqui na Terra ao menos, por predestinação. A mesma escuridão antes, a mesma carne durante, as mesmas cinzas depois. Mas a Ignorância, mesclada com a composição humana, escurece essa percepção. [...].

Essa reflexão do escritor francês, parte de sua obra clássica – que conta a história de Jean Valjean, homem que, por ter roubado pães, é condenado a 19 anos de prisão e, nesse período, transforma-se em produto das atrocidades do cárcere – desperta a atenção para a necessidade da humanização da execução penal.

A condição de encarceramento, sob nenhum aspecto, retira do indivíduo a condição de ser humano, detentor, portanto, de direitos consagrados pelo princípio constitucional da dignidade da pessoa humana.

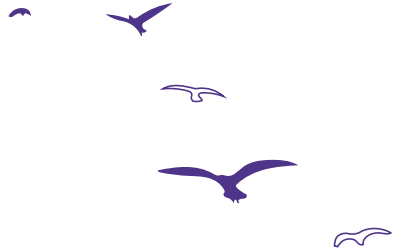
Nessa esteira, a legislação pátria no âmbito da execução penal, regida pela Lei nº 7.210/1984, atém-se à humanização da pena, mormente ao tratar dos direitos dos encarcerados e também de sua reintegração social, prevendo, dentre outros, direito à assistência material, à saúde, jurídica, educacional, social e religiosa, que também se encontram previstos na Carta Magna, no título dos Direitos e Garantias Fundamentais de todos (art. 5º, CRFB/1988).

Em nossa experiência como magistrado atuante na execução penal por mais de 20 anos, aprendemos que o tratamento humanitário aos sentenciados – entendido como garantir a eles os direitos previstos na Constituição Federal e na Lei de Execuções Penais – importa em melhores resultados na sua ressocialização social, fim primaz da execução das penas, e, outrossim, nos índices de reincidência.

O Projeto *Caminhos e Contos*: a ressocialização pela palavra, celebrado nesta obra, consagra a humanização na execução penal, pois, através da educação, oportunizou às recuperandas da Apac de Belo Horizonte a participação em oficinas de formação de contadoras de histórias. Trata-se de projeto de cunho formativo, terapêutico e integrativo, que permitiu às pessoas privadas de liberdade o aprendizado da arte de contar histórias.

Oxalá que medidas como essa, tão exemplar à humanização da execução penal, sejam replicadas nas Unidades Prisionais do Estado de Minas Gerais e do Brasil.

Registro, por fim, a alegria de assistir a Escola Judicial Desembargador Edésio Fernandes, com projeto de tamanha humanidade, marca forte de seu atual Superintendente, Desembargador Tiago Pinto, 2º Vice-Presidente do Tribunal de Justiça, nosso espelho não só de Magistrado, mas de SER HUMANO.



Seja
luz na
escuridão



Apac

Marcelo José Gonçalves da Costa
Presidente da Apac Feminina de Belo Horizonte

O acesso à educação é direito constitucional e também possui previsão na Lei de Execução Penal Brasileira. Creio que, em algum momento, poderemos deduzir ou pelo menos argumentar que o baixo acesso à educação seria um dos motivos para o aumento da prática de crimes e, conseqüentemente, razão do crescimento vertiginoso da população prisional, constituída principalmente por jovens com baixíssima escolaridade.

O Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais sabe, e, na Fraternidade Brasileira de Assistência aos Condenados (FBAC), bem como na Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (Apac), sabemos que não se faz ressocialização ou reinserção social sem educação. Não se forma um cidadão sem educação e sem cultura.

Com isso, o projeto desenvolvido pelo TJMG, *Caminhos e contos*: a ressocialização pela palavra, com o Curso de Formação de *Contadores de Histórias*, ganha outro vulto, tem outra dimensão. Aproxima pessoas excluídas da possibilidade de adquirirem conhecimento sobre a história do desenvolvimento humano e de sua própria história. Aproxima pessoas excluídas da possibilidade de compreenderem a importância da Cultura no desenvolvimento humano. Amplia a chance de sucesso na busca por outro caminhar.

Educação e Cultura caminham juntas nas ações do presente, mas, sobretudo, na preparação do futuro. O Projeto *Caminhos e contos*: a ressocialização pela palavra propiciou o resgate da identidade das recuperandas da Apac Feminina de Belo Horizonte e garantiu reconhecimento para concretizar a caminhada para a reintegração social e uma melhor convivência familiar.

Identidade e reconhecimento são o passaporte para as recuperandas da Apac de Belo Horizonte reescreverem suas Histórias, mas destacando o que elas têm de melhor: vontade de viver.

Obrigado ao Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais, que, com seu comprometimento e sua sensibilidade, proporcionou essa oportunidade.





"Se fosse possível
examinar o homem
por dentro e
por fora,
certamente ninguém
se diria inocente."

Dr. Mário Ottoboni



Mensagem da FBAC

Valdeci Antonio Ferreira

Diretor Executivo da Fraternidade Brasileira
de Assistência aos Condenados - FBAC

A premissa que norteia o trabalho das Apacs - Associação de Proteção e Assistência aos Condenados, é a crença inabalável de que todo homem é maior que sua culpa e que, portanto, ninguém é irrecuperável.

Nesse sentido, ao longo de mais de quatro décadas, uma plêiade de voluntários aplica uma terapêutica penal própria constituída de 12 elementos fundamentais que objetivam, entre outros, a mudança radical de mentalidade dos recuperandos e recuperandas, e, assim, homens e mulheres, outrora considerados inúteis e imprestáveis, são devolvidos para suas famílias como pessoas de bem, aptas a conviverem, de modo harmonioso, com a sociedade.

Dentro desse contexto, insere-se o Projeto *Caminhos e Contos*. Ali as mulheres escrevem e fazem memória de suas histórias, na maioria das vezes, permeadas e pontilhadas de dores e de saudades, sofrimentos, lágrimas e incertezas, mas também repletas de sonhos, amores, poesia, alegrias e esperanças.

Com o tempo, ah, o tempo... esse déspota insensível, essas histórias vão ganhando força e sentido, e as vidas vão sendo ressignificadas na exata medida em que trazem, em si, o

condão de resgatar os valores e as potencialidades, por vezes, adormecidas no coração do ser humano.

Aos idealizadores, entusiastas e patrocinadores desse projeto, em especial, os estimados amigos Desembargador Tiago Pinto e Dra. Rosana de Mont'Alverne Neto, a nossa reverência e a mais profunda gratidão, na certeza de que, quando recuperamos uma pessoa, recuperamos toda a humanidade.





E são
os primeiros
raios de sol
iluminando
a Cidade



Introdução

Rosana de Mont'Alverne Neto

Contexto do Projeto *Caminhos e contos*:
a ressocialização pela palavra

Nos dias atuais, algumas cobranças da população aos governos têm se repetido como mantras: fim da impunidade, aumento do número de vagas nas prisões, encarceramento dos bandidos. Acredita-se, assim, que poderiam trazer de volta a segurança perdida, o direito de andar pelas ruas a qualquer hora sem medo. Será?

A partir do século XIX, a prisão passou a ser a principal resposta do Estado àqueles que cometessem atos criminosos. Acreditava-se que a prisão poderia realizar as finalidades primordiais da pena: punir e recuperar o infrator. Hoje, não há mais essa certeza. Fala-se em “crise da prisão”, questiona-se sua eficácia como instrumento reabilitador e alguns doutrinadores chegam a decretar a sua “falência”:

A prisionalização é terapia de choque permanente, cuja natureza e extensão jamais poderiam autorizar a tese enfadonha de que constitui uma etapa para a liberdade, assim como se fosse possível sustentar o paradoxo de preparar alguém para disputar uma prova de corrida amarrando-o a uma cama (DOTTI, 1998).

Com efeito, as próprias autoridades diretamente responsáveis pelo sistema prisional admitem a sua degradação, chegando a afirmar que os presídios brasileiros não passam de depósitos humanos, verdadeiras escolas de pós-graduação em crime.

No caso específico do encarceramento feminino, quando analisamos o perfil das mulheres encarceradas, percebe-se um padrão: a grande maioria é negra ou parda; já foram alvo de algum tipo de violência (física, sexual, psicológica); possuem baixo nível de escolaridade; são fruto de famílias desestruturadas; e a maioria foi presa por tráfico de drogas. Assim como o tráfico de drogas é a principal causa para o encarceramento no Brasil, trata-se do principal tipo de infração cometido por mulheres. De acordo com o Infopen,

crimes relacionados ao tráfico de drogas correspondem a 62% das incidências penais pelas quais as mulheres privadas de liberdade foram condenadas ou aguardam julgamento em 2016, o que significa dizer que 3 em cada 5 mulheres que se encontram no sistema prisional respondem por crimes ligados ao tráfico (INFOPEN, 2018).

Segundo os pesquisadores Fernanda Furlani Isaac e Tales de Paula Roberto de Campos, do Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz,

a questão feminina possui uma especificidade fundamental: as mulheres são, geralmente, as responsáveis por seus filhos, seja aqueles que geraram durante o período pré-cárcere, ou aqueles que nasceram entre as grades. No primeiro caso, o encarceramento da mãe gera uma devastadora desestruturação familiar, uma vez que esses filhos, que não estão mais sob a sua tutela, têm de transitar entre casas de familiares e abrigos de adoção. Já, no segundo caso, a gravidez durante o cárcere se mostra traumática. As mulheres não dispõem de auxílio adequado durante o período da gestação, assim como não usufruem de uma estrutura apropriada após o parto, pelo contrário, seus filhos nascem presos, como elas. A partir disso, percebe-se,

portanto, que o sistema prisional brasileiro é estruturado com base em um entendimento machista e patriarcal, que negligencia as necessidades específicas da mulher encarcerada, aprofundando ainda mais sua exclusão e opressão frente à sociedade (ISAAC; CAMPOS, 2019).

Para os referidos pesquisadores,

a grande maioria das mulheres, dentre as diversas posições subsidiárias existentes no tráfico, são ‘mulas de droga’, ou seja, traficam uma pequena quantidade de droga para que, estrategicamente, sejam repreendidas e uma maior quantidade de drogas passe despercebida pelas autoridades, posteriormente. Logo, as mulheres constituem uma ‘massa de manobra’ para a realização de transportes e crimes em maior escala. E, conforme apontado pelo Instituto Terra, Trabalho e Cidadania (ITTC), a divisão de gênero não se limita ao mercado formal de trabalho, mas também se mostra presente na organização do tráfico, que é marcada pela vulnerabilidade do feminino. Compreende-se, portanto, que a mulher é desamparada em todos os âmbitos, seja no domínio legal, seja no campo da ilegalidade (ISAAC; CAMPOS, 2019).

Embora não tenhamos no Brasil estudos precisos sobre a taxa de reincidência, em seu sentido amplo, os mutirões carcerários têm evidenciado um contingente significativo de pessoas com mais de um processo nas varas criminais e nas varas de execução penal, indicando ser alto o índice de reincidência, compatível com levantamentos que a fixam entre 60% até 85%.

Taxas de reincidência altas têm reflexo direto na segurança pública, e a sua redução, dentre outras medidas, passa pela implementação de programas consistentes de ressocialização. Destaque-se que, além do caráter preventivo e punitivo, a execução penal deve também proporcionar condições para a harmônica integração social das pessoas encarceradas.

Nesse contexto, evidencia-se a necessidade da integração de órgãos do poder público e da sociedade civil no processo de



execução da pena, compreendido em suas funções preventiva, punitiva e de reinserção social. Daí a importância e comprovada efetividade do Método Apac na ressocialização de condenados, pois um de seus pilares é a participação da comunidade nas diversas atividades oferecidas aos presos. As unidades da Apac no Estado de Minas Gerais constituem-se, assim, em terreno fértil para as iniciativas inovadoras no campo da recuperação do condenado e sua inserção no convívio social. Sua premissa é: recuperado o infrator, protegida está a sociedade, prevenindo-se o surgimento de novas vítimas.

Por tudo isso e ciente da importância das narrativas orais ao longo dos tempos, do modo como elas exercem um papel fundamental na vida dos indivíduos, instituições e comunidades e do seu valor como instrumento de ressocialização e resgate da identidade individual e mesmo de um povo, a 2ª Vice-Presidência do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais (TJMG), órgão responsável pela Escola Judicial Desembargador Edésio Fernandes (EJEF), em conjunto com a Presidência do TJMG e o Programa Novos Rumos, elegeram a Apac Feminina de Belo Horizonte para receber o Projeto *Caminhos e Contos*: a ressocialização pela palavra, a partir de novembro de 2020.

Alinhamento do projeto

O projeto está alinhado estrategicamente com uma das políticas públicas mais relevantes do TJMG: o Programa Novos Rumos, que marca a atuação inovadora do TJMG na área da Execução Penal, com ações em favor da humanização no cumprimento das penas privativas de liberdade, da reinserção e justiça social.

O Programa Novos Rumos presta apoio institucional ao Método Apac, especialmente na mobilização de juízes e da sociedade civil para o bom funcionamento e a expansão das Apacs no Estado de Minas Gerais. Da mesma forma, realiza o acompanhamento de pessoas em situação de sofrimento psíquico

que cometeram algum crime, por meio do Programa de Atenção Integral ao Paciente Judiciário (PAI-PJ). Possui, ainda, um segmento voltado às atividades do Grupo de Monitoramento e Fiscalização do Sistema Carcerário e do Sistema de Execução das Medidas Socioeducativas (GMFM/MG), cujas atribuições estão previstas nas Resoluções nº 96/2009 e nº 214/2015 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ).

O projeto está alinhado ainda ao Objetivo Estratégico do CNJ de “promover a cidadania e disseminar valores éticos e morais por meio de atuação institucional efetiva”.

Justificativa do projeto

A situação carcerária no Brasil é amplamente conhecida de todos os brasileiros minimamente informados. O sistema penal brasileiro vem sofrendo modificações legislativas muitas vezes por pressão da sociedade, que vê no recrudescimento das penas e do aparato penitenciário a solução para a questão da segurança pública e da defesa social. Porém, cresce o número de encarcerados e cresce também a criminalidade. Não é mais possível nem útil nos negarmos a reconhecer que os criminosos são parte do mesmo tecido social em que vivemos e do qual também fazemos parte.

Nesse tecido, eles tanto influenciam quanto são influenciados. Trabalhar pela recuperação real dessas pessoas, a fim de que possam se reintegrar de forma harmoniosa na sociedade, ressocializá-las em lugar de excluí-las, parece ser a melhor alternativa, se não a única, na busca de uma solução definitiva do problema. Esta não é uma tarefa só do aparato estatal, mas de toda a sociedade.

Segundo dispõe o art. 1º da Lei nº 7.210/84, a execução penal tem por objetivo efetivar as disposições de sentença ou decisão criminal e proporcionar condições para a harmônica integração social do condenado e do internado.



A plena eficácia do dispositivo exige um repensar da execução penal e do papel do Poder Judiciário como órgão responsável pelo cumprimento da lei.

O modelo legalmente previsto é de execução integral, global, que não se restringe ao controle das penas, mas também deve ser composto de medidas e programas de reinserção social e do efetivo cumprimento das regras mínimas para o tratamento da pessoa encarcerada ou submetida a penas e medidas alternativas.

A opção pela arte-educação e pelas oficinas de contos como uma contribuição no processo de ressocialização das recuperandas da Apac Feminina de Belo Horizonte não foi gratuita. Embora haja estudos e pesquisas sobre o poder curativo da palavra, não se pode confundir a proposta do Projeto *Caminhos e Contos* com arte-terapia, ainda que a fronteira entre uma e outra seja tênue. Talvez os efeitos de ambas sejam bem semelhantes. Mas, aqui, trata-se de construir, com os grupos inscritos nas oficinas, um espaço de reflexão sobre a própria vida e seus tropeços na caminhada através do processo de identificação com os personagens dos contos de tradição oral, além de contribuir sensivelmente para o incentivo à leitura e para a busca de um futuro melhor por meio dos estudos e da literatura.

Podemos afirmar, a partir da experiência anterior com os Encantadores de Histórias da Apac de Itaúna, que o uso das narrativas de contos tradicionais pode contribuir sensivelmente para a ressocialização das recuperandas da Apac Feminina de Belo Horizonte.

Durante séculos, a memória viva dos povos foi perpetuada pela ação de contar e ouvir histórias. Como heranças remotas da civilização, o conhecimento acumulado pelas gerações foi sendo transmitido através da linguagem oral, constituindo-se num verdadeiro legado da cultura popular, surgindo, assim, mi-

tos, lendas e contos diversos a forjar a cultura e a identidade dos povos.

A prática da narração de histórias, como forma de conhecimento, desencadeia o desenvolvimento da imaginação, da sensibilidade, do uso crítico e criativo da linguagem oral e escrita. Isso é possível em todas as fases de desenvolvimento do ser humano, como nos leva a refletir Nelly Novaes Coelho:

[...] o poder de resistência da palavra prova de maneira irrefutável que a comunicação entre os homens é essencial à sua própria natureza. O impulso de contar histórias deve ter nascido no homem no momento em que ele sentiu necessidade de comunicar aos outros certa experiência sua, que poderia ter significação para todos (COELHO, 1991).

Diz-se que tudo tem a sua hora. Justamente em 2020, o Tribunal de Justiça Mineiro traz de volta as histórias como ferramenta de ensino, aprendizagem, reflexão, arte, educação e ressocialização. Por que será?

Poderíamos enumerar “n” razões para tal fato, mas é impossível não verificar a oportunidade da presença das histórias narradas exatamente no fatídico ano de 2020, o ano em que o mundo parou. Nesse contexto caótico de pandemia do coronavírus (que persiste em 2021) e apesar da extrema mortandade pelo mundo, as histórias voltaram a povoar os lares, as cozinhas exalam cheiros de infância, as lembranças familiares são compartilhadas, verdades profundas sobre as sociedades contemporâneas e a vida nos grandes centros urbanos vieram à tona e vimos que não precisamos de tantas coisas. Constatamos que precisamos de olhares amorosos, comida feita com capricho, um toque carinhoso, um saudável ambiente de trabalho, momentos para se compartilhar memórias e contar histórias.

Como diz a escritora e pesquisadora Juliana Borges, em seu livro *Prisões: espelhos de nós*,

quando falamos sobre prisões, estamos quebrando paradigmas sociais que precisam desse silên-



cio para manter funcionando as engrenagens de manutenção de desigualdade. Este é o primeiro movimento a ser feito: romper o silêncio. A boca é um espaço de enunciação. E o discurso personifica e garante existência. Assim, a fala (re)posiciona e garante relação ativa e não mais passiva dos indivíduos e grupos (BORGES, 2020).

Finalizo este capítulo lembrando que as presas são triplamente condenadas. Primeiro, por conta do crime que cometeram; segundo, pela sociedade machista e patriarcal que lhes oferece poucas oportunidades de protagonismo, reduzindo-as ao papel de coadjuvantes de seus homens no crime (os números já citados podem atestar que a maioria foi usada por seus homens como “mula” de drogas); e, terceiro, pela miséria estrutural que lhes negou a chance de brincar, ouvir histórias e ler livros na infância, de estudar e fazer escolhas profissionais, de criar seus filhos com dignidade, de falarem e serem ouvidas. “Por isso é tão importante romper o silêncio”, prossegue Juliana Borges, “por isso é tão necessário falar sobre prisões. Porque precisamos sair do conforto da recusa. Porque precisamos interromper a ideia de que as prisões não são sobre nós” (BORGES, 2020).

Referências:

BORGES, Juliana. *Prisões: espelhos de nós*. São Paulo: Todavia, 2020.


COELHO, Nelly Novaes. *Literatura: arte, conhecimento e vida*. 1991.

DOTTI, René Ariel. *Bases e alternativas para o sistema de penas*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1998.

INFOPEN, 2018.

ISAAC, Fernanda Furlani; CAMPOS, Tales de Paula Roberto de. Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz.



A white line-art illustration on a dark purple background. It features a scroll with a banner that has the text 'Se for para melhor, mude...'. Below the banner are two roses and some scattered petals. In the upper right, a small white bird is flying.

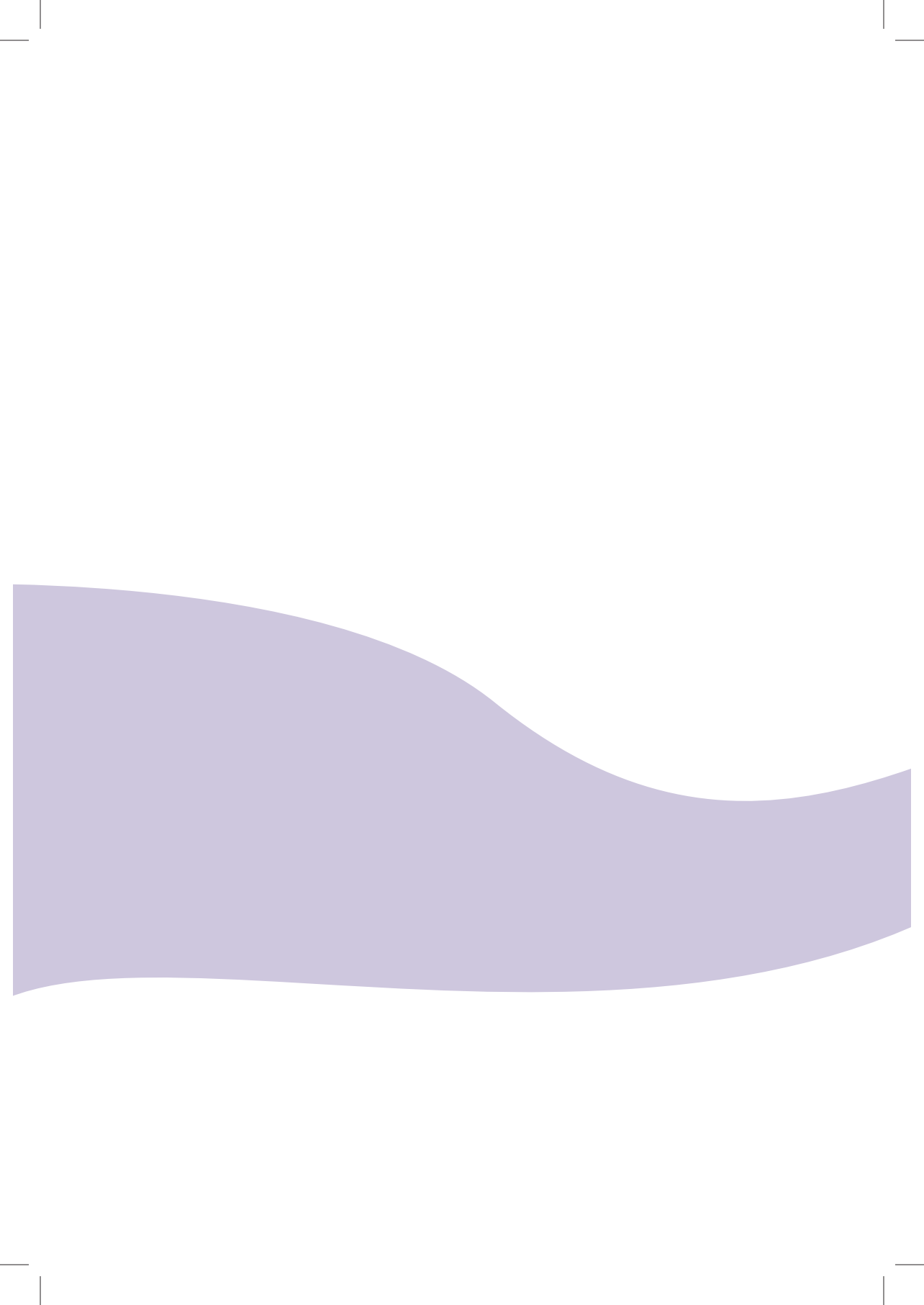
Se for
para
melhor,
mude...

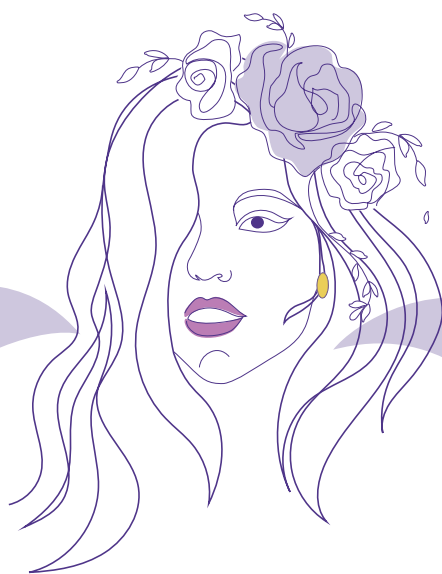


Adivinhações e quadrinhas

As quadrinhas são poesias populares, trovas simples criadas pelo povo e passadas de boca em boca, de geração a geração. Compostas por quatro versos (daí o nome), caracterizam-se por possuírem rimas, às vezes, imperfeitas. Todavia, as quadrinhas são divertidas e interessantes justamente por serem simples e usarem uma linguagem bem popular. Também são usadas como recadinhos nos “correios elegantes” das festas juninas ou mesmo copiadas em folhas de caderno para serem entregues a quem queremos bem. As rimas costumam aparecer no segundo e no quarto versos.

A criação de adivinhas é um momento muito divertido e de grande aprendizado. Como se cria uma adivinha? Ora, primeiro, formulamos a resposta, por exemplo, rádio. A seguir, fazemos as perguntas para aquela resposta que já está posta: o que é, o que é, tem antena, mas não é barata; tem onda, mas não é mar; fala e canta, canta e fala, e só para quando eu mandar? A resposta, todos já sabem, é o rádio. A seguir, veremos a produção de quadrinhas e adivinhas do grupo da Apac Feminina de Belo Horizonte. As respostas às adivinhas deveriam ser piolho, maçã e gato.





Turma A

Adivinhações e Quadrinhas



O que é,
o que é?



NOME:

Adriana Nascimento dos Santos

ADIVINHAÇÕES

O que é, o que é?

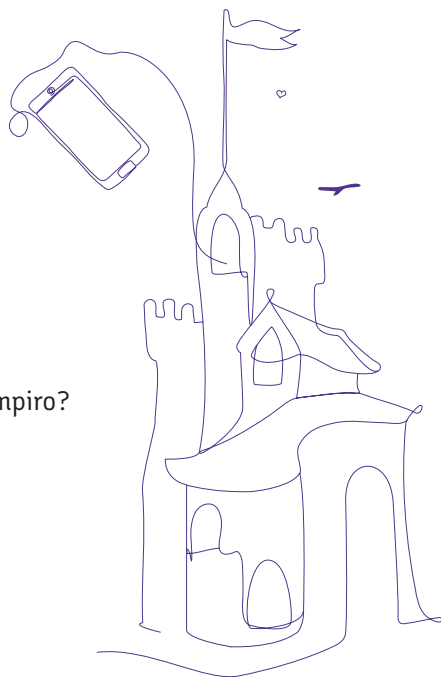
Tem notícia, mas não é televisão,
e, ainda por cima, faz muita confusão,
e acaba nos deixando na mão?

O que é, o que é?

Que anda com os pés na cabeça,
que nos faz ficar louco,
que suga o nosso sangue, mas não é vampiro?

O que é, o que é?

Tem informação, mas não é dicionário,
ensina, e não é professor,
tem vida, mas nunca morre?



QUADRINHAS

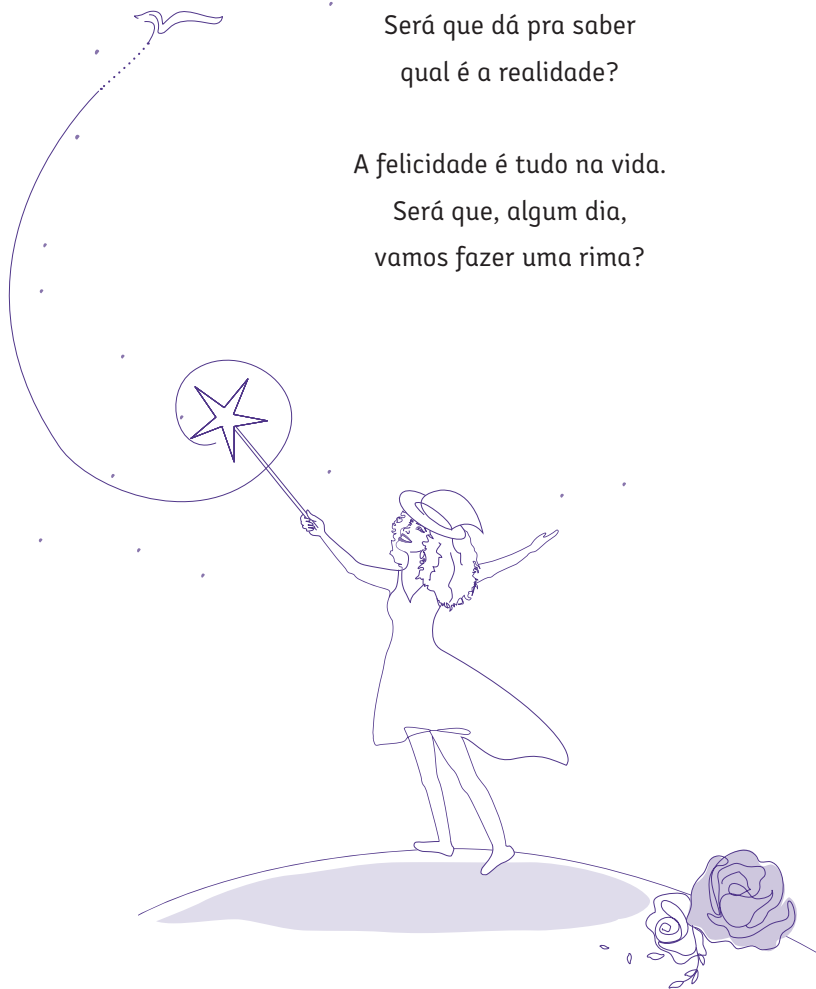
Adriana, Adrianinha,
com suas mãozinhas de fadinhas,
cozinha várias coisinhas,
para alegrar as criancinhas!

Minha alegria é minha liberdade.

Será que dá pra saber
qual é a realidade?

A felicidade é tudo na vida.

Será que, algum dia,
vamos fazer uma rima?



NOME:

Camila Fernanda Ramos

ADIVINHAÇÕES

O que é, o que é?

Pula, mas não é gato,

corre, mas não é sapato,

chupa o sangue, mas não é carrapato?

O que é, o que é?

Que sai do nosso controle, mexe com as pessoas

e, no final de tudo, que passa mel na nossa boca,

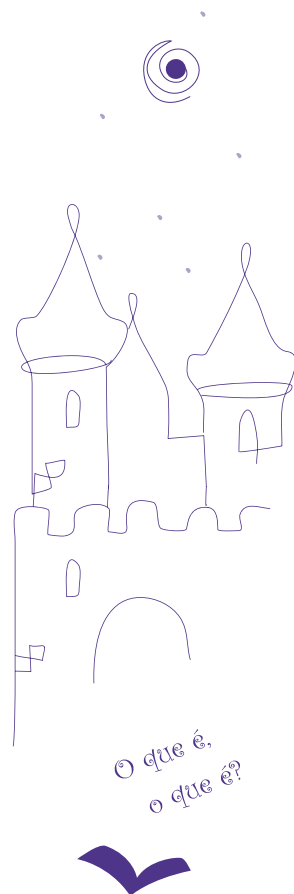
achando que eu sou boba?

O que é, o que é?

Tem muita importância, e não é o segurança,

sempre nos ajuda, e não é uma agulha,

tá sempre presente, mas não é adolescente?



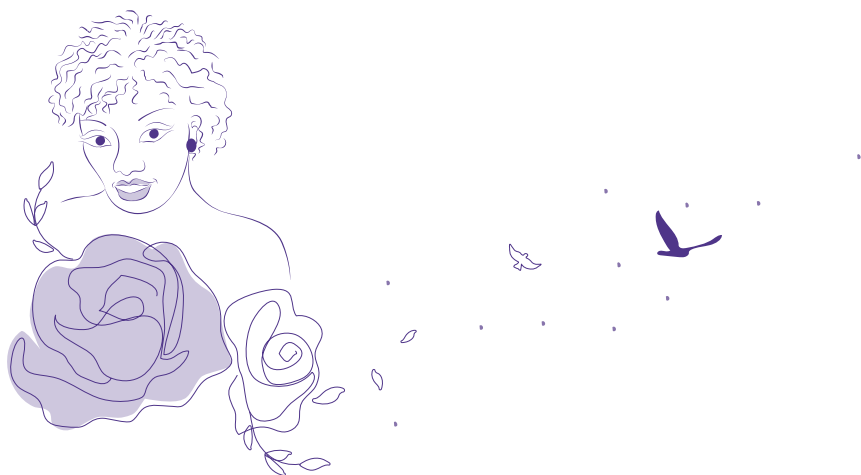
QUADRINHAS

Eu vi uma rainha
que passava na colina,
qual é o nome dela?
Era a Camilinha!

Fui ao encontro
buscar a felicidade,
mas o que eu encontrei
foi um homem de verdade!

Minha mãe sempre dizia qual era nossa realidade...

Estude e procure andar certo,
pra não perder seu bem mais precioso,
que é sua liberdade.



NOME:

Cleide Aparecida Lacerda Silva

ADIVINHAÇÕES

O que é, o que é?

Te deixa louca de tanto coçar,
se não tomar cuidado, pode até machucar,
tem 6 perninhas, pode ser marronzinha e dá
uma coceirinha?

Tem pequenininho e tem grandão,
se não tiver cuidado, dá uma grande confusão,
usa capa, e não é super-herói?

Te faz viajar, sem sair do lugar,
pode ser pequeno e também grandão,
o que tem dentro dele leva a
uma grande diversão?



QUADRINHAS

Cleide, Cleidinha,
moça esperta e alegriinha.
Seu sorriso é marca registrada,
nada entristece essa moça animada!

A felicidade é a arte
de ter amigos de verdade,
se souber cultivá-los,
terá para toda a eternidade!

Liberdade é sinal de bondade,
querer ver livre quem amamos de verdade.
Seja bichinho ou seja gente,
liberdade faz um bem danado pra gente!



NOME:

Daniela Santos da Silva

ADIVINHAÇÕES

O que é, o que é?
Te faz viajar, sem sair do lugar?

O que é, o que é?
Tem alto falante, não é som, fala, mas não é gente?

O que é, o que é?
Na escola, a criançada começa a brincar,
de repente, as cabecinhas começam a coçar?

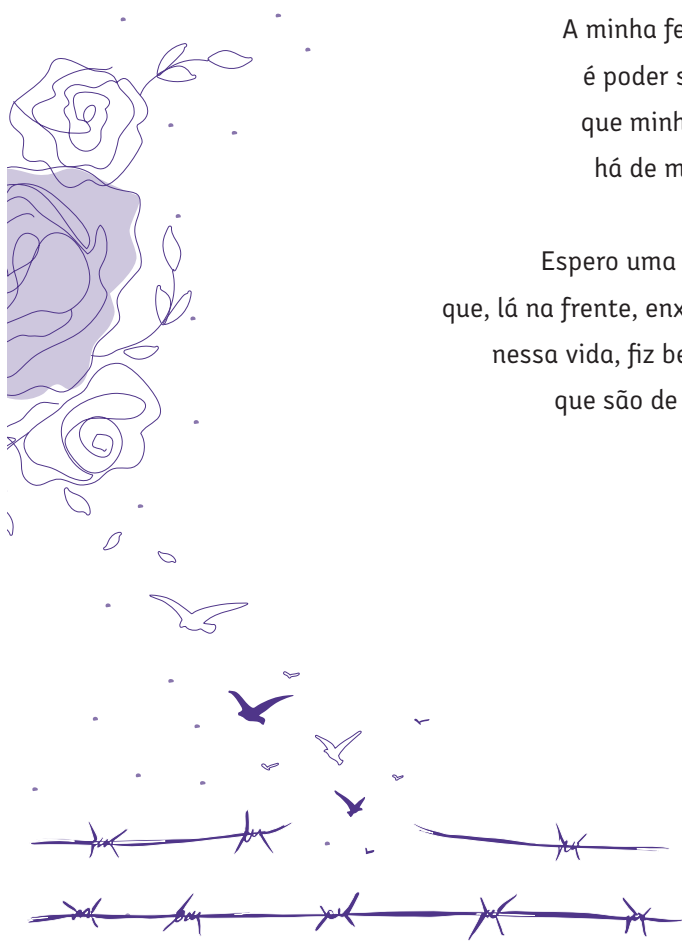


QUADRINHAS

Daniela,
uma menina tão singela,
que tem uma amiga
que se chama Gabriela.

A minha felicidade
é poder sonhar
que minha vida
há de mudar.

Espero uma liberdade,
que, lá na frente, enxergo a eternidade,
nessa vida, fiz belas amizades,
que são de verdade.



NOME:

Daysielle da Silva Pereira

ADIVINHAÇÕES

O que é, o que é?

Tem folhas, mas não é jornal,
tem letras, mas não é dicionário?

O que é, o que é?

É pequeno, mas não é formiga,
são muitos, mas não é família,
coça, mas não é alergia?

O que é, o que é?

É quadrado, mas não é tijolo,
fala, mas não é pessoa?



QUADRINHAS

Ciranda, cirandinha,
vamos todas cirandar,
Daysielle, nossa amiga,
muita história vai cantar.



Meus amigos, fiquem atentos,
prestem muita atenção,
Daysielle, nesta roda,
vai roubar seu coração.

De espírito igualdade é o que preciso,
liberdade para todas, isso tudo eu profetizo.

Felicidade é a arte de amar,
a felicidade está no ar.



NOME:

Fabiana Viana do Vale

ADIVINHAÇÕES

O que é, o que é?

Faz a gente viajar, estando no mesmo lugar,
faz a gente ficar no mundo do imaginar,
tem capa, e não é máquina de lavar?

O que é, o que é?

Serve pra falar, serve pra escutar,
serve pra vender, serve pra contar,
serve pra ligar, serve pra conectar?

O que é, o que é?

É um bichinho bem pequenininho,
tem muitos pezinhos, e ninguém quer pertinho,
quando espremido, explode, fazendo barulhinho?



QUADRINHAS

Olá, meu povo e minha povo,
tô chegando pra contar uma história.

Meu nome é Fabiana,
quero que escutem e guardem na memória!

Olá, queridas companheiras,
dona felicidade, onde estará?
Ponha a mão em seu coração,
lá é onde ela gosta de morar!

Voa, voa, passarinho,
curte a sua liberdade.

Voa, voa, passarinho,
isso que é a alegria de verdade!



NOME:

Geissi Luiz Geraldo

ADIVINHAÇÕES

O que é, o que é?

Tem tecla, mas não é computador,
toca música, mas não é rádio,
tem antena, mas não é televisão,
o que é então?

O que é, o que é?

Tem capa, mas não é sofá,
tem orelha, mas não é burro,
tem número, mas não é calculadora?

O que é, o que é?

Tem muitas perninhas, mas não é centopeia,
tem chifre, mas não é javali,
suga sangue, mas não é vampiro?



QUADRINHAS

Batatinha, quando nasce,
se esparrama pelo chão.
Geissinha, quando conta história,
põe a mão no coração.

Felicidade não é coisa de se dar,
mas se conquista.
E, para isso,
tem que ser otimista!

Liberdade que bate, bate,
liberdade que já bateu.
Quem gosta de mim é ela,
e quem gosta dela sou eu!



NOME:

Jussara Rodrigues de Abreu

ADIVINHAÇÕES

O que é, o que é?
Tem números, mas não é calculadora,
Tem tela, mas não é televisão?

O que é, o que é?
Tem orelha, mas não é gente,
Tem capa, mas não é super-herói,
Fala, mas não é gente?

O que é, o que é?
Tem pé, mas não é gente,
Gosta de sangue, mas não é vampiro?

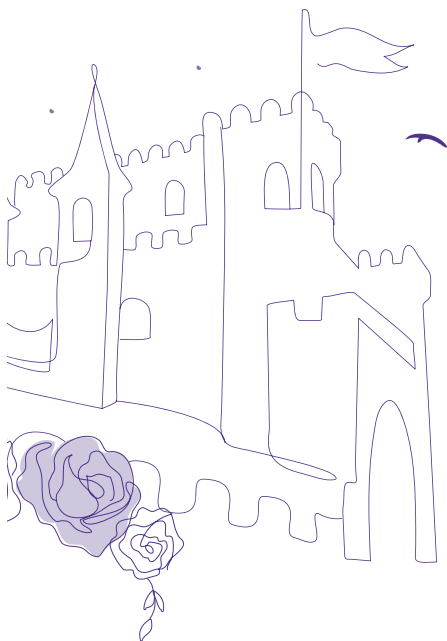


QUADRINHAS

Fui na fonte do tó ró, ró
beber água e não achei,
Achei foi a Jussara,
Que no tó ró, ró deixei.

Felicidade, felicidade
venha logo para cá.
Sem você neste mundo,
eu não consigo ficar.

Canta, canta, minha gente,
deixa a tristeza pra lá.
Canta forte, canta alto,
que a liberdade vai cantar!



NOME:

Kellen Pereira Souza e Silva

ADIVINHAÇÕES

O que é, o que é?

Coça, mas não é caspa,
te deixa maluca, mas não é homem,
quem sou eu?

O que é, o que é?

Ensina, e não é professor,
muitos me julgam pelo meu corpo,
quem sou eu?

O que é, o que é?

Cuida da sua vida, mas não é sua vizinha,
tem bateria, mas não é carro,
quem sou eu?

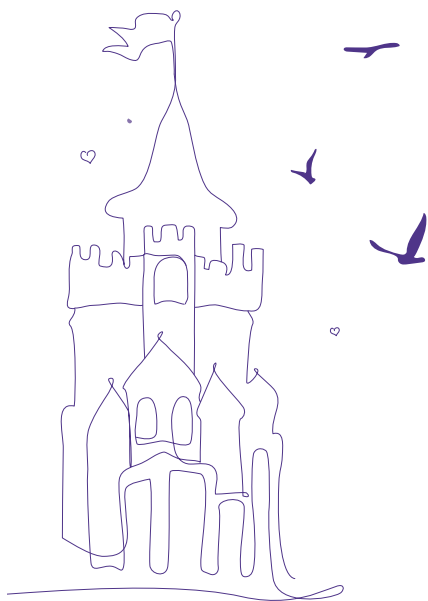


QUADRINHAS

Felicidade, felicidadezinha,
venho encontrar
a minha nova amiguinha,
vida longa à Rosaninha!

Liberdade para sonhar,
liberdade para cantar,
liberdade para voar,
liberdade para amar...

Meu nome é Kellen,
gosto muito de sonhar,
quero a minha liberdade
e a minha felicidade para amar.



NOME:

Laís Gabrielle de Oliveira Silva

ADIVINHAÇÕES

O que é, o que é?

Tem capa, mas não é super-homem,
tem personagens, mas não é novela,
abre e fecha, mas não é janela?

O que é, o que é?

Liga e desliga, mas não é luz,
tem bateria, mas não é banda de rock,
tem tela, mas não é cinema?

O que é, o que é?

Tem pata, mas não é barata,
pula, mas não é grilo,
coça, mas não é pulga?



QUADRINHAS

Se essa rua fosse minha,
eu mandava ladrilhar.
Laisinha, nessa hora,
muita história vai contar!



Vivo daqui, vivo dali,
penso daqui, penso de lá.
Um dia, tenho certeza
que a felicidade irei achar!

Os passarinhos usam com liberdade,
disso tudo tenho saudades,
e suas asinhas
bate que bate que bate!



NOME:

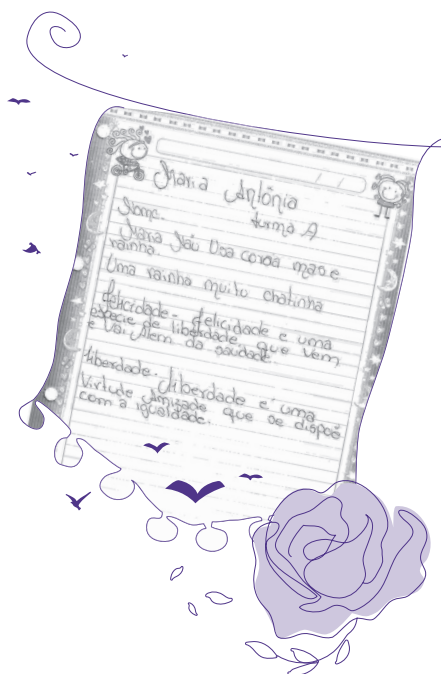
Maria Antônia Lopes Pinto

ADIVINHAÇÕES

O que é, o que é?
Tem letras, mas não é jornal,
tem letras, mas não é dicionário,
nos leva além do imaginário?

O que é, o que é?
É pequeno, mas não é mosquito,
é pior que um pernilongo maldito?

O que é, o que é?
É quadrado, mas não é tijolo,
tem teclado, mas não é piano?



QUADRINHAS

Maria não usa coroa, mas é rainha.

Uma rainha muito chatinha!

Felicidade é uma espécie de liberdade,
que vem e vai além da saudade.

Liberdade é uma virtude,
amizade que se dispõe com a igualdade.



NOME:

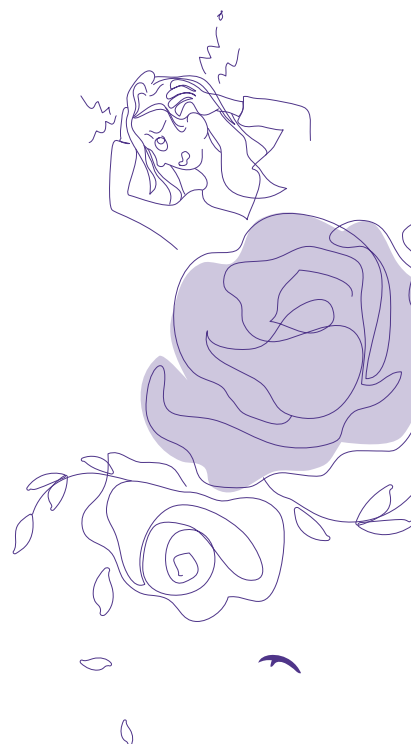
Naiara Monique dos Santos

ADIVINHAÇÕES

O que é, o que é?
É pequenininho e chatinho,
coça, coça, mas não é carrapatinho,
tem na testa um chifrinho,
suga sangue, mas não é morceguinho?

O que é, o que é?
Cheio de numerozinho,
mas não é matematiquinha,
fala da vida do bairro inteirinho,
mas não é sua vizinha?

O que é, o que é?
Que me devora por inteiro,
mas não é nenhum lobo mau,
que, na verdade, quando eu o pego,
ele me livra de todo mal?



QUADRINHAS

Aquela menina Naiara,
bonita e esbelta,
apanhava do pai de vara,
para assim ficar esperta.

Procurei, em toda cidade, a minha felicidade,
só encontrei nos braços
daquele que me amou de verdade,
amor que criou vários laços.

Para se obter liberdade,
nunca pare de lutar,
que isso te dará dignidade,
só basta com fé esperar!

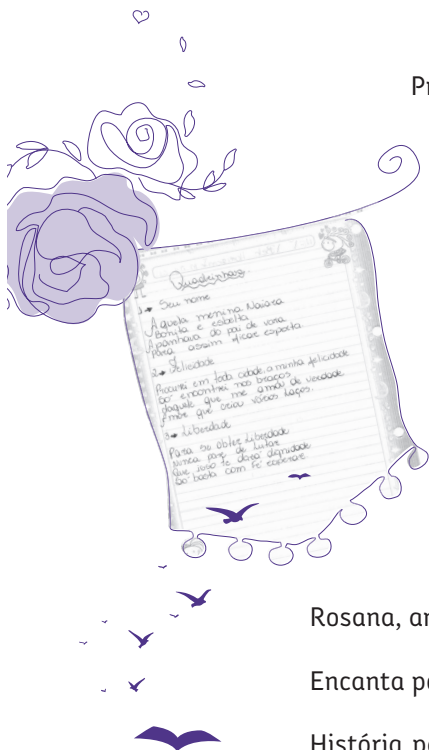
Rosana, amada nossa,

Encanta por onde passa, sua alegria contagia qualquer um.

História para viver, história para viajar, histórias para serem histórias.

Sonhar é possível, imaginar e viajar nesse mundo cheio de aventuras que Rosana construiu por onde viu aberturas. Dizem que o que os olhos não conseguem ver o coração não sente, a prova de quem diz isso mente, porque os olhos não viram, mas o coração sentiu...

Naiara Monique dos Santos



NOME:

Natalie Almeida

ADIVINHAÇÕES

O que é, o que é?

Fala muito, mas não é papagaio,
tem várias cores, mas não é arco-íris,
pode ser do Paraguai ou importado?

O que é, o que é?

Vive em cima da cabeça, mas não é cabelo,
que anda com os pés na cabeça?

O que é, o que é?

Tem orelha, mas não é gente,
ensina, mas não é professor,
tem uma grande capacidade de tornar
um cidadão simples em doutor?



Turner! @

O que é o que é??

Tem coiza mais vici é supertrova
Tem quozocozocozos mais vici é novela
Abel fecha mais vici é fofoca
As lutas

Logo descepa mais vici é bug
Sem contênia mais vici é barba de sock
Tem fêla mais vici é circoza
As calotas

Tem foto mais vici é barata
Fala mais vici é gelo
Coza mais vici é água
As puela

Nome fpa baballe Q a zela

Quokimias & Gôla (coze)

Se sua sua frase mais eu
Pondoa cochinha
Zavanta coza fora minha histora
vici coza

2. Sôlôdôla

nao doqui rino doel
pena doqui pena de la
um dia terho coza que
sôlôdôla dei coza

000 40 02 2021
0 0 0 0 0 0

NOME:

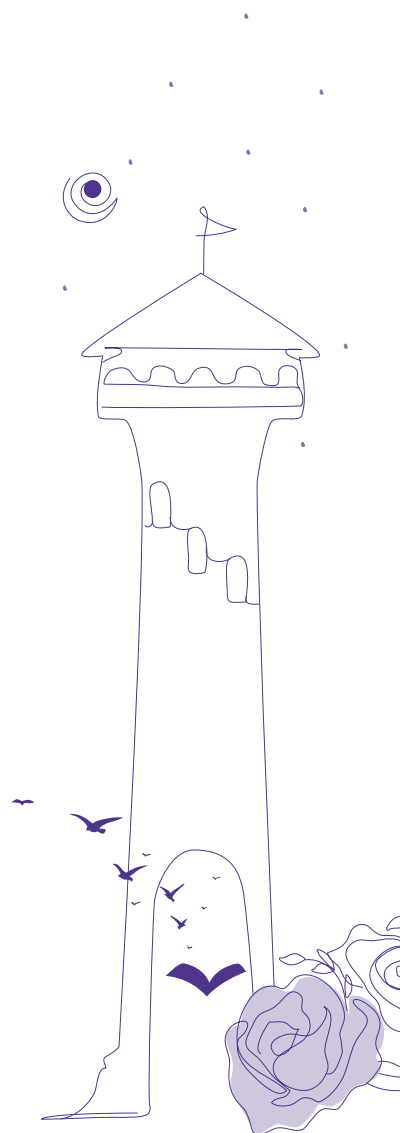
Riciele Francine

ADIVINHAÇÕES

O que é, o que é?
Anda com os pés na cabeça,
coça, coça sem parar,
é difícil de acabar?

O que é, o que é?
Faz fofoca, mas não é sua vizinha,
se for pequeno, cabe em uma bolsinha,
tem tela, mas não é cinema,
e, se não souber usar, causa problema?

O que é, o que é?
Tem orelha, mas não é burro,
te ensina, mas não é professor,
você pode ser autor?



QUADRINHAS

Sou alegre e contente,
andando sempre na luz,
espalhando felicidade,
quando falo de Jesus.

Passando na rua,
encontrei uma amiga,
tive a liberdade
de fazer cócegas em sua barriga!

Fui fazer uma caminhada
e fiquei com sede,
não sabia como fazer,
pedi água para Ricieide!



NOME:

Shayene Gabrielle

ADIVINHAÇÕES

O que é, o que é?

Tem capa, mas não é sofá,
tem personagem, mas não é novela,
nos faz viajar, mas não é avião?

O que é, o que é?

Tem tela, mas não é TV,
tem botões, mas não é roupa,
tem música, mas não é rádio?

O que é, o que é?

Que coça, mas não é sarna,
tem várias patinhas, mas não é lacraia,
bebe sangue, mas não é vampiro?



QUADRINHAS

O meu nome é Shayene,
jamais a mim houvera acontecido
passei por muitos crimes e fiquei arrependido.

A felicidade permite a saudade,
mas nunca o esquecimento
de uma grande amizade.

No nosso país, é muito triste nossa cruel realidade,
Infelizmente, por muito pouco, perdemos nossa liberdade.



NOME:

Viviane Rodrigues Rosa

ADIVINHAÇÕES

O que é, o que é?
Que coça e nos deixa louco,
corre, mas não é carro,
tem um tanto de pernas, mas não é aranha?

O que é, o que é?
Que nos leva para vários lugares, sem sair do lugar,
mexe com nossos sentimentos, mas não é novela,
E fica sempre ao lado da cama?

O que é, o que é?
Tem jogos, mas não é videogame,
tem antena, mas não é rádio,
tem filme, mas não é televisão?



QUADRINHAS

O meu nome é Viviane,
vou te contar uma história.
Quando eu era criança,
minha fruta preferida era amora.

Me falaram que casar
trazia felicidade.
Essa pessoa mentiu
e agiu na falsidade.

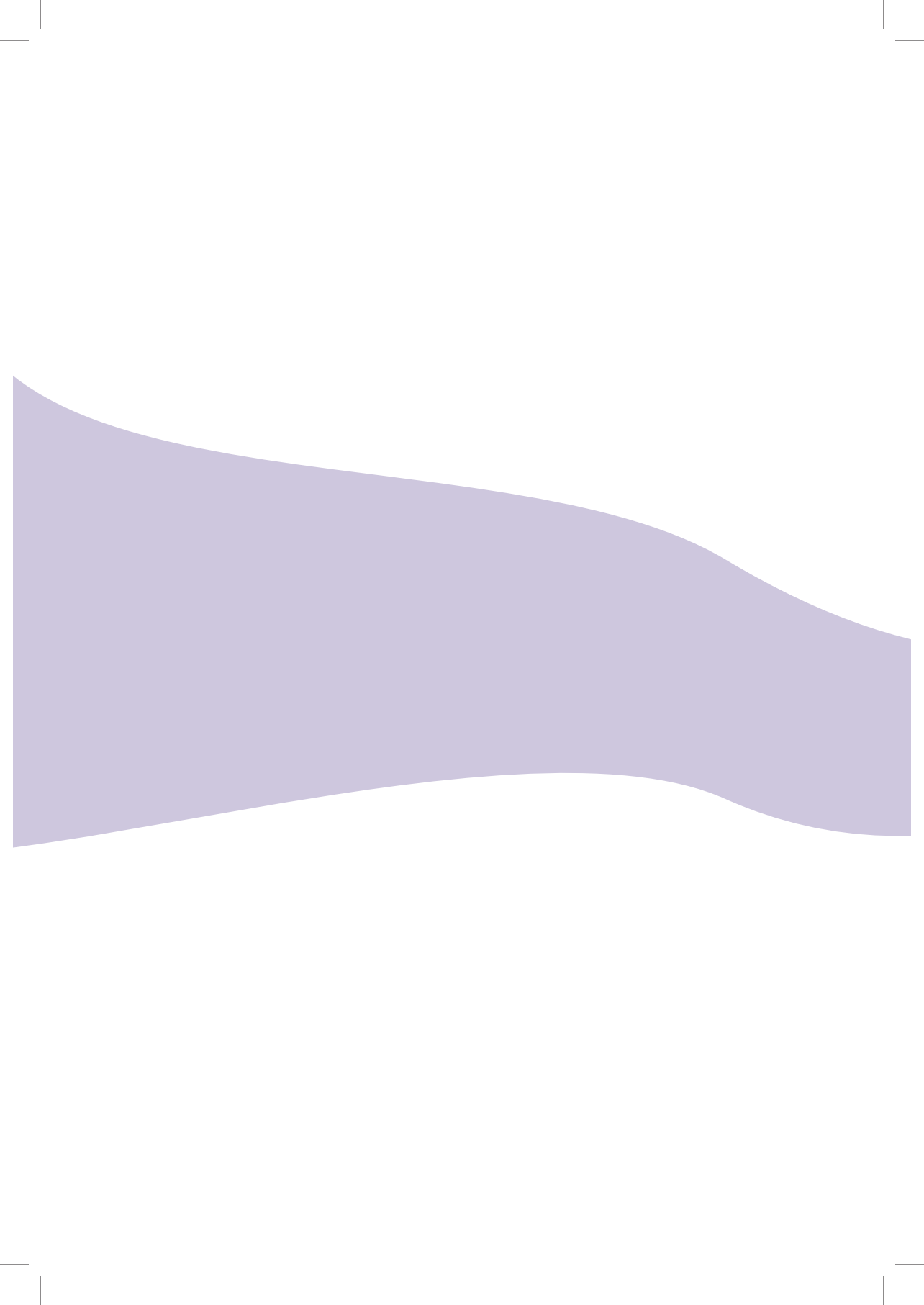
Eu amo a liberdade,
mas hoje estou sem ela.
Só o que me resta
é a tatuagem que tenho dela.

Amo a liberdade,
mas hoje estou sem ela.
Mas tenho fé em Deus
que amanhã posso ter ela.



Nunca desista
das coisas
que fazem
você sorrir...







Turma B

Adivinhações e Quadrinhas



Meu nome é...

Felicidade...

Liberdade...



NOME:

Amara Leticia de Souza Freire

ADIVINHAÇÕES

O que é, o que é?
Que dorme no telhado?
não paga aluguel
e ainda incomoda todos os vizinhos?

O que é, o que é?
Que tem muitas pernas, e não é aranha
e, ainda por cima, anda com os pés na cabeça?

O que é o que é?
Foi a perdição de Eva
e dá sono de 100 anos?

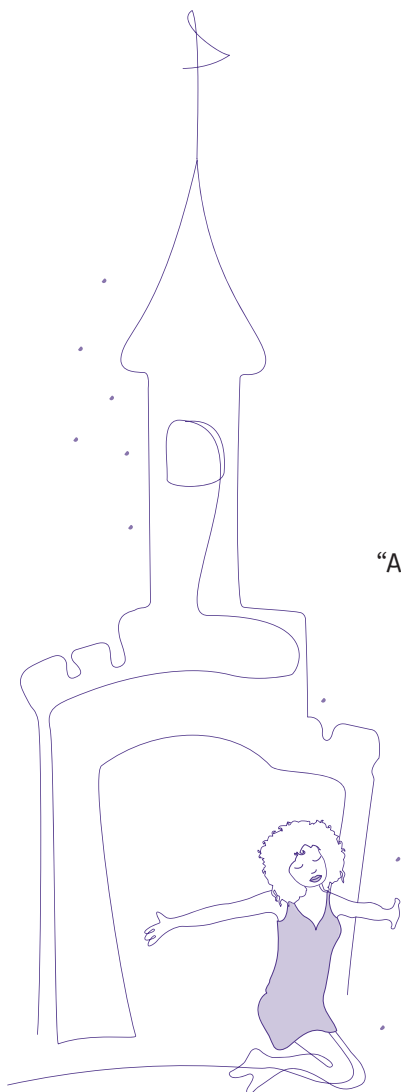


QUADRINHAS

Meu nome é Aimara.
Quando era criança,
brincava de ciranda.
Agora que sou grande,
gosto muito de dança...

Um dia me falaram
que felicidade
era casar,
mas essa pessoa só quis me enganar.

A liberdade cantou
e galeria do sistema abalou.
Quando meus parceiros lá de dentro gritou:
“Aimara, vai com Deus, vai demonstrar seu valor!”,
ela ajoelhou e agradeceu ao Senhor.



NOME:

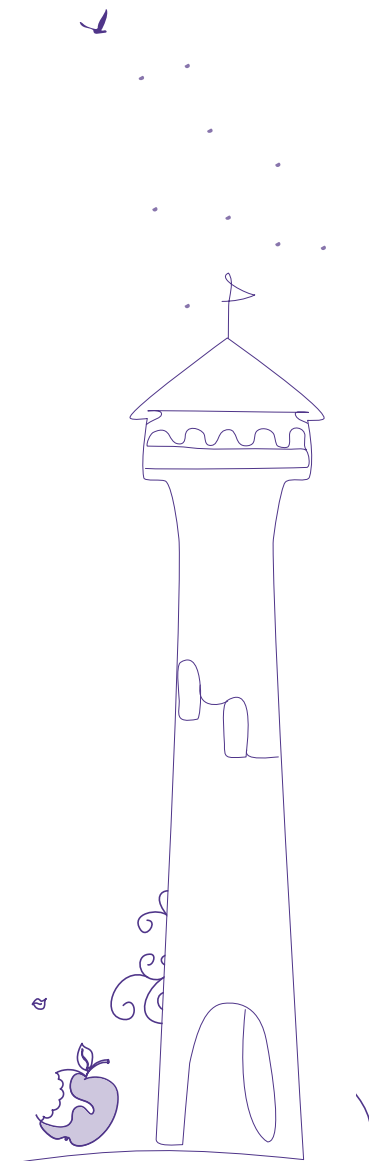
Ana Luísa Silva

ADIVINHAÇÕES

O que é, o que é?
Pula, pula, mas não é macaco,
coça, mas não é alergia,
anda com os pés na cabeça?

O que é, o que é?
Ronca, mas não é gente,
dorme muito, mas não é urso,
tem muitos pelos, mas não é o Tony Ramos?

O que é, o que é?
É vermelha por fora e branco por dentro,
é clássica como a fruta do pecado,
ah, também tem da verde...



QUADRINHAS

Oi, meu nome é Ana.
Carrego muitas dores,
mas, por onde passo,
semeio muitas flores!

O mundo é muito cruel,
nunca sabemos que é de verdade,
mas, mesmo desse jeito,
levo minha vida com felicidade!

Deus é justo o tempo todo
e Ele sabe que, no meu coração, há muita saudade,
mas, com muita fé,
logo terei novamente minha liberdade!



NOME:

Camila Borges

ADIVINHAÇÕES

O que é, o que é?

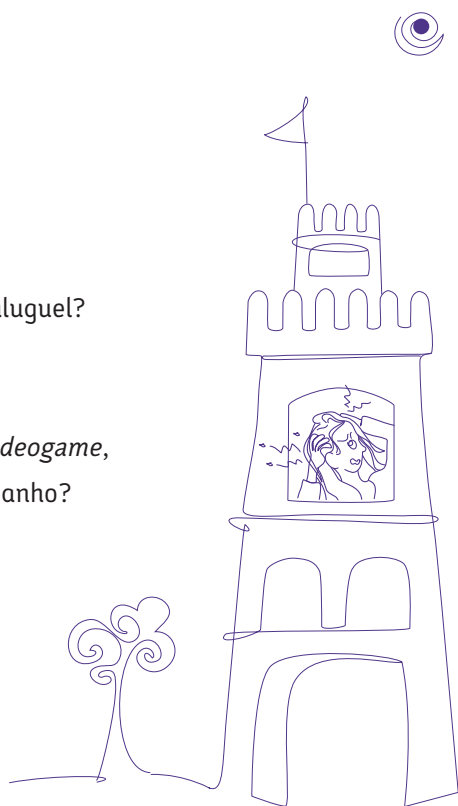
É vermelho, mas não é morango
dá em árvore, mas não é pitanga,
é conhecida como fruto proibido,
mas todo mundo come?

O que é, o que é?

Está na cabeça, mas não é cabelo
pula, mas não é pulga, e não paga aluguel?

O que é, o que é?

Tem mais de uma vida, mas não é *videogame*,
Sempre está limpo, mas não toma banho?

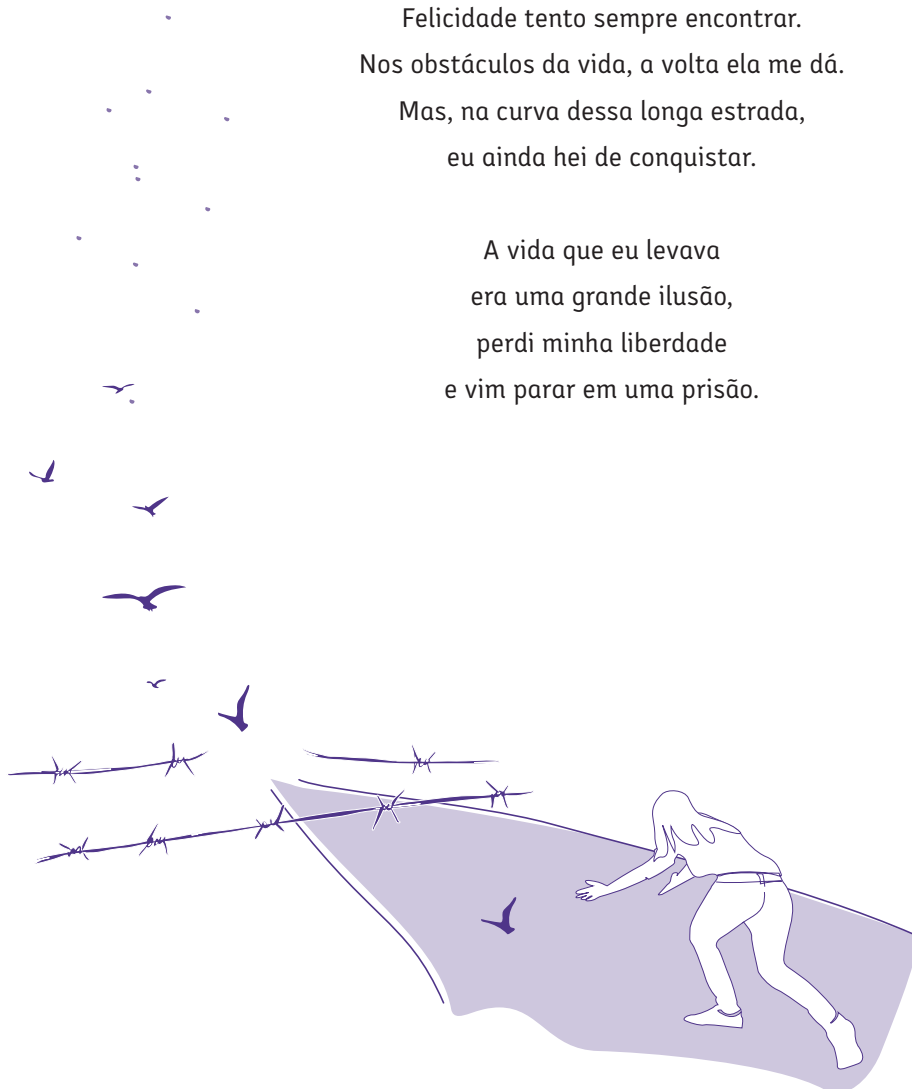


QUADRINHAS

Antes de me julgar,
se coloque no meu lugar.
Meu nome é Camila, e o vulgo é Cacá.

Felicidade tento sempre encontrar.
Nos obstáculos da vida, a volta ela me dá.
Mas, na curva dessa longa estrada,
eu ainda hei de conquistar.

A vida que eu levava
era uma grande ilusão,
perdi minha liberdade
e vim parar em uma prisão.



NOME:

Claudineá da Silva Ferreira

ADIVINHAÇÕES

O que é, o que é?

Coloco 7, viro 7 em um dia,

faço 7x7 e, em dois dias, você tem 49 de mim.

Quem sou eu?

O que é, o que é?

Sou livre e já nasço nobre com meu rabo,

te faço cócegas e, com minha preguiça, te deixo pobre
(veterinário, comprar comida, ir ao *pet shop*).

Quem sou eu?

O que é, o que é?

Culpada sou pelo pecado (Adão e Eva).

Culpada sou pelo sono profundo (A bela adormecida).

Se te der dor de barriga, sou remédio na certa.

Quem sou eu?

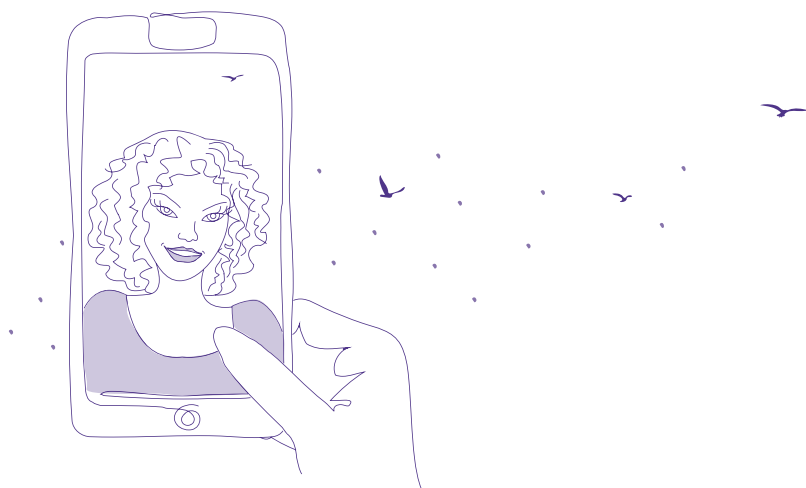


QUADRINHAS

Cláudia, perfeita e tão bela.
Cláudia, eu a chamava de Cráudia,
criando um defeito nela.
É uma pena que Cláudia não sou,
pois sou Claudinéa.

Seja sol em dias nublados.
Do signo liberdade com ascendente em voar alto!
Com um sorriso na cara e a felicidade estampada.

De luz em luz, me tornei meu sol.
Ser intensa é a minha essência e felicidade.
Com empenho, é a gente que constrói a nossa liberdade...



NOME:

Cristina Mendes Vieira

ADIVINHAÇÕES

O que é, o que é?

Que não para de andar, que suga sangue sem parar,
que incomoda de tanto coçar?

Tem patinha pequenininha,
mas não é uma formiguinha.

O que é, o que é?

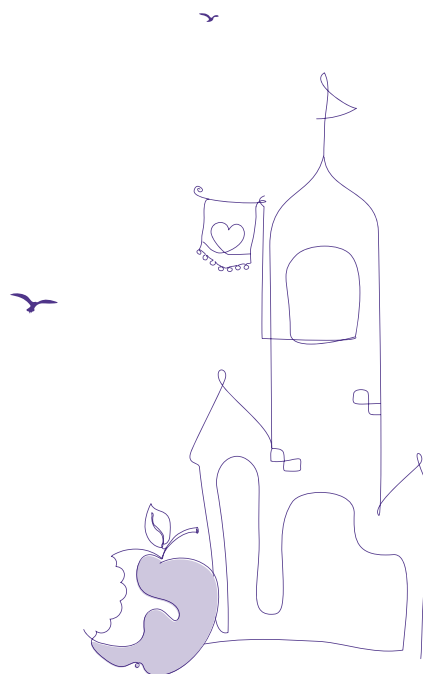
Pra ser uma realeza,
entregou como sobremesa.

E a menina, coitada!!!
ficou na pobreza.

Mas não morreu envenenada
com tamanha esperteza.

O que é, o que é?

É peludinho e bonitinho,
mas não é meu cachorrinho.

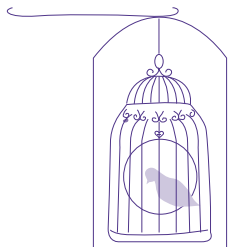


QUADRINHAS

Ela é bem pequenininha
e muito sapequinha,
e também muito chatinha,
qual será o nome dessa menininha? Cristina.

A felicidade permite a Lealdade
E nunca esquece uma grande
Amizade.

Que saudade da minha Liberdade,
daqueles tempos de molecagem,
onde conquistei minhas amizades,
com muito Amor e Sinceridade.



NOME:

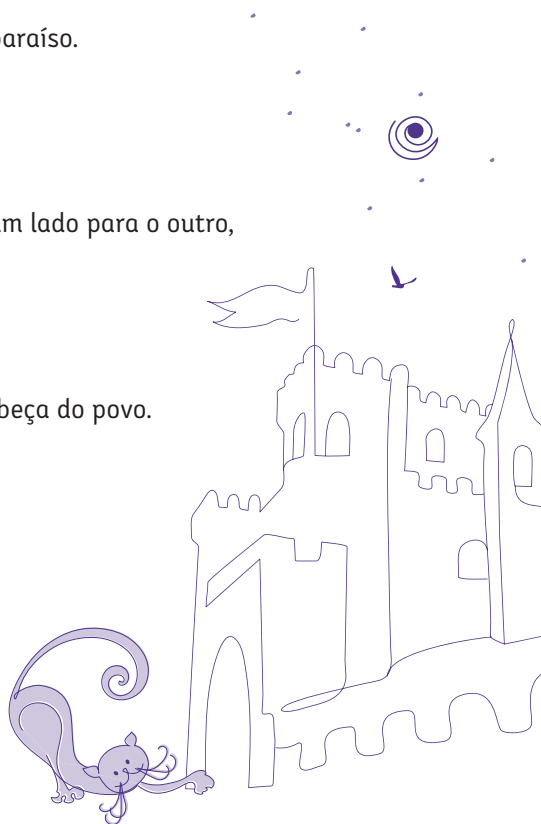
Dayane Novais Costa

ADIVINHAÇÕES

O que é, o que é?
Por conta do fruto proibido,
Eva e Adão foram expulsos do paraíso.

O que é, o que é?
Tem bigode, mas não é homem,
tem 7 vidas e, quando pula de um lado para o outro,
sempre cai em pé.

O que é, o que é?
Não tem pé, mas só anda na cabeça do povo.



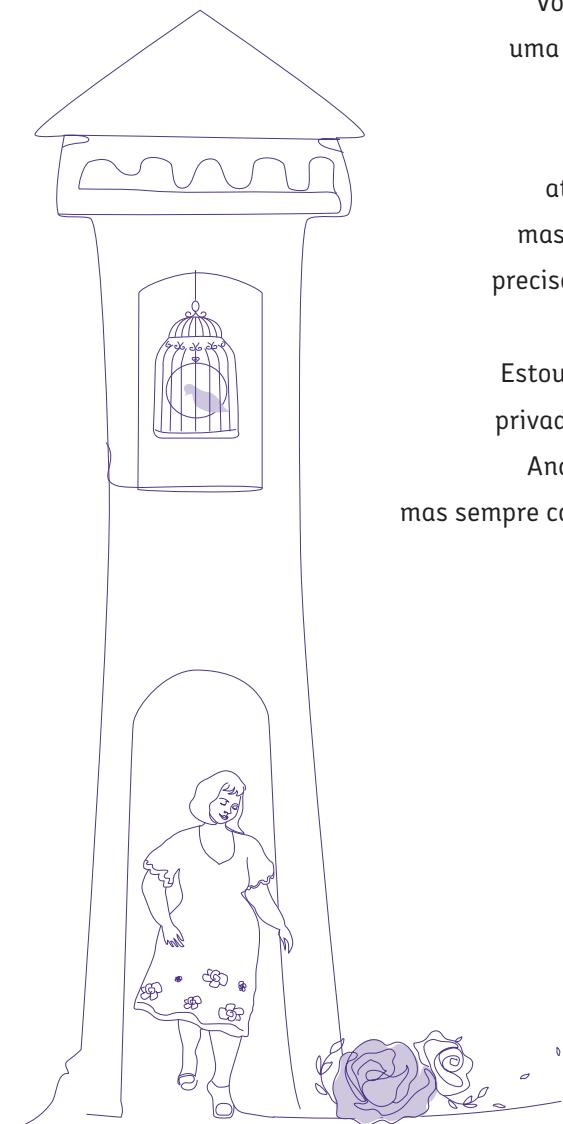
QUADRINHAS

Meu nome é Dayanne,
sou gorda e gulosa.
Vou contar pra você
uma história bem jeitosa.

Ando pensativa
atrás da felicidade,
mas, para ser completa,
preciso amenizar a saudade.

Estou presa, por enquanto,
privada da minha liberdade.

Ando meio cabisbaixa,
mas sempre corro atrás da minha felicidade.



NOME:

Ediléia Mendes de Sá Resende

ADIVINHAÇÕES

O que é, o que é?

Coça, coça, mas não é sarna.

Gosta de sangue, mas não é sanguessuga.

O que é, o que é?

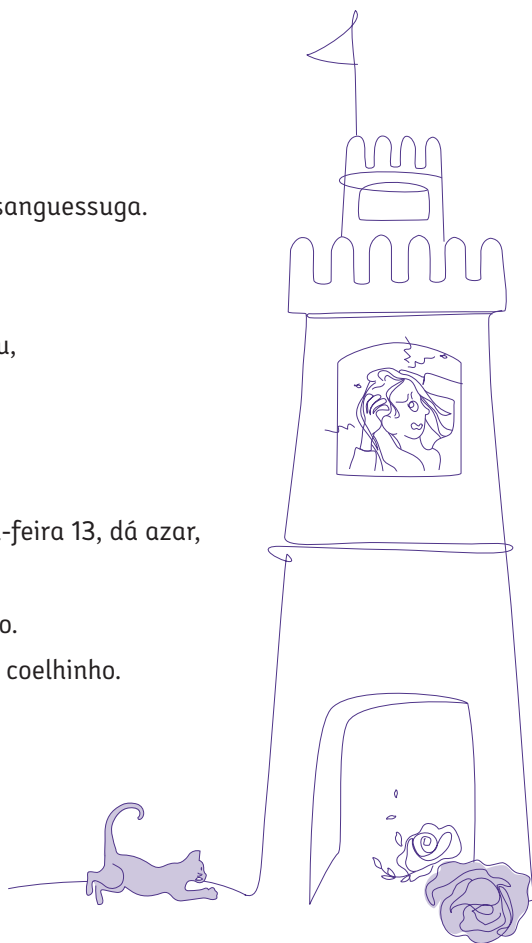
A Eva comeu, mas não morreu,
mas a mulher padeceu.

O que é, o que é?

Se cruzar sua frente na sexta-feira 13, dá azar,
mas não é espelho quebrado.

Ronca, ronca, mas não é porco.

É peludo e fofinho, mas não é coelhinho.

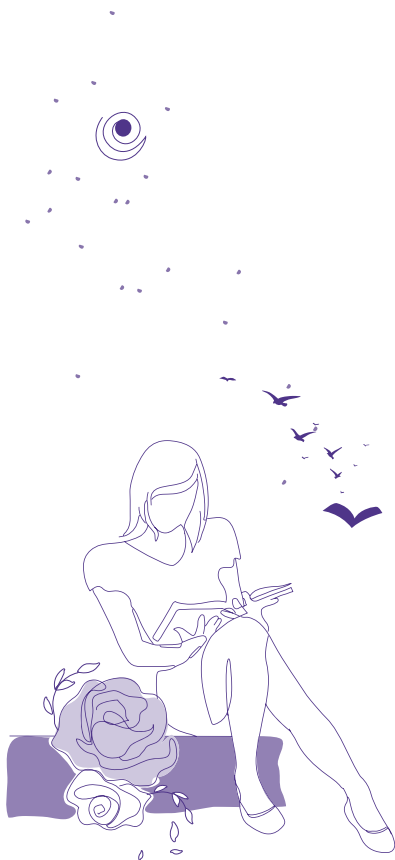


QUADRINHAS

O meu nome é Edirléia.
Sou atraente e contente.
Eu não gosto de geleia,
pois divido com muita gente.

Estou curtindo a felicidade
de aprender a contar histórias,
falar da humanidade
através de memórias.

Construindo minha liberdade,
ressocializarei pela palavra.
Já não tenho tanta ansiedade
porque estou esperando,
com paciência, a minha liberdade.



NOME:

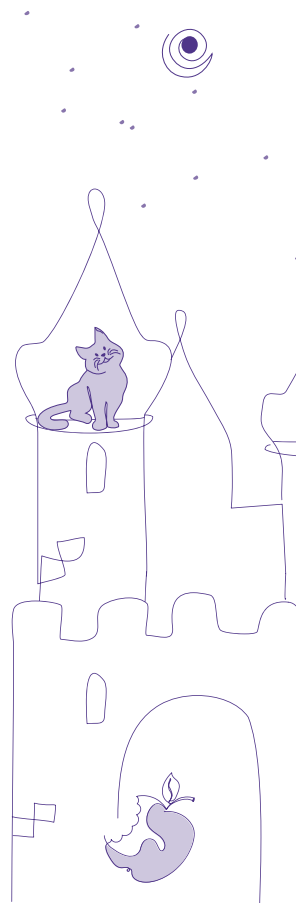
Francilane Pereira Souza

ADIVINHAÇÕES

O que é, o que é?
Anda com pés na cabeça,
coça, mas não é pulga,
se multiplica, mas não são números.

O que é, o que é?
Tem 7 vidas, cai em pé e dorme no telhado.

O que é, o que é?
É a fruta do pecado,
é vermelha por fora e branca por dentro.
Nos contos de fadas, faz adormecer por anos.



QUADRINHAS

Meu nome é Fran.
Gosto muito de piadas.
Mesmo não tendo graça,
dou muitas gargalhadas.

Nada na vida é fácil.
Enfrentamos muitas dificuldades.
Mas, com otimismo e alegria,
espalhamos, por todos os lados, a felicidade.

O ser humano é falho,
facilmente cai na iniquidade.
Mas, com fé e perseverança em Deus,
logo conquistamos nossa liberdade.



NOME:

Jéssica Gomes dos Santos

ADIVINHAÇÕES

O que é, o que é?
O meu pelo eu arrepio
quando vejo o perigo,
minha língua é o meu chuveiro
para banhar os meus cabelos.

O que é, o que é?
Branca de neve coitadinha,
com uma mordida foi iludida,
e com isso quase perdeu sua vida.

O que é, o que é?
Coça, coça nossa cabeça constante,
não aguento mais esse bichinho irritante.

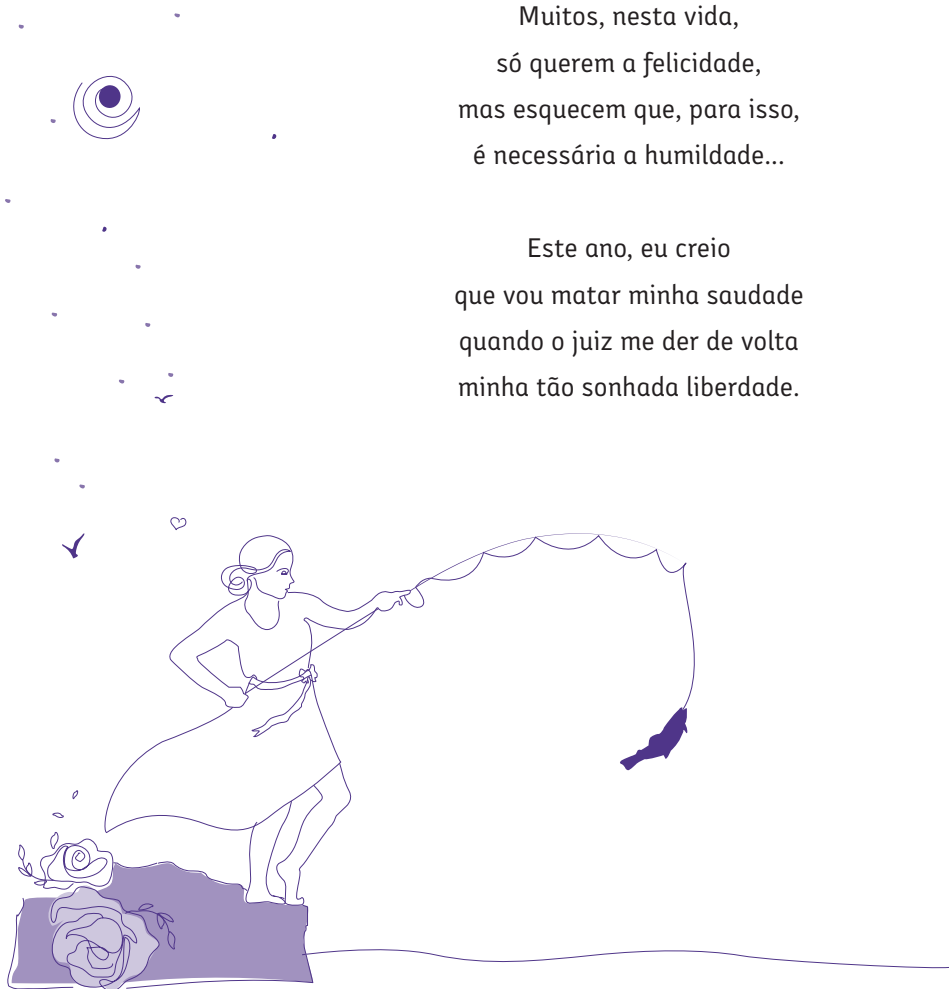


QUADRINHAS

Oi, meu nome é Jéssica.
Não estou tendo o que pensar.
Só tenho uma certeza:
quando eu sair, quero aprender a pescar.

Muitos, nesta vida,
só querem a felicidade,
mas esquecem que, para isso,
é necessária a humildade...

Este ano, eu creio
que vou matar minha saudade
quando o juiz me der de volta
minha tão sonhada liberdade.



NOME:

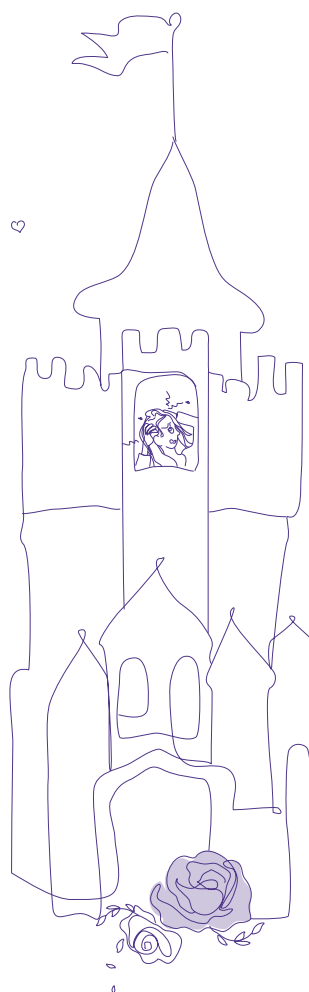
Leticia Cristina Costa

ADIVINHAÇÕES

O que é, o que é?
Sou um bichinho pequenino,
muito traiçoeiro.
Quando eu entro em suas cabecinhas,
ai meu Deus, acabo enlouquecendo
o mundo inteiro!
Sabe quem sou?

O que é, o que é?
Sou um felino muito marrento,
vivo pulando de telhado em telhado
e detesto andar molhado.
Sabe quem sou?

O que é, o que é?
Sou uma fruta muito gostosa e muito saborosa,
mas que pena que Adão e Eva não resistiram
do fruto proibido do paraíso,
e ainda foram expulsos por falta de juízo.



Sabe quem sou?
“Pica-pau na madeira. Vai bicando
e a saudade no peito foi ficando
machucando de amor.
O destino é mais importante
do que a jornada.”



QUADRINHAS

Meu nome é Letícia.
Sou preta tipo A.
Ninguém pode me tirar
meu jeito de rimar.

A minha grande felicidade
é gostar de alguém que sabe
me amar de verdade.

A minha liberdade
como vou falar dela...
já faz tantos anos
que estou privada sem ela.

NOME:

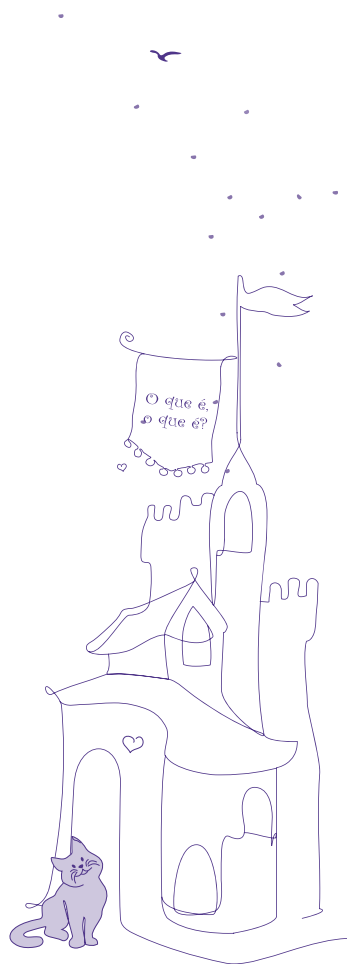
Lidiane Silva

ADIVINHAÇÕES

O que é, o que é?
É vermelhinha igual sua bochechinha,
mas também é gostosa. Verdinha?
Pode ser doce ou azedinha.

O que é, o que é?
Tem uma anteninha, anda rapidinho
e chupa seu sanguinho?

O que é, o que é?
Anda em cima do telhado, mas não é Noel.
Tem bigode grande, mas não é o Sr. Manuel.
Tem mais de uma vida e, por isso, vive adiando
sua passagem para o céu?

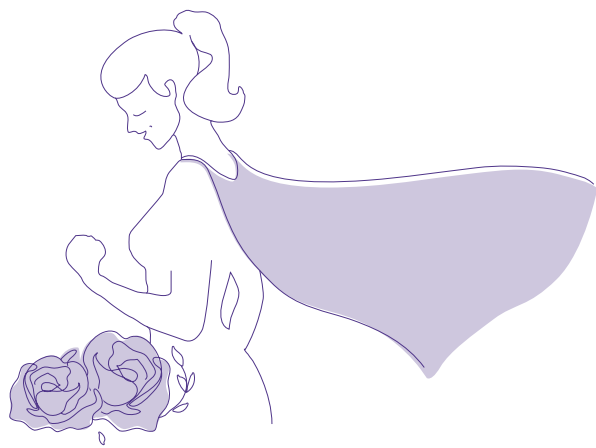


QUADRINHAS

Meu nome é Lidiane
e uma coisa eu vou falar:
se sua estrela não brilha,
a minha não tente apagar.

Uma palavra tão simples
que se encaixa em qualquer idade,
não escolhe rico nem pobre,
é a tal da felicidade...

Sou uma nobre guerreira
e vou contar minha realidade:
por causa dos meus erros,
perdi minha liberdade, mas não minha dignidade...



NOME:

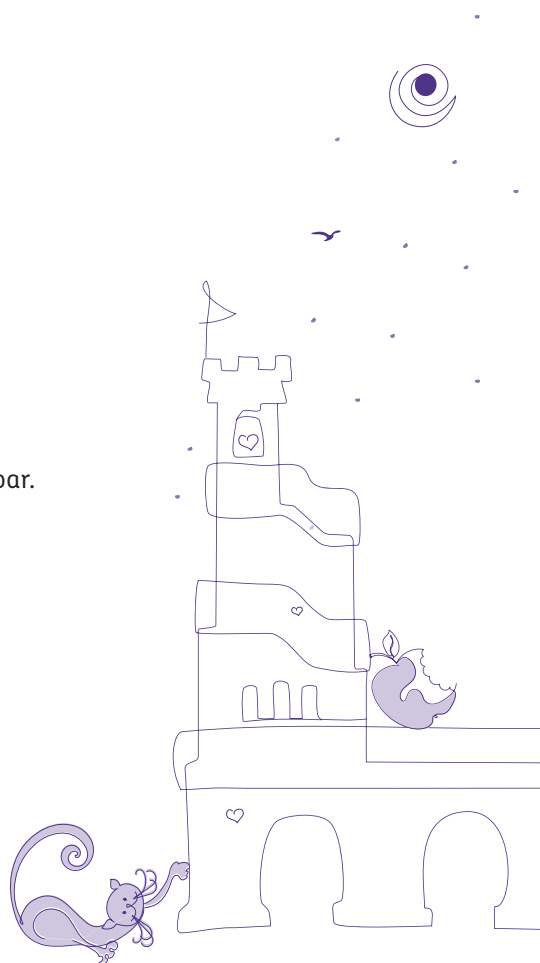
Maria das Graças de Souza

ADIVINHAÇÕES

O que é, o que é?
Não tem pé
e anda sem parar
e na nossa cabeça
começa coçar?

Ele é malandro
e não tem com o que se preocupar.
Mora em cima do telhado
para ver a vida passar.

Por causa de Eva,
Adão perdeu o juízo.
Por comer o Fruto Proibido,
Eva deixou o paraíso.



QUADRINHAS

Maria, hoje é seu dia
no silêncio da alegria
que não me preenchia
e, na minha vida, é meu guia.

Queria saber onde ela mora,
pois, se eu tivesse
seu endereço,
iria atrás dela agora.

Liberdade para falar,
Liberdade para ouvir,
Liberdade, minha gente,
Vamos todos adquirir.



NOME:

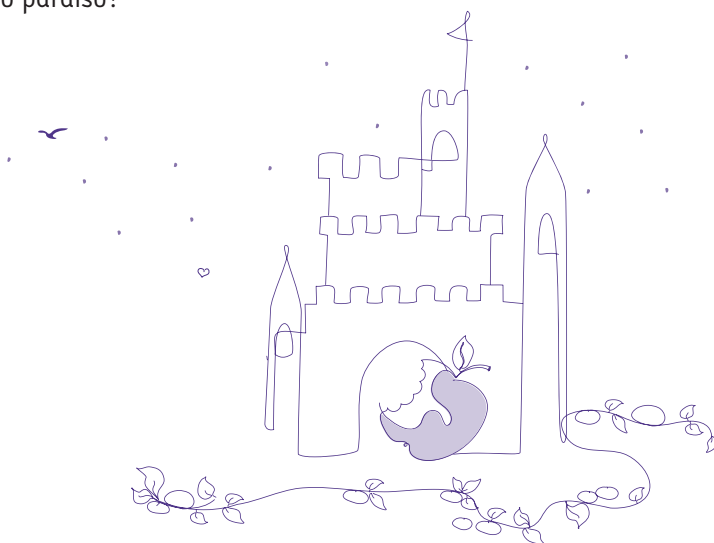
Maria Tereza Pereira e Mucci

ADIVINHAÇÕES

O que é, o que é?
Coça, coça sem parar
e o couro dá vontade de arrancar?

Mora em cima do telhado pra não pagar aluguel?

O fruto proibido que fez Adão e
Eva saírem do paraíso?

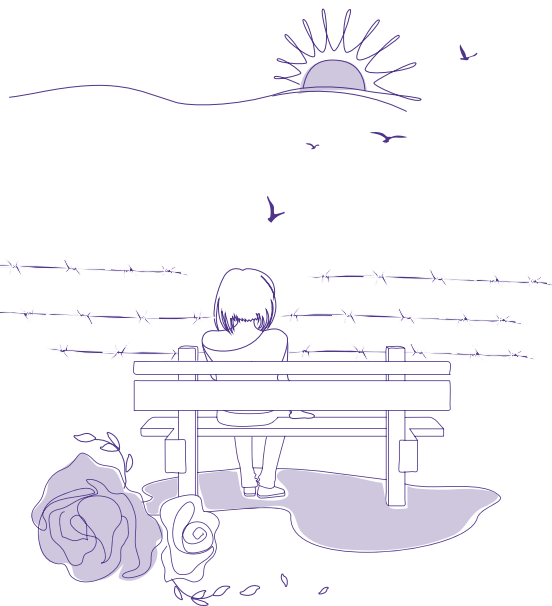


QUADRINHAS

Relembro do nosso caso,
que Tereza, com certeza
deixou dúvidas no acaso
com muita clareza.

Felicidade, o que dizer?
Que eu quero te ver
na mansidão
daquele grande amanhecer.

Liberdade que liberta,
Liberdade que aperta,
Oh, liberdade,
onde estás de verdade?



NOME:

Neide Aparecida do Nascimento Silva

ADIVINHAÇÕES

O que é, o que é?

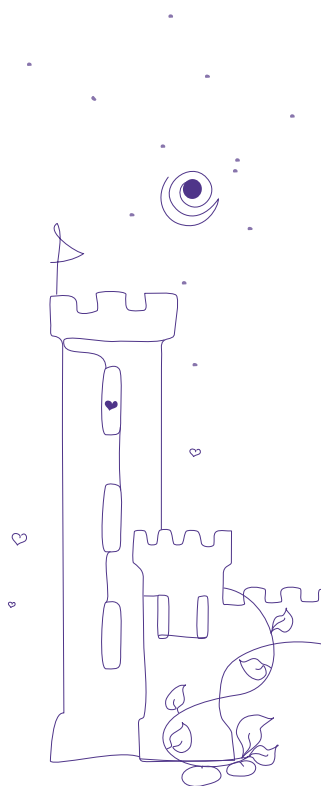
É um bichinho pequenininho,
se não tiver cuidado, dá um trabalhinho,
ele tem 6 perninhas, sua cor é escurinha,
de vez em quando, dá uma coceirinha.

O que é, o que é?

Ela é bem vermelhinha e fez Eva perder a linha.

O que é, o que é?

Um bichinho bonitinho que só quer amor e carinho.

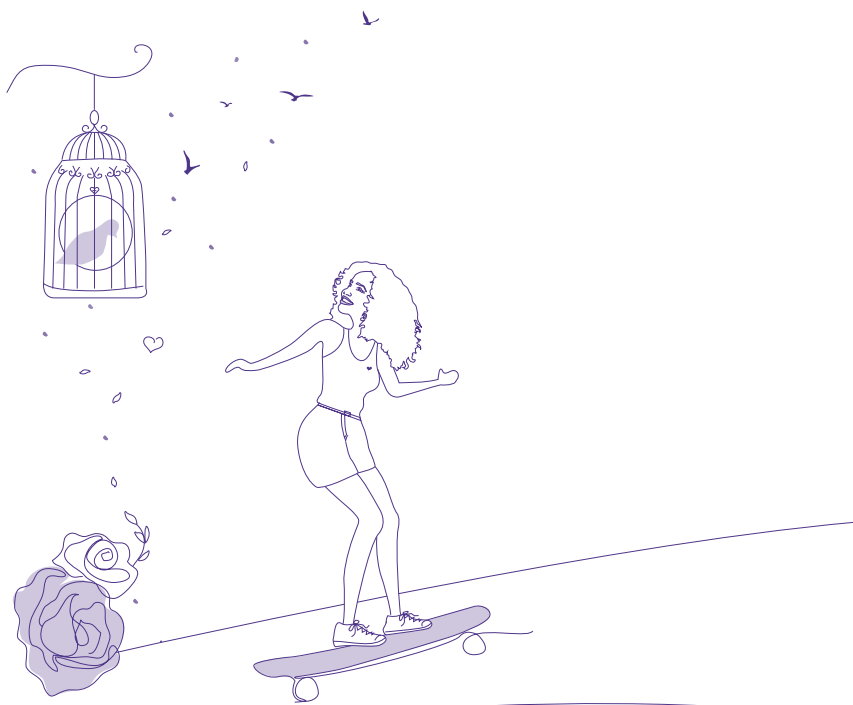


QUADRINHAS

Sou Neide, ando de *skate* e, de vez em quando,
dou carona a Nicolas Kate .

A felicidade está em toda parte que você está,
basta com ela você se encontrar.

A liberdade está no ar.
Se você se sentir presa, presa estará.
Se você se sentir livre, livre estará.



NOME:

Rafaela Gomes da Silva

ADIVINHAÇÕES

O que é, o que é?

Tenho bigode, mas não sou homem.

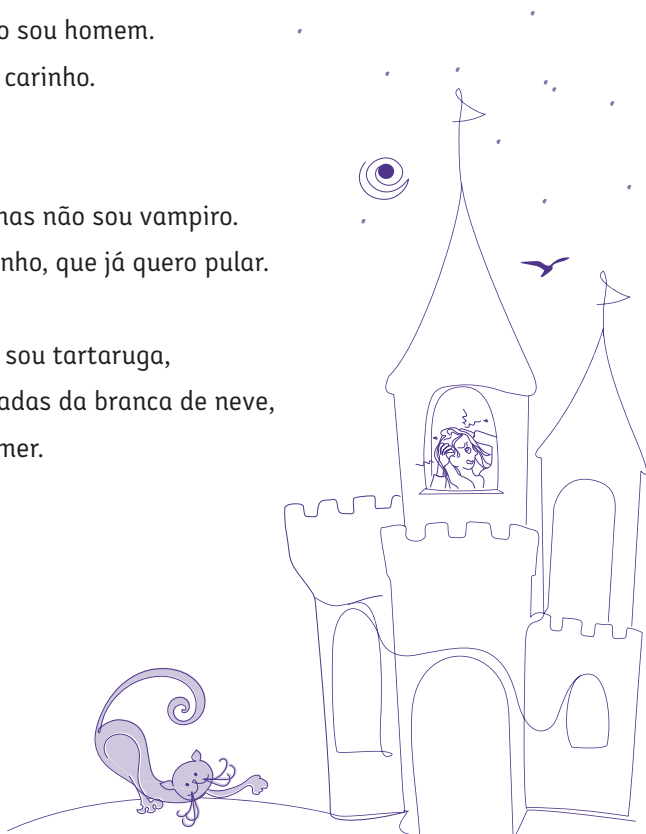
Sou fofinho e amo um carinho.

O que é, o que é?

Gosto de sanguinho, mas não sou vampiro.

Não posso ver um vizinho, que já quero pular.

Tenho casca, mas não sou tartaruga,
apareço no conto de fadas da branca de neve,
mas sou dura para comer.



QUADRINHAS

Meu nome é Rafaela.
Sou muito tagarela,
gosto de nadar,
mas meu dom é falar.

Quando te vejo,
sinto um pouco de tristeza no seu olhar.
Mas, assim que apareço,
brilho de felicidade vem a me encontrar.

Não dá para ver,
não dá para pegar,
mas, quando penso na minha liberdade,
minha barriga chega a gelar.



NOME:

Rosana Teixeira

QUADRINHAS

É, o futuro a Deus pertence.

Você sabe meu nome,
não a minha História,
sabe a cor dos meus olhos,
mas jamais saberá o que eles já viram.

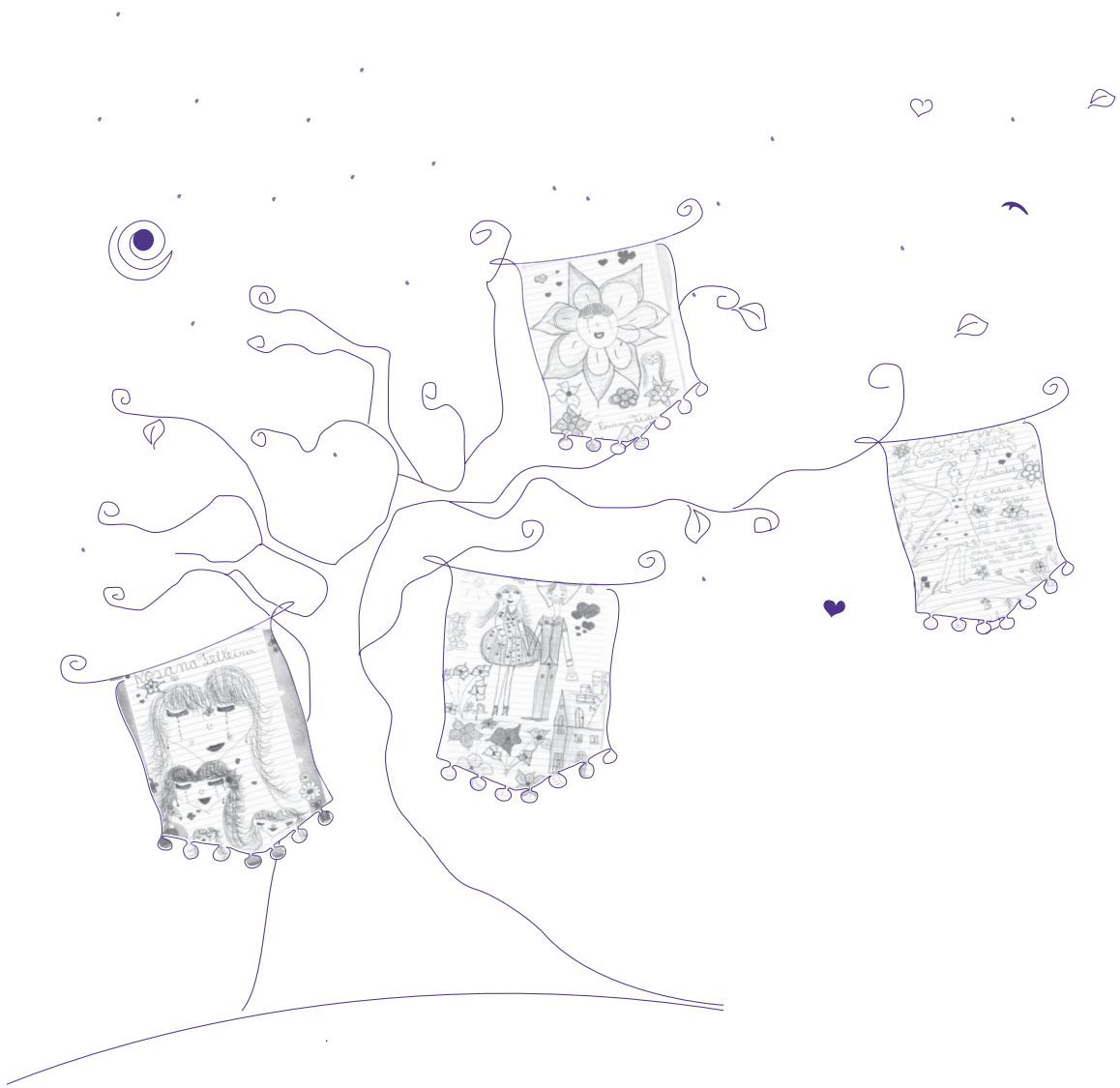
De sua amiga Rafa

“O amigo ama em todo tempo,
e na angústia nasce o irmão...”

Rosana Teixeira (Prov. 17:17)

De sua amiga Núbia





NOME:

Siomara Aparecida Machado

ADIVINHAÇÕES

O que é, o que é?

Estava envolvida no pecado original.

Ao meu ver, não causa nenhum mal.

Tem preto e transparente, e odeia pente.

Está sempre na cabeça a azucrinar a gente.

Tem pelo, mas não é vassoura.

Tem dente, mas não é pente.


Tem rabo, mas não é cavalo.



QUADRINHAS

Meu nome é Siomara, vou me apresentar:
estou aprendendo a contar histórias,
pra, quando sair da Apac,
a todos encantar.

É coisa boa; poderia pra sempre durar,
mas, se não dá pra ser assim, vamos aproveitar.

Tão almejada. Coisa que chega a encantar;
mas breve irá chegar. 



NOME:

Tâmara Barbosa Araújo

ADIVINHAÇÕES

O que é, o que é?

Na escola, criançada começaram a brincar,
de repente, as cabecinhas começaram a coçar.

O que é, o que é?

Te faz viajar sem sair do lugar.

O que é, o que é?

Tem alto falante, não é som,
fala, mas não é gente.



QUADRINHAS

Meu nome é Tâmara Pequeninha
da bundinha empinadinha.
Com muita humildade,
sou uma mulher de verdade.

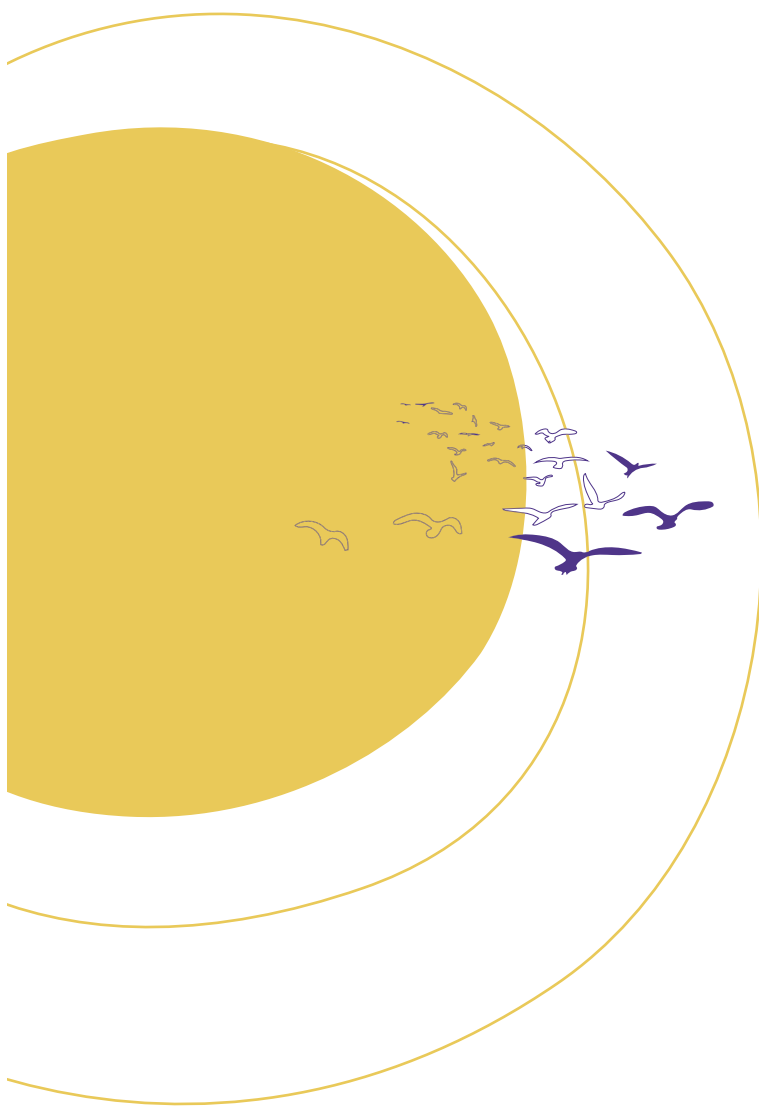
A minha Felicidade
é poder sonhar
que a minha vida,
um dia, há de mudar.

Espero uma liberdade,
que, lá na frente, enxergo a eternidade.
Nessa vida, fiz belas amizades,
que são de verdade.



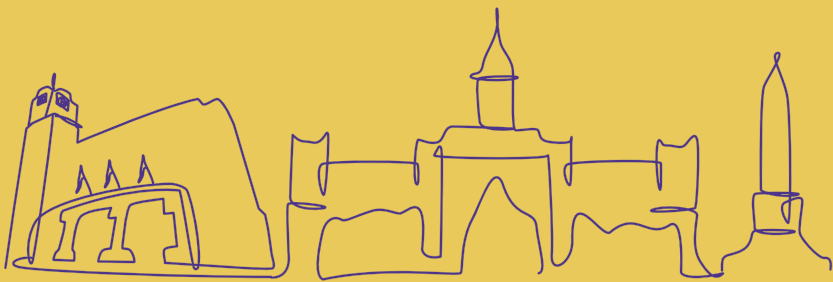






Histórias





História de Camila Fernanda

Adriana Nascimento dos Santos

Era uma vez, em uma vila bem humildezinha, pelas bandas de Contagem “MG”, morava dona Cida. Conhecida assim por todos. Sua casinha tinha apenas dois cômodos, o chão era de terra vermelha batida. A luz era só de lamparina ou vela. Não tinha recursos para manter a pequena casa e a netinha, que dona Cida criava com todo amor e carinho, e também com algumas dificuldades. Fernanda tinha sido entregue a sua avó materna quando tinha apenas seis meses. Fernanda sentia o cheiro do fogão de lenha e da comida sendo feita. Quando sua vizinha acendia o fogão, a pequena já sabia que estava na hora de algo muito gostoso. Amava a comida da vó, principalmente mingau de couve rasgada. Ela se sentava no terreiro, esperando o seu mingau. No quintal da humilde casa, a única paisagem que se via era do fogão de lenha, as bananeiras e plantação de cana, e só isso a fazia a criança mais feliz do mundo. Dona Cida, às vezes, tinha que sair correndo para pegar Fernanda, que ia na direção de um córrego que passava em frente, e Fernanda achava divertido ver a avó correndo atrás dela. Fernanda escutava muito as músicas de Zezé e Luciano, Raça Negra; mas isso se dava ao gosto do seu tio Zaías. O seu tio se casou e construiu no lote, aumentando assim a família.

Fernanda dormia em uma cama feita de caixote. Elas jogavam o colchão por cima e dormiam. E, ao dormir, Fernanda sonhava...

A pequena sonhava com dias melhores.

Um belo dia, caiu uma pesada chuva; muito forte, o córrego transbordou e a água invadiu a pequena casinha. Fernanda e sua vó já haviam levantado as coisas, mas, naquela noite, elas ficaram puxando a água para fora. Enfim a chuva cessou, já era bem tarde, Fernanda estava com os bracinhos doendo. Sua vó colocou ela pra dormir e ficou a vigiar a chuva. Pela manhã, as duas saíam cedo, pois tinham que buscar verduras e frutas na feira; por não terem condições, elas pegavam as frutas e verduras que ninguém comprava. Elas procuravam as melhores pra levar pra casa.

Fernanda foi crescendo e assim começaram a surgir oportunidades para uma vida melhor. Ela estudava e sonhava em ser médica, sua avó a apoiava em tudo. O que fazia Fernanda feliz era sonhar em dar à sua vó uma vida melhor.

Quase que seus sonhos foram destruídos. Ela foi abusada. O padrasto invadiu a privacidade daquela garotinha, que, por ironia do destino, se tornou mulher antes da hora. Fernanda se tornou uma mulher madura e forte, mas infelizmente não teve muitas oportunidades na vida, correu atrás de muitas para cuidar da filha. Quando sua filhinha tinha dois aninhos, o pai faleceu. Fernanda lutou com o que pôde para dar à filha uma vida melhor do que a sua.

Fernanda viu sua vida se desestruturar atrás de uma grade. Lugar escuro, com o gosto amargo como o fel, mas ainda assim ela não desistiu... Hoje, na Apac de BH, luta e corre contra o tempo para ter de volta o cheiro, o abraço e o carinho de sua filha.

Sua maior dor foi perder a sua amada avó. E sua maior alegria é saber que lá fora existe alguém que a ama, um ser que a espera e que não vê a hora de poder lhe falar o quanto a ama.

Fernanda tem objetivos na vida. E todos os dias ora a Deus pedindo a Ele que lhe conceda muitas alegrias.

Deu a louca no reino

Adriana Nascimento dos Santos

Camila Fernanda Ramos

Cleide Aparecida Lacerda Silva

Daniela Santos da Silva

Daysielle da Silva Pereira

Erika

Fabiana Viana do Vale

Geissi Luiz Geraldo

Jussara Rodrigues de Abreu

Kellen Pereira Souza e Silva

Laís Gabrielle de Oliveira Silva

Lucimar Aparecida Vieira

Maria Antônia Lopes Pinto

Naiara Monique dos Santos

Natalie Almeida

Ricieide Francine

Shayene Gabrielle

Tâmara Barbosa Araújo

Viviane Rodrigues Rosa

Era uma vez, em um reino muito distante... existia um rei chamado Thiago III. Seu castelo era situado no meio de uma imensa floresta.

O rei Thiago herdou as terras do seu falecido pai. Thiago III era conhecido por ser um homem muito explosivo. A ele foi entregue a mão de uma bela moça. Naqueles tempos, as moças não escolhiam com quem se casariam. Existia um acordo entre as



famílias reais, as mulheres já nasciam tendo o seu pretendente. Dessa forma, ao completarem a mocidade, já se casavam com o rei escolhido por seus pais.

Margareth era uma linda jovem, com bons modos, sonhadora, amorosa, e não via a hora de se casar. Ela então se casou com o temível rei Thiago. Com o passar do tempo, sonhava acordada que seu casamento mudaria, e o rei lhe daria muito amor e carinho, mas isso nunca aconteceu.

Em um dia de muita fúria do rei, por ter perdido muitos soldados numa batalha, Margareth se aproximou do marido tentando acalmá-lo, acabou sendo agredida. Chorando, correu para seu quarto, trancou-se lá dentro e resolveu não contar ao rei que estava grávida.

Com o passar do tempo, a barriga foi crescendo e ela não via a hora de ganhar a criança, para que pudesse ter uma companhia. Às vezes, tinha medo de se aproximar do rei por causa de suas surras.

Margareth deu à luz gêmeas e pensou que assim o rei mudaria aquele seu jeito, mas a realidade foi outra, ele se afastava cada vez mais e ficava ainda mais agressivo. A rainha nunca mais engravidou, pois temia morrer no parto.

Suas filhas eram lindas. Valentina e Catarina eram criadas pelas empregadas do rei, e Margareth, quando saía do seu quarto, dava um passeio com as filhas fora do castelo. E assim foram crescendo. A princesa Valentina era valente, esperta, cheia de forças e, aos poucos, foi gostando de lutar, pois via os soldados sempre treinando e queria entrar no meio daquela dança de espadas. Além disso, ela gostava muito da cor vermelha. O seu quarto era vermelho, com estampas de flores, as cortinas eram vermelhas, com branco, e a enorme cama tinha o mesmo tom, com fios de ouro ao redor.

Já a princesa Catarina era meiga, carinhosa, observadora, gostava do roxo e lilás. O seu quarto era estampado com flores lilases e roxas. As cortinas, por sua vez, eram de renda, com flores da cor lilás bordadas à mão. A sua cama era rodeada por fios de ouro.

Como em toda família real, tinha-se um brasão. Catarina e Valentina também queriam os seus. O rei Thiago mandou fazer imediatamente, do jeito que as princesas queriam. Valentina quis no seu um beija-flor, e Catarina pediu o seu com uma enorme cobra. Com o passar dos anos, elas presenciaram o pai agredindo a sua mãe, que infelizmente se rendia às surras do marido agressor.

Valentina passava o dia lutando. De vez em quando, um dos soldados do seu pai a levava para treinar e assim obtivera bons resultados nos seus treinos. Ela queria ensinar Catarina a lutar, mas a moça não tinha interesse nenhum, a não ser sonhar acordada com dias melhores.

Um belo dia, presenciaram o pai batendo na mãe e tentaram impedir, em vão. Começaram então a bolar um plano para matar o rei. Mas aquele era um sentimento muito cruel e decidiram apenas conversar com o pai. De nada adiantou.

O rei Thiago III estava muito doente, e, assim, foram cessando as agressões. Acamado, o rei não tinha forças nem para refazer o testamento. Numa manhã chuvosa, o rei Thiago foi encontrado morto perto de um enorme baú. A rainha Margareth providenciou o enterro do temível rei Thiago.

As princesas, com tamanha ganância, começaram a se desentender, pois queriam saber quem subiria ao trono e herdaria mais herança, de acordo com o testamento. Mas, naquela época, era sempre o filho mais velho que subia ao trono, e filho homem. Porém, as duas nasceram ao mesmo tempo, com diferença de minutos.



Em meio àquela bagunça, apareceu um belo rapaz. Todos os olhares se voltaram para ele, quando, com muita audácia, pediu a um dos guardas que tocasse a trombeta real, que anuncia a fala do rei. Felipe era dono de uma beleza incrível. Loiro, de cabelo enrolado, de traços finos e olhos claros. A rainha Margaret sabia que conhecia aqueles olhos de algum lugar, e, pra piorar a situação, foi tocada a trombeta real. Algo estava por vir. Felipe era filho da costureira do reino, conhecida por cuidar de fazer as roupas reais e dos soldados. Além disso, ele era um jovem muito educado. Com a total atenção voltada para si, Felipe anunciou:

– Eu, por direito, fui nomeado como rei e príncipe deste reino!

Todos ficaram espantados com a notícia. De imediato, ele relatou que, como prova, ele tinha um anel real, que fora dado à mãe pelo rei Thiago III, e mostrou o anel. O então rei Thiago entregou o anel quando foi revelado que seria pai. O anel era pra ser vendido, caso necessitasse, se a criança precisasse. A mulher, muito esperta, guardou-o, pois seria de grande ajuda, quando Felipe estivesse mais jovem. E assim Felipe se tornou rei e príncipe.

As irmãs não ficaram contentes com a ideia de ter perdido o trono para alguém desconhecido e, ao saírem daquela drástica reunião, foram direto para o quarto de Catarina, com a mãe chorando descontroladamente. Naquela noite, Valentina pôs em prática o plano de chamá-lo para uma luta. O vencedor teria direito ao restante da herança, em troca do trono. Valentina tinha certeza de que ganharia a luta. O príncipe não queria, por se tratar de uma jovem donzela e meia-irmã.

Com muita insistência por parte das jovens, marcaram a luta para um domingo bem fresco. Depois de perder duas vezes, Valentina, cansada, desiste. Ela não sabia que Felipe fora treinado para esta, ou qualquer outra ocasião, por um guardião de

uma fonte de onde se retirava muito ouro. Essa fonte existia no meio da floresta que rodeava o reino e a cidadezinha.

O príncipe Felipe chamou as irmãs e lhes disse que gostaria que elas trabalhassem com ele. Catarina, como sua assessora, e Valentina, como treinadora do exército. Elas até que aceitaram, mas ainda tinham remorso, por terem perdido o trono.

Valentina gostava daquilo que o príncipe propôs: que treinasse o exército, e todos os dias o príncipe a olhava da janela do seu quarto.

O príncipe mandou fazer para si um brasão, com uma águia. Uma vez, Valentina perguntou o porquê daquele brasão e ele respondeu que a águia é uma excelente caçadora e era algo que ele gostava de fazer. Um certo dia, Valentina se pegou pensando no príncipe Felipe, mas tentou tirar da cabeça esses pensamentos, pois seria motivo até de força, se descobrissem que Valentina estava apaixonada pelo seu meio-irmão.

Catarina, como boa observadora, estava espiando o príncipe, tentando achar uma brecha para acabar com ele. E percebeu o quanto a sua irmã havia mudado em relação a Felipe. Ela estava tratando o príncipe de um jeito mais carinhoso. Uma certa noite, bem fresca, com o céu estrelado, Catarina viu o príncipe e Valentina, na beira do rio que passava próximo ao castelo, conversando e rindo de algo que ela queria descobrir, custasse o que custasse.

A mãe das jovens, Margareth, estava se sentindo muito só, pois as filhas só pensavam em dar um jeito no belo rapaz que tomou o direito de ambas ao trono. Margareth queria lhes contar algo, mas não tinha ideia por onde começar. Os dias iam passando, deixando assim uma dúvida em seu coração, com medo da reação das filhas. Decidiu levar para o túmulo o seu segredo.

Em um belo dia de verão, o príncipe Felipe estava caçando e viu um dos seus soldados vindo com pressa em sua direção. O



soldado fez a reverência e lhe entregou um papel. O príncipe o pegou, notou que a tinta ainda estava fresca, leu e olhou para o soldado, que também não entendeu nada e nem sabia do que se tratava. Estava dizendo o seguinte aquela carta anônima:

“Rei Felipe, peço-lhe humildemente que me encontre amanhã, na praça do parque central, que preciso tratar de um assunto com vossa realza em particular.

Sem mais.”

A pequena carta não tinha nome, nem endereço, e Felipe se pegou pensando quem será que teve a ousadia de lhe escrever, sem nem mesmo colocar o nome. Nessa noite não dormiu, ficou a pensar se apareceria outro filho do rei Thiago III. Pela manhã, pulou da cama, pegou umas moedas para fazer seu desjejum na praça e também estava curioso para saber quem era a pessoa que precisava conversar com ele. Demorou... Sentado no banco, olhando os patos no lago, foi surpreendido por uma mão leve lhe tocando. Seu olhar se deparou com uma mulher clara, que lhe chamou pelo nome. A mulher se apresentou pelo nome de Zelaide. Ela se dizia ex-amiga da rainha Margareth. Contou ao príncipe que as filhas da rainha não eram filhas do rei Thiago III. Felipe, por um momento, se perdeu em pensamentos. Enfim, voltou à realidade. Zelaide lhe disse ainda que elas eram filhas do seu falecido marido. A rainha Margareth e o seu marido se apaixonaram e acabaram se envolvendo. Zelaide ficou sabendo dessa notícia, pois, em seu leito de morte, o marido falou, ela se sentiu traída por ambos. Seu marido sabia que ela nunca lhe daria um filho, e sua melhor amiga traiu sua confiança. Felipe sentiu um grande pesar pela mulher. Zelaide falou com o príncipe que precisava ir embora, o príncipe agradeceu e voltou ao reino, perdido totalmente naquilo que descobriu. Estava até feliz, assim poderia se declarar a Valentina, pois eles não eram meios-irmãos.

Na hora da janta, o príncipe reuniu todos, pois tinha algo a declarar. Todos estavam prestando atenção, quando o príncipe enfim pediu a mão de Valentina em casamento. Fez-se silêncio total. Quem quebrou o silêncio foi Catarina, que disse:

– De maneira nenhuma! Pois vocês são meios-irmãos e a lei manda enforçar qualquer um que faça o contrário da lei. E a minha irmã não vai ser enforcada. Que seja você sozinho!

Felipe falou, bem devagar, que a rainha Margareth traiu o rei Thiago III, com o marido de sua melhor amiga, que não podia ter filhos, e acabou engravidando das gêmeas, e não tinha nem amizade mais com Zelaide, sua ex-amiga. Margareth desmaiou, as filhas ficaram pasmas, com tamanha deslealdade de sua amada mãe, queriam explicações. Elas não tinham mais a quem recorrer, já que quem herdou o trono de seus avós maternos foi um tio, e elas não queriam ser empregadas do tio e ser entregues a nenhum dos seus soldados. Se puseram a chorar.

O rei Felipe perguntou, mais uma vez, a Valentina se ela queria se casar com ele. Ela aceitou, mas antes precisava conversar com a mãe em particular. Catarina não acreditava naquilo que os seus olhos e ouvidos apuraram. Nervosa, decidiu pôr um fim naquele final feliz. Logo Valentina, corajosa, decidida, independente. Ela tinha que acabar com aquilo, na melhor hora. Catarina mudou, tornou-se muito amargurada.

– Amanhã destruirei esses dois!

Catarina foi até a cidade e comprou, na mão de um feiticeiro, um pó branco, extraído de uma planta que se parecia muito com uma estrela. Quando ela era retirada da terra, a terra tremia e a planta gritava. Para ser arrancada, tinha que ser por uma pessoa surda, e o feiticeiro tinha uma ajudante que era surda.

O rei Felipe marcou um jantar especial para a comemoração do seu noivado. Nunca se viu Valentina mais feliz. Catarina foi até



a adega real e pegou um vinho especial, pôs o pó de fósforo lá dentro e tampou de novo a garrafa. Aquela seria somente para os noivos.

Na hora da comemoração, todos com os seus copos cheios, apreciando suas bebidas e jogando conversa fora, até o pronunciamento do rei, porém a princesa Valentina sentiu um mal-estar e o príncipe a levou para o seu quarto. Ao ser retirada a mesa do jantar, sem querer, a garrafa do futuro casal do reino bateu forte na mesa e se quebrou. Uma das empregadas, ao pegar o resto da garrafa no chão, notou um pó no fundo da garrafa e mandou chamar um dos homens do rei para analisar. Constatou que era veneno. O rei Felipe foi chamado e, naquela hora, pôs-se a pensar quem queria matá-lo, juntamente com sua amada Valentina.

Depois de muito esforço, descobriram que quem tentara envenenar os jovens fora a própria Catarina. Ela foi levada pra masmorra do castelo, ia ser julgada e, com total certeza, morreria com a cabeça decapitada. Valentina entrou em desespero pela traição da irmã, pois nunca imaginou que ela seria capaz de tamanha crueldade. Margareth estava desorientada, não sabia o que fazer e a quem recorrer, nem poderia ficar do lado de nenhuma das duas, já que as duas eram suas filhas. O que restava era tentar pedir clemência ao genro.

Catarina tinha um cúmplice. Renato, todos os dias, jogava pra ela bilhetes pela janela da masmorra, informando como estava a situação dela lá fora. Eles bolaram um plano pra que Catarina fugisse. O soldado que tomava conta da masmorra tomou um chá dado por Renato e acabou pegando no sono. Catarina saiu de dentro da cela e, no lugar, foi colocado o soldado, que lá ficou trancado. Renato pegou um dos muitos cavalos do reino para Catarina fugir. Ela montou no animal e foi galopando para o mais longe possível do castelo.

Catarina não aguentava mais, e o animal também estava cansado. Avistou de longe umas casinhas e resolveu pedir ajuda, pois estava com fome. Ao bater na primeira porta à sua frente, a jovem foi atendida por um jovem muito lindo, de pele morena, cabelos negros e um sorriso de canto a canto no rosto, que revelou para Catarina suas covinhas. Catarina ficou vermelha, pois achou aquele jovem o mais lindo de todos os homens que ela já vira na sua frente.

O jovem camponês, meio desconfiado, fitou a mulher descabelada, queimada pelo sol, com o vestido roxo e lilás todo sujo, e logo percebeu que aqueles traços finos de Catarina diziam a ele que era uma pessoa de alguma família real. Pedro a convidou para entrar e deu água para o seu cavalo. Pedro era um jovem simples, que vivia de sua venda de coelhos, e na sua horta havia muitas cenouras. Além de ser a comida preferida dos coelhos, era também utilizada pelos povos daquela época para fazer milhões de guloseimas, sopas, salada, enfim... a cenoura era um alimento muito procurado, e assim Pedro ganhava a sua vida. De família pobre, Pedro nasceu em um lar cheio de amor. Era normal as famílias daquele vilarejo sentarem em frente à fogueira e contar histórias, lendas, e também jogavam capoeira. E assim Pedro cresceu cercado de amor e humildade.

Catarina contou sua história para Pedro, que não a criticou por nada. Convidou a jovem para ficar ali, em sua humilde casinha, até conseguir um lugar para ficar. Com o passar dos meses, Catarina estava se acostumando com os pais de Pedro e até com ele. Catarina aprendeu a fazer várias coisas, desde arrumar casa, a lavar e preparar comida. Ela gostava daquela vida simples, sem palácio, sem rei nem princesa, sem a sombra do rei Thiago III espancando sua mãe. Catarina aprendeu o outro lado da vida, que os muros altos do castelo não a deixavam enxergar. Ela rompeu o ódio, o egoísmo, a ganância que tinha dentro dela. Catarina estava apaixonada por Pedro. E se passaram dois anos que ela havia fugido do rei Felipe, e vivia feliz.



Até que um dia o seu cúmplice apareceu. Foi surpreendido pela mudança de Catarina, depois de dois anos que havia fugido, estava mudada, mais linda, serena, totalmente outra Catarina. Renato não acreditava, então começou a assobiar para chamar a atenção da moça, que, ao vê-lo, foi correndo em sua direção, pedindo a ele que fosse embora. Pedro, que vinha a cavalo, pegou sua esposa assustada, conversando com aquele desconhecido. Ela explicou que ele era bacharel do reino e que veio falar com ela, para que pudesse voltar, e ela não queria. Renato ameaçou contar ao rei Felipe o seu paradeiro.

Em um dia de descanso, Pedro e Catarina foram surpreendidos pela tropa do rei e também por Felipe, que mandou prender Catarina imediatamente e voltar com ela pra masmorra, onde ela aguardaria julgamento. O rei Felipe relatou a Pedro que ela era uma foragida, que havia tentado envenená-lo juntamente com sua esposa. Que ela era sem coração.

Pedro, não se conformando com aquela acusação, defendeu Catarina. Ela foi levada e Pedro dormia todos os dias do lado de fora do castelo, encostado no grande portão principal, esperando o julgamento. E o mesmo foi marcado. Catarina tinha apenas duas testemunhas, uma contra e a outra a favor. Pedro, seu marido, e Renato, seu cúmplice. Catarina ficou exatamente três meses esperando o julgamento. Com convicção, sabia que iria morrer, mas levaria seu amor por Pedro, e também o fruto desse amor. Os soldados desceram para buscar Catarina, na cela da masmorra, e subiram para a área central do reino, onde se reunia muita gente para ver o triste desfecho dessa história.

Pedro falou como conheceu Catarina, que ele sabia da história e o quanto ela havia mudado. Nunca, em sua vida, conheceu uma donzela mais doce que Catarina. Todos prestavam atenção.

Renato, testemunha contra, sua palavra mandaria Catarina para a forca, ou direto pra guilhotina. Emocionado e vendo a

jovem com aquela barriga, sabia que ali dentro tinha outra vida que não cometeu pecado nenhum contra o rei Felipe. Depôs a favor de Catarina, que foi livre da sentença de morte, para viver feliz ao lado de Pedro.

O rei Felipe, e também cunhado, interrogou Catarina e perguntou a ela o porquê dessa mudança repentina. Ela simplesmente respondeu:

– Rei Felipe, é porque...

Do amor ninguém foge!

Fim!

Chapeuzinho: Nossa, essa história mexeu com meus sentimentos. Da próxima vez que eu encontrar o lobo mau, quero mostrar pra ele como o amor é grande.

Bela Adormecida: O que eu perdi? Catarina morreu? Ai ai ai que sono. Hô, Hô, Hô.

Cinderela: Eu perderia o meu sapato naquele vilarejo sempre, só para ver Pedro.

Branca de Neve: Acho que os anões podiam mudar pro vilarejo, só para que eu pudesse encontrar com Pedro. Que homem!

A Bela e a Fera: Pedro até que se parece com a fera.

– Meninas, hora de dormir. Boa noite.

– Boa noite te te.

E assim as princesas foram dormir e sonharam com o belo camponês.



Tango para Tereza - Final

Adriana Nascimento dos Santos

Geissi Luiz Geraldo

Kellen Pereira Souza e Silva

Natalie Almeida

Shayene Gabrielle

Passaram alguns dias, a avó ficou tranquila, pois o corpo tinha sido ocultado. Mas ela tinha uma vizinha lá no morro que não gostava dela, pois a neta tinha ensinado a filha da vizinha a fumar maconha, e a vizinha, sabendo do crime, resolveu denunciá-la. Após a denúncia, os policiais encontraram o corpo e começaram a investigar em sigilo, para que ninguém fugisse. E, então, um belo dia, saiu o mandado e todos foram presos: a avó, a dona da birosca, que limpou o local, e os dois homens, pois os policiais sabiam que a avó, com aquela idade, não conseguiria fazer tudo aquilo sozinha. E aí começaram a jornada deles na prisão, passaram por muito sofrimento, humilhações, a avó, em questão de saúde, cada dia, ficava mais precária.

Todos se arrependeram, mesmo que o homem merecesse, não era de poder deles tirar a vida dele, isso só Deus.

Lá na prisão, fizeram amizades boas e ruins, pessoas sinceras e honestas, e outras, não; passaram muitas noites frias e ruins, mas superaram; saudade da família, só pensava na Lili.

E, então, chegou o júri deles, como eles já estavam presos há dois anos, foram sentenciados só pela ocultação de cadáver, pois, como foi só um tiro, foi considerada legítima defesa, e

também pela fama do defunto de Jack (estuprador), e lá mesmo tiveram suas liberdades.

Foi uma felicidade só lá no morro: churrasco na laje, foguetes e tudo mais, a avó saiu, a sobrinha estava casada e grávida do patrão do morro, tinha uma vida boa, mas não quis sair de lá, fez uma casa enorme para a avó e para a mãe, com muito luxo, era uma família que tinha muito afeto, muita alegria e muita maconha, que ajudou a avó um pouco na saúde dela, pois eles fumavam da planta, tudo natural, e a neta sempre com o boné, a marca dela.

A dona da birosca foi para o interior e abriu uma boate *dance*, com todas as meninas que conheceu na prisão, virou uma cafetina de primeira (*Bandoneon, volte de novo*, o nome registrado da boate).

E os dois homens viraram coveiros, e ficou tudo legal, tudo numa boa.

E, então, todos seguiram o seu destino...



Com o tempo tudo se resolve

Aimara Letícia de Souza Freire

Era uma vez um Rei que se casou com uma plebeia, que, por sinal, já era mãe de uma linda bebê que se chamava Isadora.

Eles eram tão felizes, que sua felicidade contagiava todo o vilarejo, e, no palácio, era só alegria. Passaram-se alguns meses do casamento e Rainha Isabel engravidou de novo, cerca de seis meses. Quando Isadora tinha um ano, nasceu Rebeca, filha legítima do Rei, que ficou ainda mais feliz com duas filhas lindas que cresceram brincando. Mas o Rei e a Rainha não perceberam que Isadora tinha um certo ciúme de Rebeca, que de tão inocente só tratava bem a irmã.

E assim se passaram 14 anos...

Todos no vilarejo e na realeza não falavam de outra coisa, a não ser da festa das irmãs princesas: Rebeca completava 14 e Isadora 15 anos, o sonho de toda adolescente. Mas Isadora era muito ambiciosa e disse à irmã que todos os rapazes só iriam dançar com ela, pois quem era debutante era ela e que tudo seria do jeito dela. Então, Rebeca não concordou, pois o aniversário era das duas. Aí começou um debate entre elas...

Isadora ficou tão nervosa que empurrou sua irmã da escada, e ela quebrou a perna, ficando assim de cama, pois o doutor Epaminondas mandou que ela repousasse.

O Rei Francisco II tomou uma decisão para punir as duas: cancelou a festa.

Mas Isadora não quis aceitar. Ficou muito contrariada, dizendo:

– Tá vendo, menina, você consegue estragar tudo, todos os meus planos, eu queria ser filha única; aí ninguém me atrapalharia!

Mas Rebeca respondeu:

– Você quem causou isso tudo. Você me empurrou e queria ser o centro das atenções. Agora já era, ficou a ver navios!

Do outro lado, bem no centro do vilarejo, havia um senhor que há anos era muito calado e só falava o necessário. Ele era feiurante, vendia frutas e verduras plantadas por ele mesmo. Senhor José, muito querido por ajudar a todos, mas que tinha um segredo...

Isadora, querendo reverter a história, conversando com Rei Francisco II e Rainha Isabel, ela dizia:

– Papai, mamãe, vamos fazer a minha festa. Ano que vem vocês fazem a da Rebeca!

A Rainha respondeu:

– Querida, não vai ser legal. Como vamos comemorar só um aniversário, se vocês fazem no mesmo dia? Vamos comemorar tudo junto, quando sua irmã melhorar, viu, querida, e ponto final.

Isadora, muito esperta, chamou a dama de companhia da mãe e, conversando, perguntou pra ela:

– Já que não vou ter festa, vou pedir-lhe um presente, Rosa.

Rosa disse:



– Pode pedir o que quiser!

– Quero saber quem é meu pai.

Rosa engasgou e, gaguejando, disse:

– O que é isso, menina? Seu pai é o Rei!

Isadora fez novamente a pergunta

– Quem é meu pai e que me fez?

– Tudo bem, vou falar. Seu pai se chama José, mora no vilarejo, tem uma barraca de verduras e frutas. Lá todos o conhecem, mas por que você quer saber disso agora?

Ela deu as costas, foi para o estábulo, trocou suas vestes reais, arreou um cavalo e foi ao vilarejo.

Duas horas depois, chegando perto das barracas da feira, começou a caminhar, sentindo um frio na barriga. Avistou um homem que, por mais que tivesse cabelos brancos e a pele queimada pelo sol, tinha a aparência com uma grande semelhança com a sua.

Então ela chegou bem perto, mas, antes que falasse algo, o Senhor José, olhando para ela, se emocionou na hora e, olhando bem para ela, disse:

– Qual é o seu nome?

– Isadora! – ela respondeu.

Seu José logo a abraçou e disse emocionado:

– É você, é você mesmo?

Ela falou:

– Sou eu, sua filha, e vim ter uma conversa com você!

Ela a convidou para ir até a casa dele. Ela aceitou, e eles foram.

Chegando lá, ela reparou que ele era muito simples, mesmo assim foi logo dizendo:

– Olha, Seu José, tem 14, ou melhor, quase 15 anos que existo e você nunca me deu nada. Então vim te pedir uma festa. Não, melhor, uma megafesta de 15 anos, pois perdi a minha por causa da minha meia-irmã...

José, muito triste, explicou que não tinha condições, mas queria saber mais dela e onde estava sua mãe. Ela, ríspida, respondeu:

– Minha mãe! Ela tá casada com o Rei Francisco II, é a rainha, mas acho que ela não quer saber de você e nem eu. Você não pode nem me dar uma festa, vou-me embora.

José ficou pensando e cheio de perguntas sem resposta. Então resolveu ir até o reino.

No portão real, foi barrado pelos guardas, que falaram:

– Insolente, o que um pobre velho quer com a rainha? Vê se se enxerga e saia daqui!

Mas ele não saiu e lá ficou. Quando Rosa foi levar um lanche para os guardas, viu a situação e contou para a rainha o que estava acontecendo.

Curiosa e preocupada, ela resolveu encontrar-se com ele escondida. Ela pôs uma capa e foi até o bosque.

Chegando lá, José não conteve a emoção e a abraçou, tentando beijá-la, mas ela o empurrou e contou toda a trajetória dela até os dias atuais e foi embora.

Entristecido, José foi embora e foi para a taberna. Lá encheu a cara e, bêbado, contou toda a história para um desconhecido, que também estava lá. Mal sabia ele que o desconhecido era o conselheiro do rei, e contou tudo para o rei, que ficou muito nervoso e chamou Isabel, querendo saber o que ela estava es-



condendo dele, já que até foi encontrar-se com um feirante no bosque...

E o rei também mandou chamar José, depois de ter conversado com a rainha.

José ficou apreensivo com o convite, pois os fofoqueiros de plantão falavam no vilarejo horrores, até em traição.

Mas sim, José foi atender o rei.

Já no palácio, o rei e família estavam assim todos à mesa esperando o senhor José, que ficou surpreso ao ver tudo aquilo. Logo foi convidado a sentar-se.

Muito desconfiado, sentou-se.

Então, o rei se levantou, as trombetas foram tocadas e o rei fez o pronunciamento com as seguintes palavras:

– Eu, Francisco Ávila Pedersole Almeida de Franca e Souza Freire II, falo com muita emoção ao senhor José da Silva que, a partir desta data, 14/6/1703, ele tem total direito de conviver com sua filha Isadora Ávila Pedersole Almeida de Franca e Souza Freire Silva e participar das próximas conquistas e estar sempre ao seu lado, vindo morar no palácio e me ajudando na educação dela, como mérito por tantos anos ter ficado fora, distante do seu bem mais precioso que é sua única filha. Concedo também o direito a casar-se com Rosa Pereira, dama de companhia da minha esposa, a Rainha Isabel Ávila Pedersole Almeida de Franca e Souza Freire, para que o amor sempre flua neste palácio. Resolvo, assim, também, fazer a festa de 15 anos de Isadora, dando o direito da primeira valsa com o senhor José e a segunda, comigo, o Rei...

Assim fez o Rei, deixando bem claro que o tempo pode passar, mas o amor nunca vai morrer...

Sem data para ser eterno...

Aimara Letícia de Souza Freire

Baseado na vida real de Camila Borges.

Era uma vez, numa cidadezinha do interior de Minas Gerais, uma família de uma casa repleta de gatos, cachorros, galinhas, cavalos, porcos, todos os animais que você imaginar. Chegava, até tão longe, uma menina loirinha dos cabelos cacheados com três para quatro anos, que acabara de perder a mãe, e o pai não conhecia. Ela vinha da Capital com sua avó, estavam indo para a casa dos tios. A tia se chamava Lorrane, o tio, Francisco, e tinha um primo chamado Gabriel, e sua avó que a levava para as casas dos tios se chamava Edna, e a pequena menina, Turquesa.

Ela estava sendo adotada pelos tios, pois Turquesa era muito serelepe e levada, e sua avó tinha medo de acontecer algo com ela, caso ela morasse na Capital.

Turquesa era muito feliz, seus novos pais e irmão a amavam muito. Seu pai, Francisco, a ensinou a falar o português, pois ela vinha de um lugar onde se falava inglês. Ele a ensinou a andar de bicicleta, a andar a cavalo, a pescar. Mas ela era apaixonada pelo irmão. Ele sempre brincava com ela e ele a achava o máximo, pois ela ainda tinha dificuldade para falar o português. Por isso, o chamava de Popoti.



Turquesa foi crescendo, sempre muito sorridente, já era fluente na nova língua que aprendera.

Viajava muito nas férias da escola para a Capital, para ficar na casa da sua avó, de seus padrinhos; amava ir aos domingos no almoço que seu avô fazia para toda a família. Ela via seus primos, tios, brincava muito tomando banho de mangueira no quintal com seus primos.

Até que, infelizmente, aos seis anos, seu pai adotivo faleceu.

Foi um choque para toda a família; sua mãe, infelizmente, entrou em depressão. Então, a moça de confiança, que trabalhava na casa deles, a pegou para criar, pois desde pequenininha seu pai a deixava com ela na casa dela, para brincar com seus filhos.

A vida de Turquesa foi seguindo, seu irmão foi ficando mais velho e veio para a Capital fazer faculdade. Turquesa cada dia mais levada, até que, aos 10 anos, sua avó decidiu buscá-la para morar com ela. Ali morou por quatro anos, e, quando tinha 15 anos, voltou a morar com sua mãe no interior, mas, todo fim de ano e férias de escola continuava indo para os encontros de família na Capital.

Até que, aos 16 anos, largou os estudos, ficou rebelde, decidiu ir morar sozinha e começou a trabalhar e fazer alguns cursos.

Mas, infelizmente, por cabeça fraca e não saber falar ‘não’ para as pessoas, acabou mexendo com coisas erradas e hoje está privada de liberdade.

Mas ela e sua mãe enxergaram o lado bom disso tudo, pois, com a distância que as duas estavam vivendo, descobriram o quanto uma fez falta pra outra, e isso fez elas se aproximarem mais como mãe e filha.

E, hoje em dia, Turquesa só anseia pelo dia em que irá embora, pois não vê a hora de voltar pro interior e voltar a morar com sua mãe, para cuidar dela e abrir um negócio para ela e, quem sabe, construir uma família.

Simple, mas é minha

Aimara Letícia de Souza Freire

Era uma vez, em um lugar muito distante, chamado Ribeirão das Neves, morava uma menina cheia de sonhos. Ela gostava muito de flores, do cheiro delas principalmente, das que tinham cores diferentes. Pegava algumas sempre que saía pra fazer alguma coisa e demorava, pois ia pelo caminho catando flores. Ela não gostava muito de gritos, os gritos das pessoas a assustavam, mas quando ouvia música ficava calma e muito tranquila.

Essa menina era a única entre oito irmãos homens, e era a menor. Então, quando virou adolescente, ficou sobrecarregada, pois tinha que cuidar das roupas, da casa e estudar. Para ela, o melhor momento era quando ia pra escola, lá ela se sentia bem, adorava escrever, era participativa, brincalhona. Mas infelizmente chegou uma época em que teve que abandonar a escola, pois “as obrigações de casa” eram mais importantes (não pra ela). Isso foi muito ruim, mas “vida que segue”. Ainda na adolescência, aos 15 anos, ela foi convidada para dançar em um grupo de pagode, foi muito legal, mas o sonho durou pouco, pois ela era menor de idade e a banda tinha que viajar. Enfim, mais um sonho perdido.

Mesmo assim ela continuava, sempre procurando algo que a completasse... Em meio a tantas obrigações e afazeres, ela se destacava na cozinha, mas nem percebia, pois andava tão desanimada que nada estava bom, apenas a dança a deixava bem. A música sempre foi uma terapia para essa menina, que cresceu e ficou adulta, tendo o seu primeiro filho. Foi uma das melhores coisas que aconteceram nessa trajetória, mas o que fez muito mal a ela é que, nessa mesma época, ela conheceu



as drogas e se viciou muito rápido, estragando toda a sua vida. Hoje ela se encontra em um presídio, tem quatro filhos e não os vê há mais de 10 anos. Também não vê a família há um bom tempo.

Contudo, está incessantemente procurando a melhora, e hoje tem a certeza de que a cura e o retorno ao convívio familiar nunca estiveram tão próximos dela...



Tango para Tereza

Aimara Letícia de Souza Freire

Ana Luísa Silva

Francilane Pereira Souza

Naquela mesma noite, depois dos “comes e bebes” ao som de ótimo Tom Jobim, que era um dos cantores favoritos de vovó, os vizinhos já haviam se retirado, a casa limpa e intacta, cheiro de velas de rosas, tudo tranquilo, tudo em uma harmonia, ainda havia dúvidas na cabeça de Bonezinho Vermelho: – Enfim, quem era aquele homem obstinado?

Muito curiosa e horrorizada, decidiu então perguntar à avó de onde surgiu aquele homem, que, pelo jeito que se pronunciou, parecia conhecer a vovó de outros carnavais...

– Vovó, a senhora não dirá nada sobre toda essa situação? A senhora conhecia aquele homem? De onde?

A avó pensou bem antes de responder. Seu passado era um segredo, e Bonezinho Vermelho já entendia bastante as “coisas”. Será que ela se abriria logo com a neta? Decidiu apenas dizer que era apenas um maníaco que atacou sua casa, morreu o assunto junto com o defunto.

Foram se passando os dias, alguns vizinhos estavam estranhando o movimento do morro, pessoas desconhecidas circulando por lá, e, nas reportagens, o sumiço de um homem.

Lembra daquele mototaxista? Foi atrás de Bonezinho Vermelho, para dizer o que estava acontecendo. Não tinha como, vovó



teria que abrir a boca para a neta, só assim para solucionarem o problema, que, aliás, envolvia muitas pessoas.

Logo montou na garupa da moto e subiu o morro. Chegando, lá estava vovó, tranquila, meditando apenas com o canto de seus pássaros. Parecia estar em outra dimensão.

Em desespero, Bonezinho interrompeu o momento da avó:

– Vó, oh, vó, quê que a senhora “tá” arrumando aí? Não está sabendo do que está acontecendo?

Bonezinho, quando foi notar, sua avó estava com lágrimas, calada, sem reação. Disse:

– Desde a minha juventude ele me perseguia, consegui fugir por tantos anos. Há semanas minha vida estava um inferno, aquilo foi necessário. Só assim teria paz de novo. Eu armei toda a situação. Já fui uma dançarina muito cobiçada, esse homem sempre obcecado por mim e sempre neguei o satisfazer. Quando ele me viu... de alguma forma ele me encontrou e começaram as ameaças. Foi quando decidi atraí-lo para uma “arapuca”, sabia que você viria aquela noite, só não imaginei que, depois de tudo, o negócio iria causar repercussão.

A neta ficou de queixo caído, e o mototaxista, então, perplexo, aquela velha era mais psicopata do que aparentava.

Em desespero, correram atrás dos vizinhos, para que pudessem tramarmos um plano.

Como era esperado, a polícia achou a vovó, porém, ela não demonstrou apavoramento algum. E foi bem sincera com os investigadores e contou toda a verdade. Os vizinhos confirmaram as ameaças feitas pelo homem que, aliás, já tinha um histórico criminal por tentar assédio a outras mulheres, o que foi motivo da caça do mesmo, que já estava morto.

Por fim, concluíram que foi um caso de legítima defesa, a vovó ficou em paz, ao revelar seu passado, o morro teve paz, e Bonezinho Vermelho, depois de toda a confusão, sentou no passeio da casa da avó com seu parceiro da moto, fumaram aquele baseado, que estava guardado há dias, e tudo voltou ao normal: “rilex!”.



Era uma vez

Ana Luísa Silva

Há 31 anos, nasceu, em um belo jardim de Belo Horizonte, um grande girassol radiante que se chamava Rafaela. Foi criada pelos avós paternos e levada para São Caetano do Sul, onde cresceu e foi educada com muito carinho e mimos. Estudou em uma escola de freiras e, aos seus nove anos de idade, seus avós decidiram voltar para Minas Gerais. Para a pequena flor foi revoltante, chegou a pensar até em fugir de casa, mas com o tempo se adaptou e sua revolta passou.

No decorrer desse tempo, Rafaela pegou muito afeto por cachorros, ela tinha vários e sua diversão era cuidar deles. Seu avô tinha muitos pássaros, e a florzinha Rafaela, muito levada e curiosa, ia até as gaiolas e soltava todos eles. Naquela época, sua casa tinha cheiro de fogueira a lenha e ela se lembra sempre da farofa com bife, na panela de pedra, que sua avó fazia.

Enfim, aquela florzinha cresceu, realizou um grande sonho, que lhe trouxe grande alegria, tornou-se mamãe da princesinha Tayla.

Rafaela sonha ter de volta sua família, com muita alegria, ver sua filha crescer e se formar, poder reencontrar seu pai, que há uns anos desapareceu, investir em empresas e, quem sabe, ter mais pequenos brotinhos para construir um jardim carregado de luz e alegria. Rafaela sonha e, com amor e muita garra, nada será impossível para os seus sonhos!

(Baseado na história real de Rafaela Gomes).

História de Aimara

Camila Borges

Era uma vez uma menina brincalhona, sonhadora, que amava música, pois a acalmava, gostava muito do frango com quiabo que a mãe fazia e sempre que podia gostava de assar batatas na brasa das fogueiras que fazia com o pai, os irmãos e a mãe.

Às vezes ficava assustada com os gritos do pai, pois não sabia o porquê de tanto grito, mas logo sua mãe a via e tentava acalmá-la com muitas músicas e, claro, o seu carinho de mãe. Essa menina tão brincalhona tinha cabelos pretos, era morena, olhos de cor escura e se chamava Beatriz. A pequena Beatriz adorava sua casa pequena, porém com um quintal enorme onde podia brincar e pôr sua imaginação em ação, quando aquele grande quintal se transformava no que ela queria.

Ela morria de rir do seu amado cachorro Scotch correndo atrás das galinhas que seus pais criavam, mas odiava ter que limpar a bagunça que eles faziam.

Tinha dias que Beatriz era um pouquinho inconveniente, e prova disso foi uma vez que sua mãe estava a receber visitas e fizera o delicioso frango com quiabo que a pequena Beatriz gostava tanto. Seus pais lhe deram a lição de sempre, que, ao receber visitas, devia deixar a comida, para que eles comessem à vontade. Mas, no momento em que sentiu o delicioso cheirinho de frango, Beatriz esqueceu do que seus pais tinham ensinado e, sem pensar duas vezes, pediu para repetir, esquecendo das visitas sentadas à mesa.



Sua mãe olhou para ela nervosa e, assim que as visitas foram embora, chamou ela e a fez comer todo aquele panelão cheio de frango com quiabo.

Beatriz, já satisfeita, continuou comendo sem desobedecer à sua mãe e assim aprendeu a lição e nunca mais lhe desobedeceu ou esqueceu qualquer lição que aprendera dentro de casa.

Com muitas brincadeiras que inventava no quintal de casa, não tinha coisa melhor para Beatriz do que as festas na casa da avó, onde sempre via os tios e primos.

A vida dessa adorável menina era linda, pois ela se sentia muito feliz de ir para a escola, ela gostava.

Mas, um dia, como nada é duradouro e perfeito, enquanto se arrumava toda para ir à escola, teve a notícia de que iriam tirá-la de lá, e ela não poderia mais estudar.

Ela, com o tempo, tentou arrumar outras coisas para preencher o vazio, mas todas as tentativas foram em vão, pois nada preenchia esse vazio.

E, no meio dessas tentativas, acabou se apaixonando, porém, na descoberta desse novo e primeiro amor, acabou vendo que estava amando sozinha.

E a pequena Beatriz, cheia de sonhos, foi crescendo e os sonhos foram sumindo e, nos obstáculos da vida, acabou conhecendo um homem e com ele teve quatro filhos. Mas, como disse antes, nada é duradouro e perfeito, e Beatriz, infelizmente, caiu nas tentações da carne e acabou se perdendo e deixando para trás a família que começou a construir.

Mas, quando tratamos de Deus, com ele, sim, as coisas podem ser perfeitas.

Ele pôs uma mulher perfeita na vida do ex-marido de Beatriz, pelo que ela é muito grata, já que junto a ele essa mulheraju-

dou a dar todo carinho e educação a seus filhos, que ama e com quem se preocupa tanto.

Quanto à Beatriz, colocou-a em um lugar onde ela nunca imaginou estar, que lhe proporciona ter uma reabilitação social e com ela mesma, onde pode estar trabalhando e onde ela se encontrou novamente naqueles sonhos que haviam ido embora.

Hoje, Beatriz só quer voltar para sua família, formar seus filhos e ter um lindo restaurante com sua mãe.

(História de Aimara contada por Camila Borges).



Doce lar

*Camila Borges
Jéssica Gomes dos Santos
Lidiane Silva
Simone*

Passado algum tempo, a vovó estava em seu doce lar, pensando em tudo que já tinha vivido, teve lembranças boas e também ruins, quando de repente:

– Trililim, trilim, trililim – o telefone da vovó toca e uma voz sombria e assustadora deixa vovó toda arrepiada. Perguntou por diversas vezes quem era, mas, do outro lado da linha, uma grande gargalhada.

– Háháhá, você vai me pagar.

A vovó, toda trêmula, desligou o telefone. Não pode ser, ela reconheceu aquela terrível e ameaçadora gargalhada... Mas, como pode, eu, eu, eu enterrei aquele maldito com minhas próprias mãos, isso só pode ser um pesadelo – disse a vovó...

Sem pensar duas vezes, ligou para sua neta Bonezinho Vermelho e pediu que a mesma fosse às pressas para a sua casa. Chegando lá, a vovó contou tudo para ela, que também ficou assustada, mas tentou acalmar sua avó, dizendo que poderia ser coisa da sua cabeça...

Passou a noite na casa de sua avó, para fazer companhia para ela; aquela noite na casa de sua avó pareceu a mais longa da vida delas, o vento forte batia nas janelas, e, quando começaram a cair no sono: Bi, Bi, Bi, uma buzina muito alta na porta da casa da vovozinha, Bi, Bi, Bi, Bi, Bonezinho Vermelho olhou

pela janela por um cantinho da cortina e viu o motoboy com uma caixa de pizza na mão. E logo em seguida gritou sua avó, perguntando:

– Vovó, você pediu alguma pizza?

A vovó respondeu:

– Não que eu me lembre...

A vovó lembrou que tinha uma velha espingarda guardada em seu porão, passou as mãos nela e abriu as portas de sua casa, dizendo:

– Parado aí! Quem é você? Tire seu capacete para que eu te veja.

O motoboy tirou seu capacete e disse:

– Calma, calma, vovó, sou “eu”, o motoqueiro de sempre...

A vovó perguntou:

– Quem pediu pizza?!

Ele respondeu:

– Ora essa, eu vi a Bonezinho vindo pra cá e resolvi trazer uma boa pizza para que a gente pudesse fazer um lanchinho.

A vovó achou tudo aquilo um pouco estranho, mas Bonezinho Vermelho logo o convidou para entrar.

Comeram a pizza e bateram bastante papo a noite inteira, a vovó resolveu não compartilhar nada com ele e, por esse motivo, não disse uma palavra com ele a respeito do Sr. Lobo mau...

Ao amanhecer, vovó abriu as janelas e deu bom-dia para as flores, os animais e também para a vida, passou a acreditar que tinha tido apenas uma alucinação, e assim passaram mais uns dias, quando, de repente: Toque, toque, toque, a vovó perguntou:



– Quem é?

E ninguém respondeu, toque, toque, bateu novamente, a vovó ficou irritada e abriu a porta, e, para sua surpresa, não tinha ninguém.

Vovó começou a se preocupar e lembrou de um velho amigo, o Sr. Sergio Mourão. Era um grande homem, de influência na cidade, e sabia que poderia contar com ele, e assim o fez, ligou para seu velho amigo e contou tudo que tinha feito e o que estava passando, seu amigo reconheceu que o crime se resumia em legítima defesa e decidiu ajudar a vovozinha a resolver essa situação.

Com toda sua experiência, montou uma *sarapucaia* para descobrir quem estava tentando assombrar a vovozinha. Com uma pergunta aqui, outra ali, um cerco cheio de seguranças, ficaram escondidos em volta da casa de sua amiga vovozinha, e juntos resolveram voltar ao lugar onde o lobo tinha sido enterrado.

– Mas, como pode? – disse a vovozinha – Ele estava bem aqui.

O Sr. Sergio Mourão observou todo o local e achou um pequeno pingente com uma foto de uma senhora, a qual era desconhecida por ele e por vovozinha.

Resolveram voltar para casa, e, ao chegarem lá, o Sergio Mourão fez várias perguntas para vovozinha, do tipo:

– Além de você, quem mais sabia do ocorrido?

Vovozinha pensou um pouco e disse:

– Só eu e minha neta.

Ela não falou a verdade, pois não queria prejudicar e nem expor a vida de seus vizinhos que a ajudaram...

Continuou a perguntar:

– Nesses últimos dias, quem mais a visitou?

Ela respondeu que somente sua neta e um motoboy.

– Hum – disse o Sr. Mourão – sua neta é de confiança?

– Sim – disse vovozinha – mesmo sendo um pouco rebelde, ela é.

– E esse motoboy? Você confia nele?

– Não muito, afinal, não o conheço muito bem, somente de vista, mas aparenta ser um bom rapaz, é trabalhador e já circula nessa área como motoboy há muitos anos.

– Sem mais perguntas, acho que já cheguei a uma conclusão – disse o Sr. Mourão...

Ao anoitecer, um barulho estranho no telhado:

Treque, treque, treque. Vovozinha e Sr. Mourão ficaram em silêncio e, de repente: Trupam!, caiu um homem na sala de sua casa, o Sr. Mourão pegou sua arma e mandou que o meliante não se mexesse e colocasse as mãos na cabeça... Tossindo muito, o homem disse, em voz alta, calma, calma, sou eu. A vovó foi se aproximando e, quando chegou perto, viu que era o motoboy e disse:

– O que você estava fazendo no meu telhado?

Ele respondeu:

– Eu vi um bicho muito grande em cima do seu telhado e tentei espantá-lo, mas acabei caindo.

O Sr. Mourão só ficou olhando, observando, e percebeu que o tal do motoboy estava um pouco nervoso, mas, mesmo assim, permaneceu em silêncio... Vovozinha ficou preocupada, e logo se prontificou em ajudar o tal do motoboy, sentou-se no sofá e ali começaram uma longa conversa, quando, de repente, o motoboy olhou para a escrivaninha à sua direita e disse:

– Nossa, você achou meu pingente? – perguntou ele.



Antes mesmo de a vovó responder, o Sr. Mourão disse:

– Que pingente é esse?

– É meu, é a foto da minha falecida vovozinha – respondeu o motoboy ao Sr. Mourão.

– Mas onde você o perdeu? – perguntou.

– Não sei bem, mas acredito que ele possa ter ficado aqui no dia em que vim trazer uma pizza para nós lancharmos.

Na mesma hora, o Sr. Mourão matou a charada e disse:

– Você está preso em nome da lei.

Ele tentou se justificar, mas o Sr. Mourão foi um dos melhores e mais respeitados investigadores da polícia civil. Assim, ele foi levado para a delegacia e lá confessou que estava, sim, tentando assustar a vovozinha.

Tudo foi esclarecido, e a justiça entendeu que o crime que a vovó tinha cometido foi legítima defesa, o corpo do lobo foi encontrado, o motoboy foi preso e cumpriu dois anos de pena, saiu do sistema e cumpriu mais um ano e meio de serviços comunitários em um asilo próximo de onde morava.

Vovozinha e Bonezinho Vermelho e toda a vizinhança fizeram uma missa para o lobo, e mesmo que ele tenha sido um ser muito mau, todo mundo é digno de uma oração, e pediram, de todo o coração, para que Deus desse àquele homem um bom lugar e tivesse compaixão daquela pobre alma...

Após todo esse tumulto ter sido resolvido, fizeram um churrascão ao som do tigrão a pedido da Bonezinho Vermelho.

Dizem que, naquela região, nenhum lobo mau ousou se aproximar daquele vilarejo. Aliás, ninguém seria doido de ousar se aproximar daquela vovozinha tão indefesa, dona de uma boa pontaria, capaz de fazer estrago na vida de qualquer um que pensasse em fazer mal para algum de seus entes queridos.

A bela Helena

Claudinéa da Silva Ferreira

Para Rosana de Mont'Alverne.

Era uma vez, num pequeno vilarejo nos arredores da Rússia, vivia uma jovem viúva com seus quatro filhos. Um deles era uma bela menina chamada Helena. Ela tinha algumas limitações, problemas psiquiátricos, e isso a deixava muito triste, pois não era sempre que ela podia brincar. Porém, quando sua mãe deixava, chamava seus primos e primas e alguns amigos, eles brincavam de roubar a bandeira, pique-esconde, mas o que ela mais gostava era de uma brincadeira chamada “cair no poço”, pois seu amigo “Batata” a ajudava sempre a escolher seu namoradinho de infância e, sendo assim, Helena sempre o escolhia.

Helena não gostava do Natal, pois sua mãe sempre dava presentes para seus irmãos, mas nunca lhe dava nada, isso a deixava muito triste, humilhada e excluída. Contudo, a bela Helena amava sentir o cheiro da “dama da noite”, uma árvore antiga que primeiro dá flores brancas, pequeninas, e têm uma fragrância maravilhosa. Não podemos esquecer que a bela jovem ajudava seus irmãos a caçar as rãs que sua mãe vendia para um restaurante, para ajudar nas despesas da casa. Ela sempre separava uma boa quantidade para ela e seus filhos. Comiam rãs assadas, rãs fritas, rãs ao molho, rãs *à la Pistache*.

Helena se tornou uma jovem muito linda, não lhe faltavam candidatos querendo cortejá-la. Ela acabou se casando com



um ex-padre, porém, na hora da cerimônia, seu namoradinho de infância, Túlio, chegou com dois amigos numa carruagem e quiseram raptar Helena. Mas ela falou, decidida: “Túlio, nós dois seguimos caminhos diferentes, eu fui para um lado e você para o outro. Por este e por outros motivos eu lhe peço que siga seu caminho e me deixe seguir o meu!”. Túlio olhou para Helena com os olhos rasos de lágrimas e lhe disse: “Já que você quer assim eu vou embora, mas não se esqueça, se algum dia mudar de ideia, sabe muito bem onde me encontrar”. Sem mais demora, Túlio entrou na carruagem e foi embora com o coração dilacerado.

A cerimônia foi muito bonita, e Helena e seu marido decidiram fazer inseminação artificial. Foi então que Helena engravidou e logo teve uma filha, na qual colocaram o nome Quézia. O nascimento dela foi a maior felicidade do mundo, mas, depois de tanta alegria, tinha que acontecer alguma coisa para acabar com tanta felicidade... Helena ficou viúva...

Passados três anos, Quézia era uma criança linda...

Helena se viu perdidamente apaixonada, e com esse grande amor ela viveu 18 anos da mais pura felicidade.

Porém o destino sempre nos prega peças. Dessa vez, Helena sentiu a maior dor do mundo com a morte de sua mãe.

Após quatro meses, perdeu também seu grande amor.

Hoje podemos dizer com certeza que Helena sabe perfeitamente a supremacia de amar...

(Esta história é baseada em fatos reais. Esta é a história da vida de Neide Aparecida).



A Bonezinho Vermelho

Claudinéa da Silva Ferreira

Letícia Cristina Costa

Neide Aparecida do Nascimento Silva

Siomara Aparecida Machado

Tâmara Barbosa Araújo

A Bonezinho Vermelho chamou o motoqueiro para descer o morro, para voltar para casa. Ele, muito curioso, perguntou: “E o cara que estava na casa da sua avó? Não o vi sair de lá.”

Bonezinho Vermelho falou: “Você se enganou. Não tinha ninguém lá.” Ele continuou a afirmar que havia um cara lá sim. Ela respondeu: “Não! Só estavam lá os vizinhos que minha avó chamou, para comermos juntos o bolo de carne e o vinho que eu trouxe, porque ela está tão doente. Quis confraternizar esse momento de felicidade e reunir todas as pessoas de quem ela gosta.”

O motoqueiro desceu o morro com Bonezinho Vermelho e voltou à casa da avó, muito curioso por sinal. Olhou por cima do muro, que era baixo, e viu de longe a terra remexida no quintal. Imediatamente chamou a polícia, que revirou um pouco a terra e encontrou o homem enterrado, pois estava muito à flor da terra. A polícia levou a avó presa e a interrogou, e ela disse com muita clareza: “Foi legítima defesa, pois ele já me perseguia há muitos anos, e agora queria violentar minha neta. Todos os vizinhos sabiam disso, mas, apesar do fato tão triste ter acontecido, estou em paz comigo mesma. Acabou meu pesadelo. E hoje, em vez de ouvir *Tango pra Tereza*, vou ouvir Gilberto Gil:

‘Não, não chores mais, menina, não chores assim.’”



História de uma menina sonhadora

Cleide Aparecida Lacerda Silva

“É que a gente quer crescer e, quando cresce, quer voltar do início.”

Conta-se uma história de uma menina, nascida no dia 9 de janeiro de 1994, na cidade de Belo Horizonte, ao som de Skank, *Garota Nacional*. Sua mãe conta que eram 2h10 da madrugada, com uma chuva fininha. À medida que a menina ia crescendo, demonstrava ser esperta, curiosa e levada. Seu pai conta que, quando ela tinha três anos, ela abriu todos os pacotes de alimentação que estavam no armário, o que fez uma bagunça enorme. Quando ele chegou perto, ela deu um sorriso e disse: “Papai, te amo”. O que poderia ter se tornado um momento de raiva acabou em risos. Ela sempre viajava muito com sua mãe, para as cidades de São Paulo, Ouro Preto, Matozinhos, ela amava as viagens.

Seus pais se separaram quando ela tinha quatro anos, ela tem um irmão chamado Deivison, dois anos mais velho que ela, um foi o apoio do outro na separação.

Aos cinco anos, ela e seu irmão foram para a cidade de Guanhães, morar com seus avós paternos. Lá eles brincavam a cavalo, pescaria, comiam muitas maçãs, a chácara de seus avós era bem frutífera, cheia de galinhas e porquinhos. Moraram lá apenas um ano, mas foram muito felizes lá.

Aos sete anos, voltaram a morar com sua mãe, eles sempre saíam muito para parques, restaurantes, se divertiam muito.

Sempre adorou o cheirinho de terra molhada, amava brincar de casa na árvore, de futebol, esconde-esconde, sempre adorou assistir desenho e ouvir músicas internacionais. Fazia aulas de tênis, participou de três campeonatos e parou de jogar aos 13 anos, para começar a trabalhar. Já aos 15 anos, conheceu seu primeiro amor, que foi um grande amigo também, namorou com ele até os 18. Ela começou a trabalhar aos 16 anos no Ministério Público, como auxiliar mirim. Ajudou a mãe a reformar a casa com a ajuda do irmão e do padrasto.

Ela ganhou um irmãozinho lindo, chamado Ítalo, que é o amor de sua vida, começou a cuidar dele quando ele tinha três meses e, desde então, cuida dele até hoje, eles são os melhores amigos. Por parte de pai ganhou uma irmã, chamada Ana Luísa.

Aos 19 anos conheceu seu segundo namorado, o qual é pai de sua linda filha, Sophia. Viajou para a Paraíba, morou lá por oito meses, com sua filha e cunhado. Voltou para Belo Horizonte, iniciou seu curso administrativo e trabalhou como esteticista. Seu relacionamento durou cinco anos, o qual foi baseado em traições e agressões, mas num belo dia ela resolveu se separar e ser feliz de verdade.

Infelizmente confiou em pessoas erradas, se perdeu no mundo errado, parou “atrás das grades” e viu seu mundo desmoronando, não via um futuro, perdeu a fé e seus sonhos. Quando teve a oportunidade de vir para a Apac, ganhou autoconfiança, responsabilidade, viu seus sonhos reviverem e agora sonha com um futuro melhor para sua filha e família.



Tango para Tereza

Cleide Aparecida Lacerda Silva

Daniela Santos da Silva

Erika

Naiara Monique dos Santos

Viviane Rodrigues Rosa

Após a turbulência da noite, Chapeuzinho, vovó e a dona da birosca foram dormir. Acordaram com os policiais da Rotam batendo na porta e foram conduzidas para a delegacia.

Quando chegaram lá, vovó avistou o senhor Chacrinha, antigo rival que nutria um ranço pela vovó, pois, na mocidade, vovó ficou famosa por seus serviços de “marido de aluguel” e acabou ficando com os clientes dele. Vovó estranhou o fato de ele estar na delegacia tão cedo. Mal sabia ela que foi ele quem a denunciou.

O delegado tomou o depoimento de Chapeuzinho, cujo nome é Larisa, da dona da birosca, cujo nome é Helena, e finalmente de Zulesca, a vovozinha.

O delegado interrogou a vovó sobre o fato ocorrido e lhe perguntou de onde ela conhecia a vítima.

Vovó contou que, em sua adolescência, a vítima, cujo nome é Aderbal, era seu vizinho e vivia lhe importunando, lhe dando cantadas, levando presentes com segundas intenções e, um dia, tentou ficar com ela à força, e os dois primos de Zulesca o colocaram pra fora da cidade.

Anos se passaram, e a vovó não o reencontrou novamente, porém contou ao delegado que, nas últimas semanas, um homem estava rondando sua casa e seguindo-a no mercado. No sábado, ela foi surpreendida com o homem invadindo sua casa, foi antes que vovó reconheceu Aderbal. Ela não entendeu o porquê de o homem estar ali e, quando o abordou perguntando, ele começou a falar coisas absurdas sobre a neta Larisa. Vovó sentiu tanto medo do que o homem podia fazer.

Quando viu Chapeuzinho chegando e o homem agarrando ela, não teve outra alternativa a não ser atirar nele. Por amor à sua neta, ela faria tudo.

O delegado se comoveu com o depoimento da vovó, ela foi autuada, mas responde em liberdade.

Vovó foi pra casa, passou no bar com a dona da birosca e Chapeuzinho, bebeu umas para esquecer e foi para casa.

Hoje ela e Chapeuzinho vivem bem e unidas.

Chapeuzinho e sua mãe visitam a vovó uma vez por semana e cuidam dela com muito amor.



Tango para Tereza

*Cristina Mendes Vieira
Edirléia Mendes de Sá Resende
Maria das Graças de Souza
Maria Tereza Pereira e Mucci*

Logo após a morte, todos tentaram apagar a cena do crime. Porém houve um imprevisto. Havia, naquele local, um policial à paisana que fora alertado pelo motoboy.

A neta estava apreensiva, muito nervosa com aquela situação, vendo a sua avó cantando e dançando, saiu de fininho e foi embora.

Ao descer o beco, deparou com o policial à paisana, que a assustou, pegando-a pelo braço. Nesse momento, sua mochila caiu no chão. O policial a pegou e, quando a abriu, todos os objetos que estavam dentro ficaram esparramados pelo chão, inclusive seu cigarro de maconha, tão bem preparado para o consumo mais tarde. Então pegou a netinha pelo braço e levou-a para a casa da sua avó. Vendo todos em festividades, trançou todos dentro da casa e pediu explicação sobre o acontecido até a chegada de vários policiais. Todos continuaram rindo, bêbados, e a avó continuava sua dança, sem que a presença dos policiais a incomodasse.

Os policiais, ao olhar a casa para vistoriar, viram, no quintal, terra mexida e, averiguando o que estava lá, perceberam um corpo. A avó, já muito tonta, começou a falar que ele queria estuprá-la e, como ela tinha uma vida boêmia, sabia muito bem

como ele era. Os vizinhos sabiam que havia um estuprador andando pela favela, e já havia feito mal a algumas mulheres, e ele entrou logo na casa da avó da Chapeuzinho. E, então, em seu devaneio, agarrou a avó, pensando que era a netinha, porque conhecia a avó do bordel, e a netinha era muito parecida com ela dos tempos antigos.

Quando entrou Chapeuzinho Vermelho, ele soltou a avó e partiu para cima dela, lambendo e babando nela com aquele narigão oleoso. A avó, vendo aquela cena, pegou a arma e atirou nele, ela contou ao policial toda sua história. O policial, em sua memória, lembrou do ocorrido ano passado com uma sobrinha dele, mas nunca conseguiu pegá-lo, sendo assim, desovou o corpo, queimando-o em um pneu.

Porque o que acontece na favela fica na favela.



Era uma vez, uma menininha (sapeca) malvada

Daniela Santos da Silva

Era uma vez, no ano de 1996, na cidade de Jacuri, nasceu uma bela garotinha, branquinha como a neve, pequenininha. Desde pequena era encantadora, seus pais sentiram amor à primeira vista, daí foi passando o tempo e essa menina, Carol, foi crescendo, mostrou ser uma menina amável, “levada” e brincalhona. Por ser “levada”, quebrou o braço bem novinha, após cair da pia tentando pegar o morcego com um pauzinho. Ela gostava de andar descalça pelos matos e gostava muito de brincar de carrinho com seu irmão Hugo, pois não gostava de boneca. Sempre aprontou com as bonecas da sua irmã Dora, pintava a cara e cortava os cabelos delas. De tanto ser sapeca, seu avô a punia, dando uma “surra”, para não fazer mais, mas não adiantava.

Carol morava onde tinha muitos pés de jabuticaba, onde ficava por horas, chupando jabuticaba no pé. Passou um tempo e a família de Carol se mudou para a cidade de Contagem, onde foi morar com seus pais e irmãos, numa casa grande e que tinha um quarto bonito, azul e branco. Ela dormia com sua irmã, mas Dora não gostava de dormir no quarto, pois Carol só sabia aprontar, até que um dia Dora, com raiva, foi dormir com sua mãe Dira. Carol ficou sentida com a ausência de Dora, pois ela

não queria voltar mais para seu quarto. Com isso, Carol, toda sapeca, prometeu para Dora que não iria mais colocar bolinha de papel no seu nariz e nem no ouvido. A irmãzinha voltou toda feliz para seu quarto.

O tempo foi passando e Carol foi crescendo, começou a ajudar nos afazeres de casa, foi se tornando responsável. De repente, Carol ficou sozinha, sem sua irmãzinha Dora, pois ela foi morar bem longe, com vovozinho, e algum tempo depois ele morreu de cirrose. Dora voltou para casa de novo, Carol ficou toda feliz.

Seu primeiro amor foi na escola, um garotinho que era mais “encapetado” que Carol. Ela se apaixonou e começou a trocar bilhetinhos, até que rolou seu primeiro beijinho, mas as meninas não gostavam que ela ficasse perto do “Chocolate”, pois elas gostavam dele também. Aí Carol e “Chocolate” começaram a namorar, mas se passaram dois meses e eles terminaram. Com o término, ela começou a estudar e a focar nos seus objetivos. Já com 13 anos, ela foi morar com seu irmão Rick, onde começou a trabalhar com ele, numa sorveteria, na qual conheceu outro garoto que se chamava “Lu”. Ele com seus olhos da cor de mel, moreno e alto, foram adiante e começaram a namorar, noivaram-se e foram felizes. Contudo, o noivado de Carol foi interrompido, devido à sua prisão. Lá ela ficava triste, chorava com saudade da família, até que ela foi para a Apac e está sendo bem tratada, com honestidade.



Falando sobre Letícia

Dayane Novaes Costa

Para Letícia Cristina.

Era uma vez, em uma comunidade do Rio de Janeiro, nascia uma garota que se chamava Letícia, uma preta linda que gostava de sonhar, pois teve uma fatalidade em sua vida que interrompeu sua infância, a deixou doente, não fisicamente, mas sim psicologicamente, e essa fatalidade na vida da garota fez com que seus sonhos “fossem por água abaixo”.

Depois do fato ocorrido, Letícia foi morar em Minas Gerais, na cidade de São João Del-Rei, levando uma vida que só Deus. A garota, assim que chegou à cidade dos sinos, amou acordar com o barulho dos sinos e andar de maria-fumaça. Por ser sem limite, a garota foi parar no “lar da tia” Lia, que era o nome do orfanato onde Letícia morou dois anos, sofrendo demais, pois lembrava com frequência daquele cheiro de galinhada e arroz com suã, feito na panela de pedra, que sua mãe fazia e também nunca esquecia do barulho da maria-fumaça, do barulho do sino, que parecia ser música para seus ouvidos.

Hoje Letícia se encontra privada de sua liberdade e está pagando sua sentença com dignidade. Ela tem um marido que se chama Hernanes Lucas, os dois têm quatro filhos juntos, quatro crianças muito amadas por Deus e, lógico, por seus pais também. Letícia não teve uma infância muito boa, mas é uma mulher muito guerreira e trabalhadora, pois nunca desistiu dos seus sonhos. Pois sabe que cair é do homem e o levantar é de Deus. Sabe que o destino é mais importante do que a jornada.

...Continuando a história...

Tango para Tereza

*Daysielle da Silva Pereira
Fabiana Viana do Vale
Jussara Rodrigues de Abreu
Tâmara Barbosa Araújo*

Passaram a noite acordados. Ao amanhecer, todos foram para suas casas. A avó, D. Madalena, e sua neta Tereza foram se deitar. Quando estavam pegando no sono, bateram na porta... toc...toc...

Dona Madalena perguntou:

– Quem é?

E lá de fora responderam:

– É a polícia!

Tereza deu um pulo da cama e perguntou:

– Pois não, senhor!

E o policial respondeu:

– Recebemos uma denúncia anônima ontem. Teve um assassinato aqui, isso é verdade?



Ela olhou para sua neta e, com os olhos cheios de lágrimas, respondeu:

– Sim, senhor! Eu matei o sujeito que me perseguia há muitos anos e agora estava querendo fazer o mesmo com minha neta.

Então o policial disse:

– A senhora e sua neta podem nos acompanhar até à delegacia?

Assim, foram colhidos os depoimentos e, como haviam saído do flagrante, foram liberadas e esperariam o julgamento em casa, como também por ela ser doente e estar no período da pandemia (Corona).

Passaram anos e veio o julgamento, D. Madalena foi absolvida porque deu legítima defesa.

Enfim, a mãe de Tereza buscou D. Madalena, e todos foram morar juntos.



A história de Andorinha

Edirléia Mendes de Sá Resende

Era uma vez...

Um filhote de Andorinha que vivia em um ninho, todo enfeitado em um Ipê amarelo. Essa Andorinha vivia com seu pai, mãe e irmãos, que brigavam e brincavam com Andorinha.

Coitadinha de Andorinha, adorava andar de bicicleta, sentir o vento em suas asas, livre para voar, e, com seus patins, corria como se ninguém pudesse alcançá-la.

Brincar e brigar com seus irmãos faz parte de uma família feliz, pois tinha muito amor em sua casa. Seus irmãos sempre pegavam seu pão de sal, e a briga estava começada. Ela abria as suas asas o mais cumprido que precisasse para gesticular, pois essa pequena é uma pimenta malagueta, e isso em Andorinha é uma qualidade.

Todos os dias, quando Andorinha chegava em casa, sentia o cheirinho de flor, que ela comparava com o cheiro de sua mãe, e o vento batendo em uma samambaia, e aquela historinha em um disco de vinil, que ouvia sempre com seus irmãos. E foi assim que Andorinha descobriu que a felicidade também existe nas coisas pequenas que a vida nos dá, como sua bicicleta, seus patins ou até mesmo a viagem para a casa da sua tia no Rio de Janeiro, e ela conheceu o mar, e como era lindo.

Um certo dia...



E toda vez que fala um certo dia, é porque vai acontecer alguma coisa, e com essa Andorinha aconteceu.

Ela foi para a igreja com seus pais. Em meio aos pássaros cantando, ela avistou um periquito verde, que Andorinha não conseguia tirar os olhos daquele pequeno que ela chamava carinhosamente de “Quiquito”. Ficaram amigos e, com tanto assunto, descobriram que passavam muito tempo juntos, e, sem se dar conta, um beijo aconteceu...

Andorinha foi crescendo, e a vida mostrou sua outra face.

Perdeu seu pai e, agora privada da liberdade, longe dos seus filhotinhos, ela sabe que, na vida, se vive um dia de cada vez, e a esperança que para amanhã sempre terá alguma coisa boa para acontecer.

E é assim que essa pequena Andorinha que, em seu tamanho é frágil, mas, em sua mente, é grande e forte, vira e mexe ela repassa os seus projetos de terminar os seus estudos e, por fim, ir para Angra dos Reis.

Por que Andorinhas também sonham e seus sonhos são remédios para a alma de Andorinha e, mais uma vez, ela canta o seu forró preferido.

“As Andorinhas voltaram e eu também voltei, pousar no velho ninho que um dia te deixei.

Nós somos Andorinhas que vão e que vem, à procura de amor. Às vezes volta pra casa ferida e machucada, mas volta pra casa batendo suas asas com grande dor”.

(Essa é uma história baseada em fatos reais. A história de Cristina Mendes).

Era uma vez...

Francilane Pereira Souza

Uma rainha que se chamava Maria Auxiliadora, ela morava num reino bem distante da cidade. Lá morava com seu marido e tinham planos de ter filhos, seu sonho se realizou, pois veio o seu primeiro filho, que se chama Douglas. Seu marido, Luiz Carlos, ficou muito, muito feliz e, com o passar do tempo, queriam muito ter uma princesinha, que logo veio para alegria de todos, a princesa se chama Tâmara Barbosa. Ali viveram felizes, tiveram uma infância muito alegre e tranquila, sua mãe e seu pai sempre deram de tudo para ela e seu irmão, não deixavam faltar nada, sempre trabalhavam para levar o sustento para casa.

Com o passar do tempo, ela foi crescendo e se tornou uma princesa doce e humilde, sua prioridade era sua família. Sua mãe gostava muito de cozinhar, fazia cada salgado, um mais gostoso que o outro. A princesa sempre estava ali para ajudar sua mãe e, com isso, o tempo foi passando, a princesinha cresceu e se tornou uma grande mulher.

Ela arrumou seu primeiro namorado e ali formaram uma família, pois veio seu príncipe, que se chama Bryam Lucas, que é sua maior riqueza, tudo na sua vida. A princesa não deu muito certo com o pai de seu filho e se separou. Com a ajuda da sua rainha, criou seu filho, com muita luta e dedicação. Passando-se um tempo, seu irmão Douglas colocou a princesa em uma arapuca, que a fez perder sua bela liberdade.



Há um ano longe da sua rainha, ela veio a falecer de tanta saudade da sua princesinha e a maior tristeza da princesa foi não poder ter dado um último abraço em sua rainha. Mas mesmo depois de tanto sofrimento, a princesa não desistiu de sonhar, ela sonha em montar um grande salão de beleza e ser bem-sucedida, cuidar de seu pequeno príncipe que sofre muito, pela sua falta. Hoje com 13 anos, ele faz campanha na igreja para que a princesa, sua mãe, volte logo. Ela quer muito ir para casa, ao lado de seu pai, que está bem velhinho e sofre a falta da rainha e da princesa.

(Baseado na vida de Tâmara Barbosa).



Maria João

Jéssica Gomes dos Santos

Era uma vez... “Maria João”!

Uma menina chamada Maria, mas conhecida como Maria João. Simplesmente pelo fato de suas brincadeiras prediletas serem futebol, soltar pipa e polícia e ladrão...

Mas a pequena Maria nem ligava pela maneira como era chamada, o que importava pra ela mesmo era poder brincar do que gostava, e isso a fazia feliz.

Morava com sua mãezinha, Dona Edna, e tinha sete irmãos.

Era a caçula entre eles e, por esse motivo, era a mais próxima de sua mãe.

Morava em uma pequena casa de quatro cômodos, dois quartos, sala, cozinha e um banheiro. Suas irmãs se casaram muito novas, e, por isso, na casa de “Maria João”, moravam ela, sua mãe, seus irmãos e seu sobrinho chamado Juninho, que foi criado por “Dona Edna”. Os nomes de seus irmãos eram Alex, Leonardo, Daniel e Rafael.

Como Maria era a única moça dentro de casa, fazia todas as obrigações na ausência de sua mãe.

Cozinhava, arrumava a casa, lavava louças e, ainda assim, arrumava um tempinho para se divertir com seus amiguinhos...



Sempre foi uma menina muito esperta e bastante prestativa, era sempre procurada por seus vizinhos para que fizesse alguns favores.

Na padaria, açougue, farmácia e sacolão, lá estava Maria João, sempre disposta a ajudar quem a procurasse.

Com um trocado aqui, outro ali, ajudava sua mãezinha com algumas misturas dentro de casa.

Sua mãezinha, Dona Edna, era muito trabalhadora e batalhou muito para criar seus oito filhos, sendo cinco do seu primeiro casamento, do qual ficou viúva muito nova, e três do seu segundo casamento, no qual foi abandonada pelo pai de Maria.

Mas isso só alimentou as forças de Dona Edna, que era uma mulher admirada por ser uma mulher guerreira, que trabalhou a vida inteira para criar seus filhos honestamente.

Para ajudar dentro de casa, Dona Edna sempre levava seus filhos para um lugar chamado Ceasa, onde catavam e ganhavam bastantes frutas, verduras e muitas misturas. Maria João, por ser a mais esperta e bastante faladeira, era a que mais ganhava as coisas, pois não tinha vergonha nenhuma de pedir, pois sabia que aquela era a sua realidade...

Em época de escola, a menina Maria João se destacava em meio aos alunos, era muito inteligente e bastante curiosa e prestava atenção a todas as aulas. Tinha grande facilidade em aprender as coisas e isso fazia com que ela vivesse rodeada por amigas e professores, que sempre estavam elogiando a menina.

O tempo foi passando, e a menina Maria foi crescendo, construiu sua própria independência. Vendia roupas, sapatos, bijuterias, peças íntimas e, nos finais de semana, ainda vendia trufas deliciosas, trufas de todos os sabores...

E com a renda comprava suas coisinhas, pois já era mocinha e gostava de andar arrumadinha, e ainda ajudava sua mãezinha com as despesas de casa.

Desde muito nova, a menina criou uma responsabilidade muito grande, pois as dificuldades da vida a fizeram entender que, para realizar seus objetivos de vida, tinha que correr atrás. Seu maior sonho era ser “Advogada de direitos”, pois sempre gostou dessa posição de defender as pessoas.

Maria era muito apegada à sua família e tinha um carinho especial por seu irmão Daniel, o qual dava a ela atenção de pai...

Se tornou mulher, teve seus dois filhos: Ana Vitória e Daniel Henrique, que se tornaram seu grande tesouro... e assim o tempo foi se passando...

Em um triste dia, Maria recebeu a pior notícia de sua vida: seu irmão Daniel foi assassinado, foi apunhalado pelas costas por vizinho, o qual tirou sua vida por inveja.

Com o passar do tempo, o destino lhe pregou mais uma peça: seu irmão Leonardo também perdeu sua vida de maneira trágica.

Maria não soube lidar com a dor da perda de seus irmãos, por quem ela tinha um amor incondicional...

Ela perdeu todo o seu equilíbrio emocional quando viu sua mãezinha em estado de depressão.

Não aceitava a perda de seus irmãos e já não aguentava mais ver todo aquele sofrimento de sua mãezinha e, por esse motivo, deixou que o sentimento de ódio a dominasse.

Sem pensar duas vezes, Maria, que era uma menina doce, perdeu sua pureza de menina e fez o que pensava que era certo, na expectativa de aliviar a dor de sua família pela perda de seus irmãos e, com isso, acabou se sujeitando a mais sofrimento.



Hoje ela se encontra há quase nove anos longe de casa, longos anos sofridos, mas também de aprendizado...

Hoje ela reconhece que tudo acontece com a permissão de Deus e que o caminho da vingança só nos leva a mais dor e sofrimento.

Hoje seu maior sonho é poder voltar para sua casa, cuidar dos seus filhos e de sua mãezinha e reconstruir uma nova história ao lado de sua amada família, montar uma pequena lanchonete, ou uma loja de roupas, e dar continuidade à sua vida de uma maneira digna.

Mesmo depois de todos esses anos de sofrimento longe de casa, a menina Maria João não perdeu sua maior essência, que é sua humildade, que através dela conseguiu vencer todos os obstáculos que surgiram em seu caminho...

Dizem, minha gente, que a Maria João passa boa parte do seu tempo contando suas histórias, lembrando sua infância, lembrando aquele franguinho com quiabo simples, mas feito com muito amor por sua mãezinha.

Lembra que sua vida não foi fácil, mas lembra também o quanto era querida e respeitada por seus vizinhos e familiares, por ser uma menina responsável e prestativa.

E chegou a uma conclusão: que, nessa vida, o melhor a se fazer é entregar tudo nas mãos de Deus e confiar.

Acreditar que dias melhores ainda estão por vir...

Que, enquanto existir vida, existe esperança...

Aprendeu que o único que dá a vida é Deus, e só ele tem o direito de tirar...

Que ninguém pode voltar atrás e apagar o seu passado, mas, com sabedoria, podemos construir o nosso futuro e sermos autores de nossas próprias histórias.

Hoje ela acredita que seu milagre já foi agendado, pois “Grandes batalhas são apenas para Grandes Guerreiras”.



Um conto logo ali

Laís Gabrielle de Oliveira Silva

1 Nascimento da pequena princesinha

Era uma vez, há muitos anos, no ano de 1975, nasceu uma linda e querida princesa, chamada Maria Antônia. Ela era branca como a neve. Sempre risonha e brincalhona. Tinha três irmãos não muito presentes e uma mãe sempre ausente. Mas o que não faltava naquela casinha era muito amor e guloseimas da vovozinha. As brincadeiras do pai eram alegria demais. Adorava brincar na laje e de fazer muita sacanagem. Corria pra lá e pra cá. Até de carrinho de guia gostava de brincar. Mas seu maior *hobby* era ir ao rio nadar.

2 Adolescência

Essa menininha, que foi crescendo e crescendo, e seu dia a dia ia mudando, já não gostava de estudar e, sim, de muita bola jogar. Adorava pega-pega e comer as frutas da vizinhança, mas as suas favoritas eram jaca, pinha e pitanga; comia e comia sem se cansar. Essa menininha adorava histórias contar e de muito papagaio jogar. Essa princesinha, que era toda desajeitada, já até caiu e se machucou, mas nem por isso ela parou. Corria. Corria.

Mas, quando chegava em casa, correndo pro quarto ela ia.

Era onde ela mais amava ficar e com seus brinquedos sempre brincar.

3 Sonhos

Seu quarto era quentinho e aconchegante, e seu cobertor todo fofinho e peludo, com que seu paizinho sempre lhe cobria. Esse era o momento que mais gostava. E muito feliz a menina ficava. Ela estava sempre triste e cabisbaixa, pois alto ela sonhava. Sonhava em ter uma mãezinha, para cuidar e brincar de casinha. Mas ela crê que ainda vai conquistar, pois Deus nunca a abandonará.

Maria Antônia sempre foi uma menina boa. Só, às vezes, meio grossa.

Mas gostava de falar e falar e todos seus sonhos contar.

4 Pequena grande casinha

Essa princesinha da Cidade de Vespasiano era filha do Rei Efigênio II, uma família muito humilde, que morava em uma casinha marrom, com o quintal com vários pomares.

Naquela casinha, se escutava muito choro, mas também muito sorriso e várias músicas. Essa princesinha adorava dançar e ficava nas festas até o dia raiar.

O pai, sempre um senhor educado, lutava pelo futuro da filha, ensinando o que era certo e o que era errado.

5 Na loucura

Certo dia, aquela princesinha risonha e contente chegou em casa bem diferente. O pai, muito preocupado, perguntava o que estava acontecendo.



A menininha, muito nervosa, gritou bem alto:

– Não te importa. Me deixe em paz.

O pai muito triste chorava e, então, se perguntava onde aquela menininha doce estava.

Os dias foram passando e muita coisa mudando, a princesa em casa já não ficava e saía de balada em balada.

6 O inesperável

Certo dia, a menininha voltava a sorrir e falava:

– Eu consegui, eu consegui!

Seu pai, muito contente por tremenda alegria, então perguntou:

– Conseguiu o quê, meu amor?

Então a menininha respondeu:

– Realizei um sonho meu, pois de série eu passei!

Aquele dia foi muito feliz, pois achava que não iria conseguir.

Mas, de repente, tudo mudou, até mesmo parecia história de terror.

7 Telefonema

De repente, o telefone tocou:

– Alô? (disse o rei).

– Pai, pai, estou indo presa! Por favor, me ajuda.

– Filha... o que aconteceu? (chorando).

– Tenho que desligar. Te amo, pai.

O pai, muito preocupado e assustado, atrás da filha então foi.

Muitas lágrimas rolando, então a princesa desabafou:

– Pai, sou viciada, me ajude, por favor.

Naquele momento, o chão do rei desabou.

8 Pedido de socorro

Num belo dia, a princesinha saiu e, de novo, no mundo ela caiu.

Desde então, não mais parou e, para a cadeia, então ela voltou.

Dessa vez, papai não a visitou. E a vida da princesa só desandou, o vício a levou à perdição e seu mundo era só prisão.

Mas os anos foram se passando, e a princesinha foi mudando. Encontrou novas chances de mudar e foi para Apac, onde encontrou várias oportunidades. Ali pediu socorro e então teve total apoio.

9 Transformação

Maria Antônia então entrou no curso de contadora de história. E, com uma nova visão de futuro, nos contou sua história.

Nos falou do seu primeiro e único amor, Alex, Alexandre, um príncipe que conheceu na infância, morava em sua rua e muito se divertiam.

Até que se apaixonou e outro jamais encontrou.

Também nos relata o que quer pro futuro, reconquistar o amor de seus pais e ter um filho para poder cuidar.

Assim termina a história dessa grande pequena garotinha.



Tango para Tereza - 2ª parte da história

Laís Gabrielle de Oliveira Silva

Lucimar Aparecida Vieira

Maria Antônia Lopes Pinto

Ao passar uns dias que a vovó matou aquele homem maluco maníaco, o bairro onde a vovó morava já não era mais a mesma coisa. Tinha pessoas estranhas, viaturas da Polícia Civil para todo lado, e toda a vizinhança extremamente preocupada, pois uma grande parte sabia do acontecido.

Vovó, sem saber o que fazer, então ligou para Chapeuzinho:

— Chapeuzinho, minha neta, eu acho que aqueles homens estão me procurando, alguém abriu a boca e me delatou, eu estou tão velha e doente, que se eu for presa não vou aguentar, acho que morro na cadeia.

Então, Chapeuzinho disse:

— Vovó, vovó, espera, para de falar, porque isso pode nos prejudicar, estou indo aí agora.

Então, Chapeuzinho chegou à casa da Vovó, entrou e ficou procurando por ela:

— Vovó, cadê a senhora, eu cheguei.

Vovó gritou:

— Chapeuzinho, minha querida, a vovó está aqui no fundo da sala.

Chapeuzinho se deparou com todas as cortinas fechadas, tudo escuro, tropeçou em um monte de caixas que estavam na sala, porque a vovó estava escondida atrás das caixas lá no fundo da sala, dentro de um porão. Chapeuzinho continua a chamar pela vovó:

— Vovó, vovó, onde a senhora está?

E foi andando até que encontrou a vovó; ela disse:

— Vovó, o que a senhora está fazendo aí? — Ela responde:

— Fala baixo, Chapeuzinho, para de gritar, estou escondida para a polícia não me pegar.

— Vó, a senhora está ficando louca? Desse jeito a senhora vai chamar a atenção da polícia, a casa toda escura, e esse monte de caixas espalhadas na sala, e esse porão todo mofado, é perigoso a senhora passar mal, precisamos ficar calmas e tranquilas, vamos fingir que nada está acontecendo, vamos disfarçar e tentar passar batido, temos que esperar a melhor hora para fugirmos daqui.

— Então, minha neta, abra todas as cortinas, tire as caixas da sala e vamos sair desse porão.

De repente, vovó pega uma caixinha pequena, bem velha, e tira uns papéis e diz para Chapeuzinho:

— Olha, minha filha, aqui estão os documentos de sua tataravó, tenho um conhecido que pode falsificá-los para mim, aí poderei fugir, com outra identidade, e a polícia não vai me pegar.

— O quê? — disse Chapeuzinho, assustada, com os olhos arregalados — Vovó, a senhora é doida, se a polícia pegar a gente



com esses documentos falsos, vamos ser presas, e aí a nossa situação será pior.

Vovó disse a Chapeuzinho que o corpo do homem que ela havia matado ainda estava enterrado no jardim e que, se a polícia fosse lá, aí sim seria pior, ela queria fugir para Paris, antes que a polícia a prendesse.

Nesse momento, alguém bate na porta muito forte, Chapeuzinho vai correndo para olhar pela greta da porta e vê que é a polícia, vai correndo avisar vovó.

— Vovó, é a polícia!

Sua vó pergunta se é um homem loiro, alto e magro, Chapeuzinho responde que sim e pergunta por quê. A vovó, muito nervosa, responde:

— A hora é agora, eu dei toda minha herança para esse homem, ele vai me deixar fugir, vai me ajudar, pega esse dinheiro que sobrou, põe no bolso e guarda, porque é para nossa fuga.

De repente, ouviram um barulho muito forte, vindo lá de fora, parecia que tinham quebrado a porta, e, quando foram ver, realmente a porta estava quebrada, os policiais quebraram e entraram gritando:

— Perdeu, perdeu, a casa caiu, todo mundo deitado no chão.

Pegaram Chapeuzinho e vovó, algemaram as duas, colocaram na viatura e levaram as duas em direção à delegacia, porém, como a vovó tinha combinado com o policial para ajudá-la a fugir, eles abandonaram as duas em um bairro bem distante e deserto, para ninguém ver, era perto do aeroporto, porque vovó já tinha esquematizado tudo, já estava tudo pronto, elas foram para o aeroporto, embarcaram para Paris.

Passaram-se 10 anos que as duas tinham fugido para Paris, resolveram voltar ao Brasil, pois acharam que tudo estava es-

quecido, que ninguém se lembrava mais do que havia acontecido, mas não foi bem assim.

Quando elas desembarcaram no aeroporto, lá estava aquele policial, loiro, alto, magro, com a cara fechada, esperando por elas. De repente, ele diz:

— Oi, vovó, como vai a senhora, quanto tempo, hein, que bom reencontrá-la, vamos dar um passeio?

Então o policial as levou para a delegacia, e passaram uma longa temporada presas.

Passaram-se 15 anos, e elas saíram da prisão, conseguiram um benefício. Na prisão, elas fizeram um curso de contadoras de história com a ilustre professora Rosana e depois foram até a Apac Feminina de BH, para contarem sua história.

E foi assim que terminou a história, elas ganharam a liberdade, não cometeram mais crimes, vovó melhorou a saúde e se transformaram em grandes contadoras de histórias.



À procura da felicidade

Letícia Cristina Costa

Era uma vez, em uma cidade chamada Pirapora, havia uma garota chamada Sônia. Morava com seus pais e suas quatro irmãs. Morava em uma casa simples, ali era sua alegria, gostava de brincar de pique-esconde com as suas coleguinhas...

Seu pai era pescador e toda noite gostava de contar histórias para suas filhas. Sua mãe era feirante e Sônia adorava ajudá-la.

O tempo passou. Sônia, aos 18 anos, se apaixonou, pela primeira vez, por um garoto chamado Wesley. Eram felizes, fizeram vários planos, e sua felicidade incomodava os demais.

Um belo dia, na manhã ensolarada, o seu amado levantou, lhe deu um beijo e lhe disse: “Amor, vou ali comprar umas balas e já volto.” Passou o dia, e nada de voltar. Sônia começou a se preocupar, pois Wesley não ficava tanto tempo longe de casa. O desespero tomou conta da sua mente.

Passou uma semana, Sônia já não aguentava mais de preocupação e desespero. Numa manhã, Sônia não aguentava mais aquela angústia, o aperto no peito. De repente, chegou o seu primo que era pescador e lhe disse: “Sônia, encontramos um corpo do outro lado do rio. Vamos lá ver?” Ela falou: “Vamos.” Chegando lá, Sônia deu de cara com um corpo, mas o triste é que eram só ossos. Ela tomou um susto. Não acreditava que poderia ser o seu amado. Chamou a polícia. Alguns dias depois, saiu o resultado: era o seu amor.

O desespero tomou conta. A pobre Sônia começou a entrar em depressão. Mataram o seu amor e junto os seus sonhos. Aquela simples garota queria apenas ser feliz.

Para surpresa da Sônia, daquele amor havia nascido um fruto. Mas sua alegria durou pouco. Sônia teve um aborto, foi o fim de tudo.

O tempo foi passando. Ela foi se recuperando e, quando voltou, já não era aquela garota que queria apenas ser feliz. Daquela tragédia se criou uma pessoa que ninguém conhecia. Ela não tinha dor e não acreditava em mais ninguém. Sônia começou a alimentar a sua vingança. Ela queria que todos pagassem pelo que fizeram. E assim aconteceu. Passaram anos e ela até hoje chora, sentindo a falta de seu amado. Só ficaram as suas lembranças.

Sônia começou a se reerguer. Mas sua vida nunca mais foi da mesma maneira. Ela até hoje pergunta a Deus o porquê, mas Deus faz outros planos, diferentes dos planos da gente. Não bastava a perda do seu amado. Depois de três anos, seu pai morreu em seus braços. O mundo acabou.

O que fez ela tornar a viver foi a chegada de seu sobrinho. Luiz Henrique trouxe o seu sorriso novamente.

Um belo dia... quando se fala “um belo dia” é quando algo vai acontecer. E aconteceu: o seu primo, bêbado, resolveu bater em sua irmã e no seu sobrinho. Aí ela virou uma fera, defendeu com unhas e dentes. Tanto que aconteceu uma tragédia.

Hoje aquela garota se encontra há cinco anos longe de quem ama. Veio parar na Apac, com os pensamentos de mudança. Ela pede a Deus que venha mudar de vida. Hoje o que mais dói é quando ela liga, e seu sobrinho pede que ela volte logo, pois diz que a ama muito. O que ela mais deseja é ser feliz algum dia.

Essa é uma história real da vida de Dayane.



A menina das tranças

Lidiane Silva

A menina das tranças...

Nascida em uma cidadezinha histórica, mais conhecida como Ouro Preto, lá morava uma menina muito sapeca chamada Sophia...

Que encantava todos que viviam ao seu redor, amava ganhar presentes de sua linda mãezinha, Dona Filó. Seus irmãos, Bruno, Maria Eduarda e Maria Alice, que era a mais velha, ficavam bravos por tamanha atenção que a mãe dava para aquela menina tão levada...

Na verdade, não entendiam o porquê da preferência da mãe, pois eles faziam de tudo para agradar sua mãezinha, e, muitas das vezes, ela nem os notava.

E com Sophia era tudo diferente, bastava um simples suspiro daquela menina, e sua mãe já estava lá, toda cheia de preocupação...

Se a menina desse um simples pulinho, a mãezinha já estava lá se desmanchando de tanta alegria.

Desde muito nova, Sophia aprendeu a orar com sua mãezinha, a agradecer pelo pão de cada dia e, sempre que precisar, procurar auxílio em Deus.

A menina sonhava em ser professora e, como sua casa tinha muitos passarinhos e plantas, vivia no jardim conversando com as plantinhas de sua mãe. Também gostava de cantar para os passarinhos, que ficavam eufóricos quando ouviam a voz da pequena Sophia, parecia que eles estavam em sintonia com ela.

Depois de cantar bastante, corria em direção à sua casa e, ao chegar, sentia aquele cheiro maravilhoso de seu bolo predileto, ou melhor, broa de fubá, que era feito com muito amor e carinho por Dona Filó.

Após encher sua barriguinha, tomou um bom banho, vestiu uma roupa limpinha, com cheirinho de amaciante, e lá se foi Sophia brincar com seu irmão Bruno de pique-esconde, a brincadeira que eles mais gostavam...

E ali ela entrava em uma rua e saía na outra e assim passava o resto do dia com seu irmão.

Moravam em uma casa muito simples e pequena, e, com o passar do tempo, as crianças foram crescendo, e a mãe viu que precisava de uma casa maior, e assim ela fez...

Mudou-se com seus filhos para uma casa maior, com dois quartos, sala, cozinha, copa e dois banheiros...

Todos eles gostaram da mudança de casa, mas a menina Sophia foi a que mais gostou, pois agora eram dois quartos, um para seus irmãos e o outro só para ela e sua amada mãezinha.

E por lá viveram por alguns anos. A menina se destacava entre seus irmãos, era bem esperta e muito inteligente. Na escola, era querida por todos, em especial sua professora de matemática, que tinha uma paciência enorme para ensinar seus alunos.

Em sua adolescência, conheceu novos amigos, mudou seu visual radicalmente, coisa de todo adolescente, mudou seu modo



de se vestir e mudou seu cabelo... Colocou tranças longas e lindas, e, por esse novo estilo, passou a ser conhecida como a menina das tranças...

Acabou se encantando por um farmacêutico que trabalhava próximo de sua casa, acreditando que aquele homem seria o seu primeiro amor.

Não teve coragem de compartilhar com ele seus sentimentos, era inexperiente e sentiu medo de receber um não e, por esse motivo, simplesmente o amou sozinha e com ela guardou esse sentimento a sete chaves...

A menina foi crescendo, viveu algumas experiências, paquerou alguns meninos e acabou namorando um carinha muito legal, chamado Thiago, do qual engravidou de seu filho. Viveram uma linda história de amor, mas, devido ao ciúme doentio de Thiago, Sophia o largou.

Como tinha sua mãe, que a paparicava muito, sabia que não iria ficar desamparada naquele momento de sua vida, e assim se fez. Sua mãe fez questão de comprar todo o enxoval do bebê e se dispôs a ajudá-la em tudo o que ela precisasse.

Quando Sophia estava com três meses de gestação, a menina foi presa; infelizmente estava no lugar errado e na hora errada, ficou desesperada, pois não tinha cometido nenhum crime para ser tratada daquela maneira. Conversou com os policiais e perdeu uma única oportunidade, mas eles a ignoraram, e, ali na casa de sua nova amiga, Sophia só pensava em sua mãezinha e como seria sua vida na prisão, estando grávida.

Foi encaminhada para um presídio direcionado a gestantes e lá ela permaneceu por um bom tempo, fez várias amizades, conheceu muita gente bacana e assim conquistou seu espaço.

Sua mãezinha, Dona Filó, não faltava a uma visita sequer; em todas lá estava ela, cheia de sacolas, com frutas, bolachas e tudo mais.

Sophia se alegrava bastante com as visitas de sua mãe, pois, além de matar a saudade, se sentia bem em ver que não estava sozinha em meio à sua caminhada. Só ficava triste com o término da visita, mas entendia que aquele era o procedimento do presídio.

Com nove meses de gestação, nasce o menino Breno, um menino lindo e cheio de saúde.

Sophia estava deslumbrada com a chegada de seu amado filho ao mundo.

Lá estava ela ansiosa à espera de sua mãezinha. No dia da visita, escondeu seu filho Breno dentro de um bebê-conforto embaixo de uma mesa, e já vinha sua mãezinha toda toda, na expectativa de conhecer seu precioso netinho.

Chegou a se emocionar quando o viu pela primeira vez; quando o pegou em seu colo, se desmanchou em lágrimas de alegria. Aquele lindo menino abriu seus olhos e não teve jeito, foi amor à primeira vista.

Sophia permaneceu naquela unidade prisional até que seu filho completasse um ano de vida. Seu medo era muito grande, pois era regra da unidade entregar os filhos para algum responsável quando completavam um ano de vida, e nenhuma mãe gostaria de se separar de seu filho.

Para surpresa dela, Deus tinha algo maravilhoso reservado para ela. Naquele mesmo dia que ele completou um ano de vida, o alvará de Sophia cantou, e ela pôde ir com seu filho de volta para sua casa.

E, naquele dia, foi uma alegria muito grande; era só através de um milagre a mãe conseguir ir embora junto ao seu filho, e



o milagre dela foi um presente de Deus, para mostrar para ela que o cair é do homem, mas o levantar é de Deus...

Chegou a menina Sophia em casa com seu pequeno Breno nos braços, sua mãe e seus irmãos os acolheram, e, naquele momento, ela se sentiu a mulher mais feliz do mundo...

Voltou a viver sua vida com paz e tranquilidade, só acompanhando o crescimento daquele lindo bebezinho, que puxou a esperteza da mãe.

Foi se passando o tempo, e, mais uma vez, o destino lhe pregou uma peça. A policial invadiu a casa de Sophia, dessa vez, com mandado em seu nome. Sophia não entendeu nada, pois estava de boa, vivendo uma vida digna ao lado de sua família.

O menino foi crescendo e se tornou um garotinho muito esperto, que, assim como sua mãe, encantava todos que viviam ao seu redor, um menino alegre, cheio de vida, saudável, esperto e bem faladeiro.

Era bastante curioso e vivia perguntando quem era seu pai, mas sua mãe vivia enrolando, pois ela não queria aproximação com o pai dele. Mas o menino era bem insistente e, sempre que podia, perguntava quem era seu pai.

E depois de tanta insistência, a mãe resolveu dizer quem era o seu pai e contou como se conheceram e por que se afastou dele.

O menino ficou muito feliz e pediu sua mãe para que apresentasse a ele seu pai, e assim ela fez.

Apresentou ele a seu pai, Thiago, e o menino se encantou com aquele homem. E os encontros deles foram todas as semanas, e Sophia virou grande amiga de Thiago, para que seu filho tivesse um bom convívio.

E, mais uma vez, aquela menina mulher foi injustiçada, teve que voltar para o presídio e, dessa vez, sem o seu filho Breno. Se desmanchando em lágrimas, deixou seu filho sob os cuidados de sua mãe.

Sophia vivia com o coração muito apertado de saudades de seu filho e, todas as noites, pedia muito a Deus que a tirasse daquele cativeiro.

Passados um ano e sete meses que Sophia estava privada de sua liberdade, teve direito a um benefício, serviço externo, e lá se foi ela toda feliz ao encontro com sua família novamente. Encontrou seu filho lindo e cheio de saúde como sempre. Já sua mãezinha, Dona Filó, estava com sua saúde bem fragilizada, e aquilo abalou totalmente Sophia, que tinha muito medo de perder sua mãezinha.

E esse medo tomou conta dela, e decidiu não voltar para o presídio, e ficou foragida para cuidar de sua mãe e de seu pequeno Breno.

E não fugiu para lugar algum, pois sua intenção era apenas cuidar de sua mãe.

Passados um ano e dois meses, Sophia foi recapturada e, mais uma vez, voltou para o sistema prisional.

Para sua maior tristeza, com 11 dias que se encontrava presa novamente, teve a pior notícia de sua vida, sua mãezinha, Dona Filó, faleceu. O desespero era fora do normal; além da dor da perda, a preocupação era grande porque não sabia como iria ficar seu filho, quem cuidaria dele.

Suas irmãs ficaram com a responsabilidade de cuidar do pequeno Breno, e assim Sophia ficou um pouco aliviada. Não pôde se despedir de sua linda mãezinha, pois o pessoal do presídio não a levou para o enterro...



Hoje, passados três anos que Sophia ainda se encontra privada de sua liberdade, todos esses anos longe de casa, a menina Sophia sofreu muito, mas já superou a perda de sua mãezinha, pois sabe que a missão dela aqui na terra foi cumprida, e está descansando em paz. De longe, ela vê seus filhos e netos crescerem e se orgulha muito da família que Deus lhe deu de presente...

A menina Sophia cresceu e, como todos os seres humanos, teve seus altos e baixos, trabalha muito em busca de conquistar sua liberdade novamente, para que possa criar seu lindo filho.

Sonha em montar uma lojinha para vender seus produtos de amigurumi, que aprendeu a fazer em uma Associação chamada Apac de BH. Quer ensinar seu filho também o ofício, pois tomou gosto pela arte dos lindos bichinhos.

Dizem que, mesmo depois de todo o sofrimento que a vida lhe sujeitou, Sophia continua sendo aquela menina encantadora, que contagia todos que têm o privilégio de a conhecer.

Pois descobriu que o cair é do homem, mas o levantar é de Deus.

Essa é uma história real de: Jessica Gomes.

A linda menina das “Traças”.



História do passado que se vê no presente

Maria Antônia Lopes Pinto

Era uma vez uma menina que nasceu na cidade de Belo Horizonte em 21/08/1999. Seu pai se chamava Alexandre, e sua mãe, Luciana. Tem 12 irmãos por parte de pai, todos muito lindos, e, por parte de mãe, dois irmãos maravilhosos. Sua bela infância foi repleta de amor e carinho. Sempre mimada por todos da família, pois todos eram bem presentes. Teve contato com vários animais (papagaio, gato, tartaruga, cachorro, coelho, até mesmo hamster). Mas aqueles pelos quais ela era mais apaixonada eram seu gatinho Lucas e seu papagaio Fred.

Sempre gostou de brincar de boneca, *Barbie*, escolinha, de viajar para a praia, de passear no *shopping* e ir ao cinema. Sempre ia à escola e quando voltava se reunia com sua amiga todos os dias, para fazer piquenique e brincar. O seu quarto era rosa e todo enfeitado com bonecas e ursos para todo lado, inclusive seu ursão gigante e seu superbaú, em que guardava suas bagunças. O seu cobertor era rosa, fofo e superpeludo, era rosa da Minnie.

O barulho que mais escutava era o de seu papagaio a chamando e seus gatinhos miando, também escutava muito Xuxa e Patati Patatá, as vozes sempre doces e suaves sempre dando-lhe todo apoio. Sua casa era grande e confortável, a paisagem que se lembra é do jardim cheio de rosas, onde passava boa parte do dia brincando, sentia o cheiro de doces o dia inteiro.



Por ser muito mimada, comia várias guloseimas; o sabor que essa menina lembra é brigadeiro, muito sorvete e suco de maracujá, além dos rodízios de pizza, peixe e batatinha frita.

Nunca se machucou, já que não gostava de brincadeiras brutas. Seu sonho de adolescente era poder se formar e, assim, realizar faculdade de veterinária, podendo ajudar todos os animais de rua.

Sempre foi muito elogiada por todos, já que era uma menina muito estudiosa.

Com o passar do tempo, essa menina se tornou moça, realizou diversos cursos, alguns não concluídos, outros sim, como inglês e espanhol. Ao terminá-los, iniciou o curso de tosa de animais, porém, ao se envolver com más influências, por curiosidade, se envolveu com coisas erradas, deixando tudo de lado, até que terminou em uma prisão, que foi a pior coisa que aconteceu.

Mas, ao chegar à Apac, descobriu que ninguém é irrecuperável e tem novos planos para o futuro, sendo eles: se formar como psicanalista, adotar um filho, cuidar de sua família e recomeçar não como recuperanda e, sim, como voluntária.

Foi assim que aconteceu esta linda história.



Uma fada sonhadora...

Maria das Graças de Souza

Era uma vez uma fada que se chamava Maria, ela era uma fortaleza e muito invejada, pois tinha um brilho radiante, teve uma infância maravilhosa. Morava em uma linda e grande casa com um grande e lindo jardim com plantas de todos os tipos.

Ela gostava mesmo é da casa da vovó, onde tinha um fogão a lenha, era uma delícia, tinha cuscuz e leite quentinho. Hum...

Adorava a comida da vovó e o que mais gostava era de charutos.

Tinha também muitos álbuns de fotos que retratavam momentos inesquecíveis, e, na nossa sala, tinha uma vitrola, e ouvia muitas músicas, a mãe tocava piano e a vovó violino, e ouvia disco de vinil.

Na sala de jantar, tinha um lindo oratório com todos os santos, e acendíamos velas todos os dias. Nossa, que delícia, cheiro de casa limpa, palavras carinhosas, muitos beijos e abraços de minha mãe. Mas, quando eu aprontava, me chamava atenção e me mostrava todos os lados da vida, bons e ruins.

Não me esqueço do meu primeiro beijo. Foi mágico. Um homem mais velho que eu, que era irmão do padre de uma cidadezinha do interior, onde minha mãe fazia Semana Santa.

Assistia a muitos desenhos, foi uma época muito boa e de alegria, principalmente, quando ganhei uma bicicleta, ela tinha



até cestinho. Ganhei, também, uma boneca Barbie. Tive uma grande alegria quando nasceram meus sobrinhos.

Antes de me casar, era muito festeira, morava em Juiz de Fora, onde fiz faculdade de Letras. Demorei muito a casar porque eu queria investir, mas quando me casei, vestida de noiva e com tudo que tinha direito, parecia um sonho de princesa.

Tive também tristezas, nem tudo foram flores, minha maior tristeza foi quando perdi minha amada mãezinha. Que saudades!

Sou sonhadora! Não desisto nunca! Meu maior sonho é ser mãe, não é só sonho, é um projeto a conquistar, e, digo, sempre sonhar e imaginar pra um dia conquistar.

(Baseado em fatos reais da vida de Maria Tereza).



Estrela Mariazinha

Maria Tereza Pereira e Mucci

Era uma vez uma estrela que lá no céu brilhava diferente das outras, porque seu brilho irradiava. Com seu jeito tímido, mas forte como uma guerreira e bastante divertida, ela encantava a todos lá no céu.

Sua mãe era a grande estrela, que cuidou de seus 10 irmãos numa casa bem simples lá no interior do Ceará, na cidade de Salgueiro. A estrela Mariazinha brincava de cozinhar e lavava roupa no açude. Sem energia elétrica, tinha uma lamparina e tinha também um fogão a lenha, em que minha mãe fazia um delicioso frango com quiabo, broa e aquele doce de goiabada cascão.

Tínhamos uma convivência harmoniosa, um jardim com muitas plantas e brincávamos de roda, pique-esconde, cozinhando, era felicíssima.

Sentávamos na sala à noite com toda a família para ouvir música no rádio de meu pai, e minha mãe nos acariciava.

Depois de certo tempo, fomos tomando um rumo na vida. Cada filho foi se separando dos meus pais e iniciando uma nova vida.

Fui morar sozinha aos 14 anos para trabalhar e ajudar nas despesas da casa. O tempo foi passando, e, aos 15 anos, conheci o meu primeiro amor. Era uma adolescente sonhadora, acreditava em príncipe encantado e sempre muito alegre.



Minha grande alegria foi quando ganhei meus filhos, uma menina e um casal de gêmeos. Criei todos com enorme amor e carinho; mas, com o tempo, veio uma tragédia que me devassou, o meu filho foi assassinado, uma tristeza e uma dor que me sufocam até hoje.

O meu grande projeto para o futuro é sair de onde me encontro, ter minha vida de volta, digna e simples; terminar de criar meus filhos e ser avó.

Vou sempre dizer que Deus é que nos ajuda a superar as dificuldades.



O código de uma liberdade¹

Naiara Monique dos Santos

Era uma vez...

Era uma vez, uma linda joaninha, que morava em um jardim muito distante. Ela morava no jardim com sua mãe e o seu irmãozinho. Ela era uma pequena e esperta joaninha, e o seu nome era Bela.

Bela adorava o cheiro de sua mãe e, quando sentia o cheiro de batata, sabia que sua mãe estava preparando o seu prato favorito, “batata recheada”. Bela passava o dia brincando, não parava um segundo. O jardim onde morava era muito grande e, às vezes, sua mãe ficava agoniada, com medo de Bela se machucar. Bela era uma bênção!

Em um belo dia, brincando e apostando corrida com seus coleguinhas, Bela caiu e se machucou, a sua bicicleta perdeu o freio. A mãe, preocupada, correu com ela para o médico; o doutor receitou uns remédios para dor e pediu a mãe para deixar Bela de repouso, que assim ela melhoraria mais rápido. O mais difícil mesmo era deixar Bela de repouso.

¹ Os fatos citados aqui neste texto correspondem rigorosamente à realidade. Contadora de história: Naiara; Entrevistada: Shayene; Participação: Naiara, Shayene; Contribuição: Rosana, Valéria, Ernandes, Marília.



A sua mãe, Joana, sempre lhe deu muito amor, o pai também; o pai morava em um país muito distante, mas era um pai muito presente e preocupado com Bela. Bela amava dormir sentindo o cheiro de sua mãe. Joana sempre cantava para Bela dormir, mas, quando ia se retirar da cama de Bela, ela percebia que Bela estava a segurar na sua blusa, ela não dormia sem a mãe.

Bela adorava passear na casa de sua avó. Na casa de sua vizinha, tinha uma gatinha chamada Xaninha, e Bela vivia com o bichano no colo, e não podia, pois Bela era asmática e acabava passando mal.

Bela cresceu e, adolescente, não se apaixonou por ninguém no jardim e nem fora dele, na escola muito menos. Mas Bela tinha um amor e paixão maior, o seu pai, seu herói. Ela sonhava em morar com seu pai João, pois o seu irmão estava crescendo e, na sua cabeça, podia fazer companhia para sua mãe. Com o passar dos anos, dona Joana teve mais dois filhos. Bela queria cada vez mais ir morar com o seu pai e a nova família dele. O pai de Bela também tinha mais dois filhos, e assim Bela era rodeada de irmãos; Bela tem duas famílias.

Bela queria ser uma joana independente, com o passar dos anos, ela foi trabalhar no restaurante do seu pai. Um lugar muito movimentado, Bela foi conhecendo muita gente. Ela fez novas amizades, ela conheceu vários outros lugares que tinham jardins diferentes, onde rolavam festas; todos os tipos delas. Frequentando esses lugares, Bela acabou sendo presa, em um lugar muito escuro, feio e triste; o lugar era pesado para Bela, tinha pessoas de todos os tipos, que ela nem sonhava em conhecer. No começo, era difícil, mas, depois de fazer amizades, Bela foi guardando a saudade dentro de si e tentando fazer o tempo passar mais rápido: brincava, dançava. Depois de 10 meses, Bela foi solta, saiu a voar ao encontro de sua mãe, que não aguentava de tanta alegria. Sua família comemorou tamanha felicidade.

Bela, porém, não largou aquelas amizades fora do jardim e acabou voltando para a prisão. Dessa vez, irá demorar um pouco mais para ir embora. Ela ora e pede que seus pedidos sejam ouvidos para voltar para o aconchego do seu lar.

Bela quer ser uma joaninha melhor, ela pretende ir morar com o pai e assim refazer sua vida em outro jardim, fora desse país. Bela trabalha para remir sua pena e agarra todas as oportunidades que tem pela frente. Com dois anos presa, Bela está na Apac de BH, sabe que sua prisão desestruturou sua família e agora luta com muita fé para obter sua liberdade.

Bela diz que seu maior sonho é sua liberdade, às vezes, acha que está difícil de alcançar, mas sabe que, para cá, não deve nunca mais voltar, e, quando esse dia chegar, Bela irá embora morar com o pai, pois lá sim vai ser seu novo lar.

Sua maior alegria é ver seu alvará cantar. Não quer ficar privada da liberdade, quer pôr um fim nessa imensa infelicidade.



A fatalidade¹

Neide Aparecida do Nascimento Silva

Era uma vez, uma pequena aldeia, onde Néia morou toda sua infância e adolescência.

Néia foi muito amada pelos seus pais, principalmente por sua mãe!

Sua brincadeira preferida era brincar de carrinho de rolimã e soltar pipas.

Na aldeia, havia um campo onde as crianças se reuniam para soltar pipas, e lá estava Néia, com sua pipa empinada, quando, de repente... ela sente o cheiro do milho com banana da terra que sua mãe estava fazendo. Então, apressada, enrolou a linha da pipa e montou no seu burrinho Genário e foi galopando para casa, pocotó, pocotó, pocotó. No meio do caminho, seu burrinho Genário empacou debaixo de um enorme coqueiro, Néia cutucava o burro e nada de ele sair do lugar.

Ela ficou irritada e disse ao burro: “Vou andando mesmo, não é a primeira vez que você empaca e me deixa na mão!” Quanto mais Néia andava, mais o burro relinchava “in-on”. Ela ficou preocupada com o burro Genário, por ter um forte carinho por seu animal de estimação, ela voltou e perguntou ao burro acariciando-lhe as orelhas: “O que está acontecendo com você, Genário? Você está querendo alguma coisa?” Ele relinchou afirmativamente e olhou para cima, onde estavam os cocos.

¹ História baseada em fatos reais da vida de Claudinéia Silva.

Néia ficou nervosa e disse: “Não acredito, Genário, seu burro, você está querendo água de coco uma hora dessa?” Ele relinchou afirmativamente, “in”.

Ela subiu no coqueiro, pegou o coco, abriu sua mochila e tirou dois canudos. Seu burro ficou feliz, mas ela disse: “Só te darei o coco se você galopar sem parar para eu chegar em casa a tempo de comer as bananas da terra ainda quentinhas que mamãe está fazendo.”

O burrinho Genário concordou, então Néia colocou o canudo em sua boca, “isliu, isliu”, ele tomou a água do coco, Néia montou nele e foram; chegaram a tempo das bananas da terra quentinhas.

No fim daquela tarde, Néia resolveu ir ao lago onde costumava encontrar seu namorado Edson, que foram crescendo, se tornando adultos, e o amor crescia junto.

Porém, uma cilada da vida separou esse belo casal, que tanto se amava! Eles tiveram que mudar às pressas da aldeia, pois houve um temporal que destruiu tudo por lá, e cada um seguiu um novo rumo na vida, com suas respectivas famílias.

No decorrer dos anos, Edson se envolveu com outra moça, a filha do prefeito da cidade, já de casamento marcado. Um dia, Néia chega a passeio naquela cidade, e Edson a vê. Meu Deus, foi só emoção! O coração de ambos disparou, a barriga gelou e deu aquele frio na espinha! Néia ficou rubra de tanta emoção naquele reencontro. Edson, que a amava, lhe contou que estava noivo da filha do prefeito da cidade, Néia pôs-se a chorar, pois acreditava na fidelidade daquele amor. Mas, para surpresa de Néia, ele terminou o noivado e a procurou, reatando o amor que nasceu na adolescência.

Porém a família da moça não aceitou o término do noivado! Principalmente o irmão mais velho da ex-noiva.



Um belo dia, seu ex-cunhado se aproximou; sorrindo, disse: “Edson, quanto tempo não nos vemos! Desde que você terminou o noivado com minha irmã, você nunca mais me procurou para um bate-papo, afinal foi o fim do noivado, não de nossa amizade!” — disse o ex-cunhado. “Venha cá, Edson, em nome dos velhos tempos, dê-me um abraço!”

Edson, com seu coração puro, abraçou o ex-cunhado, que enfiou em seu peito uma faca envenenada com estricnina.

A faca mal entrou em seu peito, e o veneno se espalhou, rapidamente, até seu jovem coração.

Ali o mundo de Néia acabou, seus sonhos morreram ali, junto com seu amado.

Anos depois, Néia voltou à aldeia onde passou boa parte de sua vida com Edson, ali se banhou em lágrimas novamente pelas lembranças.

Alguns meses depois que Néia retornou à aldeia, ela foi à beira de um rio que tinha ali pelas redondezas, quando lá chegou, ela viu um pescador fazendo seu rotineiro trabalho de pesca. Houve uma troca de olhar chocante entre os dois, e ela foi indo outras vezes, até que se conheceram melhor, e ela se permitiu ser amada novamente.

Esse pescador, por nome Manuel, tornou-se seu marido, e estão casados até hoje.

Néia, privada de sua liberdade, projeta ter com Manuel uma peixaria, pois este pescou seu coração para toda a Eternidade!

A menina Aninha

Rafaela Gomes da Silva

Era uma vez em um reino bem distante daqui, contam que nesse reino, há 21 anos, teve uma grande comemoração no nascimento de uma menina, e é essa história que eu vou contar. É uma história real. É a história de Ana Luísa, que nasceu em uma vila bem distante daqui, e, no dia do seu nascimento, houve muita festa, alegria, todos sorridentes e muito felizes, afinal era uma grande comemoração, porque havia nascido a filha de uma mulher muito guerreira e trabalhadora e que era amada por todos. Assim, nasceu a pequena Ana Luísa, que trouxe luz àquela manhã, e, naquele dia, o céu estava radiante.

A chegada de Ana foi uma imensa alegria para sua mãe, era o que sua mãe mais sonhava, ter sua garota em seus braços. A menina Ana, como era chamada, Aninha, seu apelido carinhoso, adorava a companhia de suas tias, que estavam sempre fazendo suas vontades. Aninha amava quando a levavam pra roça, pois ela se divertia na terra e amava andar a cavalo, sempre fazia aquela carinha de menina sapequinha, pedindo suas tias balas, e suas tias sempre realizavam seus pedidos com todo amor e carinho, pois Ana tinha um jeito mágico de convencer suas tias.

Ana morava com sua mãe, tia Kelly, seu marido e seu priminho que amava muito. Ana Luísa foi crescendo e ficando muito triste, pois não conhecia o seu pai e sentia muita falta de sua presença. A casa de Aninha foi construída pela sua avó materna, e sua casa era bem antiga, mas muito aconchegante, tinha três



quartos, mas Aninha não dormia sozinha nem a pau, amava dormir bem quentinha com sua mamãe; mas Aninha também tinha um outro quarto que amava ficar, o quarto da tia Kelly, pois tinha uma televisão que Aninha sempre passava grande parte de seu tempo vendo seus desenhos preferidos.

Aninha era danada, amava espalhar sua alegria pela casa, só que quando Aninha encontrava suas bonecas, ficava ali brincando de casinha com sua amiga, que morava perto de sua casa, ela se chama Kemilly. Aninha gostava muito de sua amiga, pois era muito legal brincar com Kemilly, ela era muito divertida, e suas brincadeiras sempre eram muito boas na companhia de sua amiga.

A casa de Aninha tinha muita alegria, e, sempre quando estavam todos reunidos, os seus passarinhos faziam uma bela apresentação, e Aninha corria para ouvir a cantoria maravilhosa de seus belga e canário. Aninha também nunca se esquece daquele cheiro de lasanha que sua mãe sempre fazia para ela, é a sua comida favorita.

O tempo passou tão rápido, e amanheceu com cheirinho de café. Hum...

O café que sua tia Leia fazia com amor e carinho, chamando Aninha para tomar com ela.

Aos 18 anos, Ana Luísa teve que encarar a universidade, ela já estava preparada para essa nova etapa, pois aquela tristeza que lhe pegava às vezes na sua infância acabou, reencontrou com seu pai e finalmente pôde ter aquela alegria completa, pois seu pai era muito importante para Aninha. Nesse reino em que Aninha vivia, tinha até faculdade, e era o sonho de seus pais vê-la formada.

Ana era um orgulho para toda sua família, entrou na faculdade, já havia conhecido o seu grande amor, que era uma menina que se chamava Mariana, mas Mariana nunca soube, mas Ana

sentia que amava muito ela. Quando Ana completou seus 20 anos, teve uma notícia, que até hoje ela não conseguiu superar, a notícia da morte de seu pai. Mas sabe lidar com esse acontecimento, pois Aninha lembra dos pequenos momentos que pôde estar junto com ele e Aninha sabe que seu pai viveu uma vida muito sofrida e está descansando agora.

Aninha é menina muito sonhadora, ela tem vários planos de viajar com sua mãe para vários países, e seu grande sonho é se formar em psicologia e também quer ser professora de história.

Esta história contada é a história de Ana Luísa, que carregou muitas dores, mas por onde passou semeou muitas flores. Ana Luísa falava que o mundo é muito cruel, que nunca sabia o que era de verdade ou de mentira, mas que, mesmo sendo desse jeito, ela levava sua vida com muita felicidade. Aninha também era uma menina de muita fé e sempre falava que Deus é justo o tempo todo e que até sabia o que tinha em nosso coração, até quando doía de saudade, mas ela falava que, com muita fé em Deus, a gente poderia ter nossa liberdade.

Eu não termino esta história, mas te contei tudo com muito amor e carinho, o que a pequena Aninha viveu, pois Ana Luísa é menina que merece ser lembrada e todas nossas histórias, e Aninha ainda tem muito para nos ensinar e muito para viver e também para nos contar. Mas termino esta história bem aqui no alto do Vidigal, olhando aquele mar infinito com a luz do céu que chega a tocar naquele mar, que me faz lembrar de Ana Luísa, com sua luz e sua alegria e muita saúde para viver mais e mais...

Ouvindo o “Bonde do Tigrão”, aqui do alto, vejo Aninha dançar.



Faniquita, a formiga apaixonada, e seus dois formigos

Esta é a história de Lucimar, reescrita por Ricieide, no tempo de Era uma vez

Ricieide Francine

Faniquita era Lucimar.

Rômulo era Jeová (Seu primeiro marido).

Benjamim era Arthur (O primeiro filho).

Tadeu era seu segundo e atual marido.

Bela era Kataryna (Sua segunda filha).

É uma história baseada em fatos reais.

Era uma vez...

Há 46 anos, em uma cidadezinha bem pequenininha chamada Ibirité, pelas bandas das Minas Gerais, existia um formigueiro, e lá nasceu Faniquita, uma linda formiguinha loira dos olhos verdes, ela era uma belezazinha.

Alberto e Maria, pais de Faniquita, tiveram 10 formiguinhas, oito eram meninas e dois meninos. Duas meninas faleceram ainda bebezinhas, por falta de recursos.

No formigueiro onde viviam, era tudo muito simples, pois era uma família humilde, só tinha dois cômodos, não tinham cama, dormiam no chão em esteiras feitas de capim. Brinquedos? Só quando eles mesmos faziam. Um dia, conseguiram fazer um boneco de retalho com o rosto de madeira e colocaram o nome de Pinóquio, fizeram também um carrinho de guia com resto de madeira que encontraram nas ruas ao redor do formigueiro, era uma festa, só dava as formiguinhas de um lado para o outro se divertindo, uhuuuuu, eba, que delícia, vamos irmãos, vamos brincar, dizia Faniquita toda empolgada. Faniquita também tinha uma outra diversão, brincar no córrego que passava em frente ao formigueiro, para as formiguinhas era a melhor coisa. Elas ainda aproveitavam para tirar areia do fundo do córrego para vender e assim ajudar os pais a comprarem alimento.

Dona Maria, que era uma mãe muito dedicada à família, fazia de tudo para alimentar os filhos, quando cozinhava, fazia a comida preferida das formiguinhas, folha de batata doce refogada, ora-pro-nóbis e fubá suado doce, porque algumas das formigas eram doceiras, adoravam comer coisas doces. Na maioria das vezes, era só isso que tinham para comer, quando dona Maria conseguia algumas outras folhas, aí fazia bolo de folha de castanheira, arroz com folha de ameixa, pudim de folha de goiaba e muitas outras guloseimas, era folha de tudo, para todo lado. Até os dias de hoje, quando Faniquita se lembra da comida da mamãe, a boca enche de água, parece até que sente o cheirinho gostoso da comida. E assim a família de formigas foi vivendo a vida, com simplicidade, humildade e muito amor e carinho.

Passaram-se 13 anos, Faniquita já era uma adolescente, mas ainda se sentia como uma criança. Estudava em uma escola próxima de onde morava, lá fez muitas amizades, ela adorava



conversar com as amigas na hora do recreio, todos os dias ficavam sentadas no mesmo lugar, até que um dia...

Rômulo, um formigo alto, bonito, cheio de charme, apareceu no meio das formiguinhas que estavam conversando e disse:

— Olá, queridas formigas, posso participar da conversa? — olhando somente para Faniquita.

Elas disseram:

— Depende, se a conversa for com todas, por que você está olhando só para Faniquita?

É que Rômulo estava interessado em Faniquita, disse que, quando a viu, se encantou, disse que foi amor à primeira vista, parece que Rômulo ficou encantado com os olhos verdes de Faniquita, porque chamavam muita atenção. A partir desse dia, ele não deixou Faniquita em paz, todos os dias na escola queria conversar e estar ao lado dela, ele tinha 23 anos, era 10 anos mais velho que Faniquita. Rômulo queria de qualquer maneira namorar Faniquita, mas ela tinha muito medo, porque seu pai era muito bravo, e ela tinha apenas 13 anos. Foi passando o tempo e eles ficaram paquerando, quando Faniquita completou 16 anos, deu seu primeiro beijo, com muito medo, pois pensava que se beijasse poderia engravidar, coitada, tão inocente...

Depois que deu o primeiro beijo, ah, virou uma tremenda beijoqueira, aquela formiguinha tímida e medrosa virou uma formiguinha beijoqueira. Ficou namorando escondido com Rômulo, porque seu pai não aceitaria jamais, ela ainda era muito novinha, seu Alberto queria que ela estudasse e fosse alguém na vida, ela tinha o sonho de ser professora, até que... um belo dia...

O que não podia aconteceu, seu Alberto teve notícias que sua filha Faniquita estava namorando às escondidas com Rômu-

lo, ele ficou muito bravo, e sabe quem contou a fofoca? Dona Judit, uma vizinha muito da fofoqueira, ficava “odintirim” que Deus deu na porta de seu formigueiro, tomando conta da vida de todas as formigas. Seu Alberto, muito bravo, esperou Faniquita chegar em casa, e, quando ela chegou, lá estava ele, sentado na cadeira, de braços cruzados e com a cara fechada, logo a chamou:

— Faniquita, vem aqui, que história é essa que você está namorando às escondidas com o tal de Rômulo, aquele mau caráter e ainda tem idade para ser seu irmão mais velho, eu não vou aceitar! — Nem deixou Faniquita se explicar, foi logo dando nela uma surra de mangueira, plaft, plaft, plaft — isso é para você aprender.

Faniquita só chorava, ficou toda marcada, as perninhas ficaram todas roxas, de tanto que apanhou, coitadinha de Faniquita!

Mas Faniquita resolveu encarar a situação, pois estava muito apaixonada por Rômulo e decidiu passar por cima do pai e de todos, para viver com seu grande amor, então deu continuidade ao namoro, mesmo seu pai não aceitando.

Aos 19 anos, decidiu ir morar com Rômulo, para então viver sua vida. Foi para um outro formigueiro em um bairro próximo. Faniquita e Rômulo trabalhavam muito, aos poucos foram construindo a vida. No começo, a vida a dois era um mar de rosas, aliás de folhas, afinal eram formigas!

Como os dois trabalhavam muito, quase não tinham tempo para ficarem juntos, era mais aos finais de semana e à noite, quando chegavam do trabalho. Faniquita começou a desconfiar de Rômulo, pois estava com algumas atitudes bem estranhas, estava conseguindo as coisas com muita facilidade e teve uma conversa com Rômulo para saber o que estava acontecendo. Descobriu então que Rômulo tinha virado agiota, uma profissão muito perigosa, mas já era tarde demais, ele tinha se tornado famoso, atingiu um patamar muito alto, já dominava vários



formigueiros da redondeza, as formigas de quase todos os formigueiros onde Rômulo morava o respeitavam como o chefe da parada. Daí em diante, o que era um mar de folhas, virou um mar de areia, Faniquita viu seu casamento desabar como uma areia movediça. Rômulo então começou a trair Faniquita com outras formigas, batia nela, humilhava e xingava, e Faniquita sempre aceitava, pois o amava muito, até proibiu Faniquita de ir até o formigueiro da mãe para visitá-la, não a deixava fazer nada, para ela trabalhar era com hora marcada, hora de sair e de chegar, se demorasse um minuto, quando chegava em casa, apanhava. Faniquita começou a viver um verdadeiro inferno, mas não podia sair de casa, porque Rômulo ameaçava de matá-la, e ela o amava tanto, que suportou essa situação por um bom tempo, até que um belo dia...

Faniquita descobriu que estava grávida, ficou superfeliz, mas, ao mesmo tempo, com medo, pois pensava que Rômulo não aceitaria o filho. Então decidiu contar logo a novidade e pensou: dependendo da reação de Rômulo, vou sair de casa e criar meu filho sozinha, mas, para surpresa de Faniquita, quando ela contou para Rômulo, ele ficou muito feliz, deu pulos de alegria e disse que não via a hora do filho nascer.

Passaram-se os nove meses e então nasceu Benjamin, nome escolhido por Rômulo, era um formiguinho muito bonitinho, rostinho redondinho, era a cara do pai, encantador. Por algum tempo, Rômulo até que mudou, não estava mais maltratando Faniquita, estava sendo um ótimo pai, eles estavam vivendo momentos muito felizes, mas, como alegria de pobre dura pouco, não demorou muito, Rômulo voltou a ser mau outra vez, fazia tudo de ruim com Faniquita de novo.

Quando Benjamin completou quatro aninhos, Faniquita decidiu sair de casa, não queria mais aquele sofrimento, então pegou um pouco de roupa dela e de Benjamin e foi para o formigueiro de sua mãe. Rômulo não aceitou e foi atrás de Faniquita, ele queria pegar Benjamin de qualquer jeito, ficou perturbando

Faniquita, não a deixava em paz. Um dia, Rômulo foi até o formigueiro da mãe de Faniquita para conversar com ela, queria entrar em um acordo, disse que estava arrependido, que amava e queria viver em paz com a família, convidou ela para almoçar. Ela, com o coração mole e ainda cheia de amor, aceitou ir almoçar com Rômulo. Faniquita não sabia o que a esperava, quando ela se deu conta, estava entrando em um hospital psiquiátrico, Rômulo a internou, dizendo que ela estava louca, ela entrou em desespero, mas não tinha como fazer nada. Ele a deixou lá sozinha e foi correndo pegar Benjamin, que estava sob os cuidados da mãe de Faniquita, e o que Faniquita mais temia aconteceu, Rômulo pegou Benjamin. Faniquita entrou em desespero e ficou com depressão profunda, nem as folhinhas que ela tanto gostava de comer estava comendo, só pensava em Benjamin.

Faniquita passou longos meses no hospital. Quando saiu do hospital, tentou várias vezes ver o filho e pegá-lo novamente, mas Rômulo não deixava. Então, Faniquita, um dia, foi até o formigueiro onde Rômulo morava, tentar um acordo, quando ela chegou lá, Rômulo estava chegando de moto e parou para atender o telefone. Faniquita, muito transtornada e com muita raiva, foi se aproximando de Rômulo e percebeu que ele estava com uma arma na cintura, sem saber como, puxou a arma da cintura de Rômulo e logo disparou contra ele, pá, pá, pá, pá, pá, foram cinco tiros à queima roupa, Rômulo caiu no chão todo ensanguentado, ela ficou em estado de choque, não imaginava o que tinha feito, pois estava emocionalmente abalada, jogou a arma no chão e saiu desnorreada, pois achava que tinha matado seu grande amor. Foi parar em Belo Horizonte, lá encontrou com um amigo que a ajudou, não deixou que ela se entregasse à polícia sem antes falar com sua mãe e a ajuda de um advogado. Faniquita então seguiu seu conselho. Passaram alguns dias, teve notícia que Rômulo não havia morrido, mas ficou paraplégico devido aos tiros.



Depois de todo esse acontecido, Faniquita decidiu se mudar, foi para outra cidade no interior de Minas Gerais, chamada Itaguara, ficou lá por oito anos. Nesse tempo, aconteceu uma coisa muito boa, Faniquita fez várias amizades e ainda conheceu um outro formigo, que se chamava Tadeu, muito honesto e trabalhador, ele era caminhoneiro, fazia entrega de folhas que as formigas daquela cidade, em um condomínio de formigueiros, colhiam, era o trabalho das formigas por lá. Foi assim que a vida de Faniquita mudou, ela se casou com Tadeu e engravidou novamente, nasceu Bela, uma formiguinha linda e charmosa, meiga e doce, essa puxou a mãe quando criança, a família vivia muito feliz. Ah, não posso me esquecer, no decorrer desses anos, o processo criminal de Faniquita estava em andamento, afinal ela havia cometido um delito.

Um dia, Faniquita resolveu voltar para Ibirité, se encasquetou e foi morar em um formigueiro próximo de sua mãe, onde havia acontecido tudo, mas foi vivendo sua vida com sua nova família, Bela e Tadeu.

Um certo dia, Faniquita e Bela estavam em casa, quando, de repente, a campainha tocou, plin don, plin don, logo Faniquita foi atender, quando abriu a porta, ahh!, o que é isso? Com aqueles olhos arregalados, assustada, perguntou:

— O que está acontecendo? — Mal sabia ela que a polícia estava lá para levá-la presa, ela não sabia que o processo tinha dado uma condenação de oito anos e que ela tinha que ser presa para cumprir sua pena.

Então, os policiais a conduziram até a delegacia, depois ela foi para um presídio, naquele momento, Faniquita entrou em desespero, só chorava e pensava em Bela. Ficou presa, quando pensava que não tinha mais nada de ruim para acontecer, recebeu uma notícia bomba, bumm!, sua mãe havia falecido, não suportou a dor de ver sua filha presa, foi aí que Faniquita começou a viver um dos piores momentos de sua vida, ela só

desejava morrer, sentia uma dor muito grande pela perda da mãe, se culpou por aquilo ter acontecido, até os dias de hoje, guarda esse remorso. Mesmo presa, pôde ir ao velório ver sua mãe pela última vez.

Sendo assim, ficou privada de liberdade e, quando tinha um ano que cumpria a pena, teve a oportunidade de ir para um presídio diferenciado, a Apac quando ela chegou lá foi muito bem recebida, teve de volta sua dignidade, teve tratamento com respeito e pôde ter a certeza que sua família a amava e estava sempre ao lado dela para o que fosse preciso. Ela ficou muito feliz, conheceu várias pessoas boas, fez grandes amizades e o melhor de tudo: aprendeu a se perdoar pela morte da mãe, afinal, todos têm sua hora, e a mãe dela se foi porque Deus permitiu e era a sua hora.

O final dessa história ainda não tem, pois Faniquita está construindo, em breve, vai estar junto de sua família e viver felizes para sempre, como toda história termina com o final feliz, creio que a de Faniquita não será diferente.

Só para lembrar, o formigo Rômulo faleceu depois de anos do ocorrido, mas não foi por causa dos tiros, foi de infarto, acho que ele não aguentou ver Faniquita feliz com outra família, porque, no fundo, no fundo, ele ainda a amava!

Essa é a história de Faniquita, triste, feliz, cheia de altos e baixos, mas, como dizem por aí, no final, tudo dá certo!



O choro de uma sonhadora

Rosana Teixeira

Eu me chamo Rosana Teixeira e nunca tive infância; eu era muito maltratada por meus pais com palavras de baixo calão. Sou muito magoada com as minhas lembranças. Não consigo esquecer o que aconteceu com eles, eu nunca vou esquecer.

Era uma casa enorme, tinha telhado, vaso, plantas, não existia barulho de trem. Eu me lembro do cheiro da comida de minha mãe, do meu primeiro amor e do pai dos meus filhos, que se chama Rogério.

A minha maior alegria é quando estou perto dos meus filhos. Minha maior tristeza é não tê-los por perto. O meu maior sonho é ser estilista. Eu me enxergo como uma guerreira. Se hoje estou viva é por causa dos meus filhos.

Uma tão sonhada Liberdade

Shayene Gabrielle

Uma abelhinha, que morava em uma colmeia, com seu pai zangão e mais cinco irmãos, ela era a quinta de todos, se chamava Monique.

Monique era cheia de energia e gostava muito do seu irmão Estêvão. Todos os seus irmãos foram criados pelo pai zangão. O seu irmão Estêvão sempre levava Monique para onde ia. E até se escondiam juntos, quando o seu pai estava zangado e queria dar neles uma surra.

Em um dia de muita alegria, eles estavam brincando em um carrinho que seu pai havia feito com caixa de verduras. Estêvão empurrava o carrinho muito rápido e não perceberam quando uma madeira se soltou e o prego entrou na pele do braço de Monique. Estêvão só percebeu que tinha algo de errado, quando um amigo do seu pai começou a gritar com eles para pararem.

O prego enferrujado fez um buraco enorme no braço da abelhinha Monique, que, por sua vez, entrou em um grande chororô ao ver o tanto de sangue. O seu pai a levou às pressas para um posto de saúde, que ficava perto da colmeia, mas foi difícil Monique deixar o médico cuidar do seu ferimento. Zangão, por sua vez, vendo a agonia da filha, rasgou sua blusa, enrolou no braço da abelhinha e a levou para casa.



Zangão lavou o ferimento, mas, para estancar o sangue, foi preciso colocar pó de café e assim ele mesmo costurou o braço da pequena abelha.

A abelhinha foi crescendo, era apaixonada pela comida que o pai fazia. O que ela mais gostava era do frango com quiabo. Ela comia o quiabo e deixava o frango. Amava também o doce de mamão verde. Ela gostava de deitar no terreiro da colmeia e ficar olhando pro céu.

Um belo dia, seu pai conheceu uma abelha e a levou para a colmeia.

As abelhas irmãs de Monique começaram a ir embora da colmeia, deixando para trás Monique, Estêvão e Cristhian, porém eles ganharam mais quatro irmãos que cresceram todos unidos, como uma família deve ser. Monique ia duas vezes por semana para a igreja com sua nova mãe. Na colmeia, eles tinham dois cachorros e um tanto de porquinhos da Índia. Monique gosta muito de bichos.

Um dia Monique viu seu pai agredindo a madrasta e ficou pensando o que tinha acontecido. Ela pegou seus patins e saiu para brincar, antes que sobrasse pra ela.

Monique começou a trabalhar como babá, olhava seu irmão mais novo. Quando completou os seus 15 anos, ela conheceu um zangão, e aí tudo se perdeu.

Ela via seu irmão Estêvão sempre. Ela não gostava da namorada dele, e ele não gostava do namorado dela, e assim foram vivendo. Ela queria ser secretária, mas depois queria ser professora.

Passaram dois anos que Monique não morava com o irmão Estêvão e resolveu fugir da colmeia atrás dele. Lá, em outra colmeia, conheceu Dudu e ali se criou uma belíssima amizade.

Monique não sabia a dor da perda, até que, em uma noite, indo visitar o pai, ela, seu irmão e amigos foram cair em uma cilada. Assassinaram seu irmão, seu pai e um dos amigos ficou ferido. Monique entrou em profunda depressão.

Monique estava grávida de uma abelhinha, e ela não sabia mais amar, só queria vingança. A abelhinha nasceu, não chorava, não lhe dava trabalho, mas era apaixonada por sua mãe. A abelhinha era muito calada, só ficava a observar sua mãe, que, aos poucos, foi percebendo que a vida é assim: cheia de perdas, mas também tem ganhos. Seus amigos ajudaram a abelhinha no começo, até ela completar dois anos.

Um certo dia, Monique foi levada para longe de suas abelhinhas.

Passaram 12 anos que Monique se encontrava longe de sua colmeia, de suas abelhinhas. Ela sabe que errou muito, sua família fora separada. Depois da morte de seu pai e irmão, ficou com a vida totalmente desestruturada. Hoje ela se encontra na Apac de BH. Sabe que, na cadeia, várias têm histórias e que, na vida louca, poucos obtiveram glória.

O crime para ela foi a maior decepção, pois a vida é como uma roda gigante: hoje pode até estar por cima, mas amanhã está embaixo. Porém, nada é por acaso. Cresceu muito, mas sente saudade de um abraço. Espera sua liberdade, para enfim concretizar a sua felicidade. Ainda se lembra com detalhe da sua grande perda. Sua única recordação é a cicatriz que a faz viajar e a lembra do quanto foi feliz.

Hoje lê a carta de suas abelhinhas lhe pedindo pra voltar:

“Eu fecho os olhos e minha mente desenha você, tempo os ouvidos, mas consigo escutar sua voz, e me lembro da Senhora e também me lembro que não preciso chorar, pois sei que um dia a gente vai tá junto todo mundo aqui fora. Te amo.

Breno”



“Mamãe, o tempo passa rápido. A senhora está bem? Para de fazer briga, para voltar mais rápido, para a gente fazer muitas coisas legais. Eu estou com saudades. O Breno também está morrendo de saudades. Estamos te esperando sair daí, tá bom?”

Nunca esqueça que eu e o Breno estamos esperando a senhora, e nunca esqueça que eu te amo muito, mamãe. Espero que a senhora esteja bem. Te amo.

Bianca”



Era uma vez... a menina dos sonhos... que se chama Siomara

Simone Francisca

Olá!

Eu sou a Siomara, vou contar a minha história na infância.

Era uma vez, há muito tempo, eu era muito tímida, e sou até hoje. Com as pessoas que tenho amizade sou mãezona. Na minha infância foi muito bom, eu morava em um terreno com várias casas, tinha a minha avó paterna. Lá ela era a matriarca, ela que dava as ordens no lote, e todos obedeciam. Tinha muitas crianças, eram meus primos e minha única irmã, nos divertíamos muito, brincávamos de tudo.

Minha casa, apesar de simples, tinha muito amor. Minha mãe tinha apreço pelos seus móveis, principalmente a cristaleira. O quintal era enorme, muitas plantas, muitas ervas. Minha avó foi benzedeira até se converter, mas não deixou de fazer seus chás. Naquela época, os quadros de santos não havia mais, apesar de um que eu amava, que era do mar vermelho, e um do meu pai e minha mãe, que era pintado, que tenho até hoje.

As comidas eram todas maravilhosas. Tinha vários cheiros, pois eram feitas no fogão a lenha e eram feitas com muito amor. Tinha umas reuniões de todos os familiares no domingo,



no terreiro reuníamos, os rádios ficavam ligados na Itatiaia, passava de tudo.

Quando eu tinha 14 anos, meus pais faleceram em um acidente de trabalho, e muitas das alegrias acabaram, pois era o irmão mais velho que todos respeitavam. Aí, veio minha adolescência, me casei muito nova para sair de casa, para ter minhas próprias responsabilidades, pois, sem meu pai, não era a mesma coisa.

Logo, três anos depois, tive a minha filha, foi minha maior alegria com a chegada dela, e hoje eu estou longe deles. Quando eu sair daqui, o meu projeto e sonho é viajar para a Argentina, é o meu sonho que vou realizar quando sair daqui. Hoje estou aqui fazendo o meu serviço, enfermagem, por isso sou uma mãezona, cuido das pessoas com muito amor.

(Baseado nos fatos reais da vida da Siomara Aparecida).



Moranguinha empoderada

Siomara Aparecida Machado

Era uma vez, uma menina sapeca que só, muito inquieta, que vivia em um morro chamado Papagaio. O pai a chamava de Monique.

Ela vivia numa casa pequena, mas com muito calor humano, pois nessa casa pequena, viviam os pais e sete irmãos. O portão era de latão e, conforme o sol aquecia, ficava quente que só. Nessa casa, havia um pai muito carinhoso, amoroso e pescador. Então, nada mais provável que nessa casa tivesse um quadro de pescador, que retratava a seguinte imagem: um lago e, na beirada, um pescador.

Tinha muitas crianças nessa casa, de várias idades. Então era festa, porque tinha quintal e tinha frutas. A que mais Monique gostava era banana ouro.

De todos os irmãos, a mais arteira era Monique. Ia sempre ao hospital, quebrou braço, pé e o mais inusitado, com seis anos, fez cirurgia de períneo. Incrível: foi pegar meias no varal e o improvável aconteceu com Monique: caiu com pernas abertas, em cima de uma pedra, e teve que ir novamente ao hospital.

A mãe era muito brava, já não ia mais ao hospital. Quem levava Monique era tia Zam (chamada Rosângela, mas todos a



chamavam de Zam), porque a mãe já não aguentava tão ardeira que era Monique.

O pai já era mais maravilhoso e carinhoso, quando chegava de pescaria. Podia ser até de madrugada, acordava todos os filhos, para tirar fotos com os peixes que tinha pescado com maior orgulho – peixes enormes por sinal.

Monique adorava o cheiro da sopa de banana que o pai fazia e o gosto era maravilhoso. O pai era um contador de histórias de pescador.

Na casa de Monique tinha muitos pássaros, até um mico que o pai trouxe pra ela e os irmãos.

A maior alegria de Monique era ir pra casa da avó paterna, em General Carneiro (Sabará). Ia à igreja com ela, tinha muitas frutas. Já no final da infância, começando a adolescência, foi a maior tristeza de Monique, a morte do seu amado pai, com ela tendo apenas 12 anos, ficou órfã de pai.

O primeiro amor de Monique também não pôde ser vivido, pois seu irmão não permitiu. Sendo assim, Monique foi vivendo a vida, até se encontrar aqui na Apac, entre altos e baixos, mas, quando sair daqui, Monique, que agora é **Moranginha Empoderada**, tem planos de ir embora do Morro do Papagaio com os filhos, e arrumar um esposo e se casar e ser feliz.

Nem tudo são flores, mas tudo são sementes.

Só devemos saber onde plantá-las.

A Bonequinha Preta de trancinhas...

Tâmara Barbosa Araújo

Então “Era uma vez” uma Bonequinha Preta que se chama Francilane. Da pele negra e de cabelos de trancinhas, não teve uma infância muito boa. Foi triste a sua infância, sua mãe que a criou sozinha, ela e suas três irmãs. E sua mamãe teve que trabalhar duro, para levar o sustento para casa, pois não era fácil criar quatro crianças sozinha, naqueles tempos, e a Bonequinha Preta não gosta muito de relembrar sua infância.

Então a Bonequinha Preta cresceu e virou adolescente e, já da sua adolescência a Bonequinha gosta mais de relembrar. Ela aprontava muito, era bem “espuleta”. Estudou, só não concluiu os estudos, pois gostava muito de curtir a vida com os amigos, mas, nos dias de hoje, a Bonequinha se arrepende muito, muito.

Então o tempo foi passando, e a mãe de Bonequinha Preta se casou novamente. Então bonequinha se apegou ao seu padrasto, tinha ele como pai, como seu herói e, para sua tristeza, o padrasto de Bonequinha foi preso e isso foi um grande trauma para Bonequinha, que também carrega no coração a tristeza de ver sua família chorando, esperando que ela volte logo para sua casa, pois está privada de liberdade, que foi consequência de suas escolhas erradas.



Seu maior sonho é poder construir uma casa para sua mãe e ter de volta a alegria de ver toda sua família reunida e poder recomeçar sua vida ao lado deles.

(Baseado em vida real).



Um dia a sorte vem

Viviane Rodrigues Rosa

Era uma vez, na cidade de Belo Horizonte, uma garotinha nascida em 05/08/1978 que se chamava Viviane, branquinha dos olhos verdes. Viviane vem de uma família com cinco irmãos, seus pais se chamavam dona Divina e senhor Sebastião. Com um ano de idade, ela foi morar na casa de seus avós: a senhora Tereza e o senhor Domingos, no Bairro General Carneiro.

Viviane sempre foi uma menina levada e brincalhona, ela adorava caçar vagalumes e colocá-los em garrafas, para quando chegasse à noite eles iluminassem. Ela também gostava muito de brincar de cozinhar.

Na casa onde ela morava, tinha uma lagoa onde ela e sua tia brincavam todos os dias. A casinha era simples, feita de madeira, as colchas feitas de retalho, mas ali não faltava carinho e muita diversão. Ela adorava o cheirinho de terra molhada e de mato.

Após se mudar para o Bairro São Cosme, seu avô comprou uma radiola, bem grandona, em que ouvia as músicas da Xuxa. Suas bonequinhas eram feitas de espiga de milho, ela tinha uma ruivinha e outra loirinha.

Como contei anteriormente, ela era uma menina bem levada. Num dia chuvoso, seu avô cortou o pé de bananeira, e ela pegou parte do casco e usou para escorregar, e a danadinha



tomou um tombo e machucou muito, mas ficou com medo de contar, dormiu sentindo dor e só contou na manhã seguinte.

Cresceu rodeada de amigos, foi até vizinha do cantor Eduardo Costa na adolescência. Teve alguns namoradinhos, mas seu primeiro amor é Warlei, o qual é seu marido. Viviane sempre teve o sonho de se casar e ter filhos. Posso afirmar que sua maior alegria foi ter três filhos lindos. Infelizmente, se envolveu com más companhias e se envolveu com coisas erradas e acabou sendo presa. No presídio, não tinha perspectiva de vida, vivia tomando remédios.

Quando surgiu a oportunidade de vir para a Apac, no início, hesitou, e depois não quis permanecer. Aprendeu a costurar e hoje tem o projeto de levar a costura como profissão. Acredita que um dia a sorte vem e muda tudo.



